

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA**

**DESIGUALDADES NA ACADEMIA: DETERMINANTES PARA PUBLICAÇÃO EM  
PERIÓDICOS DE IMPACTO NA SOCIOLOGIA**

Rodolfo Carneiro Nóbrega

Brasília  
2018

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA**

**DESIGUALDADES NA ACADEMIA: DETERMINANTES PARA PUBLICAÇÃO EM  
PERIÓDICOS DE IMPACTO NA SOCIOLOGIA**

Rodolfo Carneiro Nóbrega

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPG-SOL) da Universidade de Brasília (UnB), para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Brasília  
2018

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**DESIGUALDADES NA ACADEMIA: DETERMINANTES PARA PUBLICAÇÃO EM  
PERIÓDICOS DE IMPACTO NA SOCIOLOGIA**

Autor: Rodolfo Carneiro Nóbrega

Orientadora: Prof. Dra. Ana Cristina Murta Collares

Banca: Prof. Dr. Luís Augusto Sarmiento  
Cavalcanti de Gusmão (UnB)  
Prof. Dr. Mathieu Turgeon (UnB)  
Prof. Dr. Carlos Benedito Martins (UnB) -  
Suplente

Brasília  
2018

À vovó Maria.

## RECONHECIMENTOS

O trabalho envolvido nesta dissertação se mostrou mais intenso do que se imaginava no início da trajetória. Tanto a confiança quanto o auxílio de amigas, amigos e familiares foram fundamentais para que o processo tivesse um fim positivo. Ansiedade, estresse, raiva foram alguns dos sentimentos recorrentes ao longo da construção desse estudo, contudo, o carinho também se fez presente, superando as adversidades encontradas durante os últimos dois anos. Dessa forma, é essencial apresentar agradecimentos especiais para cada um que estive comigo nesta etapa.

Para minha família, que desde cedo me apoiou bastante, muito obrigado! Saber da confiança de vocês no que eu estava fazendo é sempre gratificante. Mesmo com o meu humor oscilando bastante, vocês nunca deixaram de me auxiliar, me colocando calmo em diversas ocasiões. Roseane, Alvino, Rebeca, Rafael, Alessandra, Léozinho, Lyon, Luna e, aquelas e aquele que estão agora mais ainda no meu dia a dia, Leia, Sirius e minha companheira para os momentos, Maitra, meu muito obrigado!

Às amigas e amigos da UnB, dos trabalhos e de outras situações de vida, meu sincero agradecimento. Impossível trazer cada nome aqui, mas aos que me ajudaram desde o apoio psicológico até o auxílio na revisão do trabalho, agradeço demais! Vocês me deram suporte quando eu já não tinha mais vontade e confiança de continuar. A valorização de vocês foi essencial para prosseguir com essa trajetória. Saibam que guardo cada um no meu coração!

Gostaria de agradecer ao CNPq por ter proporcionado a bolsa de pesquisa para a elaboração deste estudo. A oportunidade de focar apenas na produção deste trabalho foi fundamental para construção de um projeto tão grande. Torço para que as próximas turmas de pós-graduação possam ter também essa chance. Agradeço à minha orientadora Ana Cristina pelo trabalho em conjunto. Foi um período bastante árduo, mas que no fim deu um resultado bem positivo. Finalmente, à banca pela leitura e apontamentos sobre o trabalho.

## RESUMO

O estudo investiga quem são os autores que publicam nos periódicos de alto impacto em Sociologia e quais os determinantes que possibilitam que este perfil majoritário publique academicamente. Para a pesquisa, produzimos informações de 10 periódicos de sociologia no intervalo de 2004 até 2016. As revistas selecionadas aceitam artigos sobre qualquer tema sociológico e sobre qualquer país. Cinco delas foram escolhidas conforme posicionamento em indicadores de impacto (*American Journal of Sociology*, *American Sociological Review*, *European Sociological Review*, *Sociology* e *The British Journal of Sociology*) e as demais foram sorteadas (*Current Sociology*, *Sociological Inquiry*, *Sociological Perspectives*, *Sociological Spectrum* e *The Sociological Review*) para serem usadas como parâmetro de comparação. Os determinantes considerados para análise são: publicação em coautoria; país e região da instituição do autor; *ranking* de instituição; temática do artigo. Para análise do resultado foram utilizadas a regressão logística, a análise de discurso e análises descritivas. A hipótese principal é de que a posição, no *ranking* de universidades, da instituição de ensino a que o autor pertence é o que mais impacta a publicação de artigos nos periódicos de destaque. Hipóteses alternativas também foram propostas: i) trabalhos com metodologia quantitativa aumentam a chance de publicação nessas revistas por serem mais visados por esses periódicos de destaque, pois são aqueles que provavelmente possibilitam maior número de citações em curto prazo; ii) estudos locais do sul/periferia tem menor chance de publicação nessas revistas. Os resultados confirmam as hipóteses propostas. A chance de publicação é maior para autores da Europa e Estados Unidos. Estar filiado às instituições do topo do *ranking* de universidades aumenta ainda mais as chances de publicação. Além disso, determinantes como publicar em coautoria, embasar o estudo em uma análise quantitativa e publicar sobre a Europa aumentam ainda mais a chance de publicar nos periódicos de destaque. Em contrapartida, os resultados confirmam que a chance de publicação diminui se o artigo abordar apenas os países do sul/periferia. A publicação ainda está muito concentrada em certas regiões, gerando uma desigualdade intra-regional e inter-regional na difusão do conhecimento sociológico. Acreditamos que as descobertas desse estudo podem ser razoavelmente generalizadas para diversas outras áreas do conhecimento acadêmico.

Palavras-chave: *rankings* de classificação de universidades; *rankings* de classificação de periódicos; *World-Class Universities*; publicação; bibliometria; desigualdade; difusão do conhecimento científico.

## ABSTRACT

The study investigates who are the authors that publish in high impact journals of Sociology and what are the determinants that allow these authors to publish academically. For the research, we collected information from 10 sociology journals between 2004 and 2016. The journals that have been selected accept articles on any sociological topic and on any country. Five were chosen according to their position in impact indicators (American Journal of Sociology, American Sociological Review, European Sociological Review, Sociology and The British Journal of Sociology) and the others were chosen randomly (Current Sociology, Sociology Inquiry, Sociological Perspectives, Sociological Spectrum and The Sociological Review) to be used as a parameter for comparison. The determinants used for analysis are: publication co-authorship; country and region of the author's institution; ranking of institution; theme of the article. Logistic regression, discourse analysis, and descriptive analyzes were used to analyze the result. The main hypothesis is that the position, in the ranking of universities, of the educational institution to which the author belongs, is what most impacts the chance of publication in prominent journals. Alternative hypotheses were also put forward: i) quantitative work increase the chance of publication in these journals to as they are sought after by these prominent journals, as are those who probably allow greater number of short-term quotations; ii) local studies in the global south/periphery are less likely to be published in these journals. The results confirm the proposed hypotheses. The chance of publication is greater for authors in Europe and the United States. Being affiliated to the top ranking universities result in more chances of publication. In addition, determinants such as co-authorship, base the study on a quantitative analysis and publish on Europe further increase the chance to publish in leading journals. In contrast, the results confirm that the chance of publication decreases if the article addresses only the southern/peripheral countries. The publication is still very concentrated in certain regions, generating intra-regional and interregional inequality in the diffusion of sociological knowledge. We believe that the findings of this study can be somewhat generalized to several other areas of academic knowledge.

**Keywords:** rankings of universities; rankings of journals; World-Class Universities; Publication; bibliometrics; inequality; diffusion of scientific knowledge.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 2.1 – Seleção dos periódicos .....	30
Gráfico 4.1 - Posição das revistas por país .....	51
Gráfico 4.2 – Posição das revistas por língua.....	52
Gráfico 4.3 – Percentual das revistas por região e por banco de periódicos .....	54
Figura 4.1 – Autores mais frequentes nos periódicos analisados – <i>Google Scholar</i> .....	60
Quadro 4.1 – Principais revistas por índices .....	67
Quadro 4.2 – Principais revistas de Sociologia e Política Social por índices .....	68
Quadro 4.3 – Critérios do <i>Academic Ranking of World Universities (ARWU)</i> .....	73
Quadro 4.4 – Critérios do <i>World University Ranking (WUR)</i> .....	75
Gráfico 5.1 – Vinculação às instituições da América do Norte e Europa - Índice.....	82
Gráfico 5.2 – Vinculação às instituições das outras localidades - Índice.....	83
Gráfico 5.3 – Vinculação às instituições da América do Norte e Europa - Sorteio .....	83
Gráfico 5.4 – Vinculação às instituições das outras localidades - Sorteio .....	84
Gráfico 5.5 – Variação de publicação do primeiro quadriênio (2004-2007) em comparação com o último (2013-2016) por região e categoria de seleção .....	85
Gráfico 5.6 – Percentual de publicação nas revistas do índice e sorteio por região.....	87
Gráfico 5.7 – Percentual de publicação nas revistas do índice e sorteio na América do Norte.....	88
Gráfico 5.8 – Percentual de publicação nas revistas do índice e sorteio na Europa.....	88
Gráfico 5.9 – Percentual de publicação nas revistas do índice e sorteio na África .....	89
Gráfico 5.10 – Percentual de publicação nas revistas do índice e sorteio na América Latina .	90
Gráfico 5.11 – Percentual de publicação nas revistas do índice e sorteio na Ásia.....	91
Gráfico 5.12 – Percentual de publicação nas revistas do índice e sorteio na Oceania .....	92
Gráfico 5.13 – Percentual do EUA e RU por intervalo de tempo .....	93
Gráfico 5.14 – Nações com maior percentual de publicação por intervalo de tempo.....	93
Gráfico 5.15 – Variação de publicação do primeiro quadriênio (2004-2007) em comparação com o último (2013-2016) nos países do norte/centro .....	94
Gráfico 5.16 – Variação de publicação do primeiro quadriênio (2004-2007) em comparação com o último (2013-2016) nos países do sul/periferia .....	95
Gráfico 5.17 – Chance de publicação, por região, nas revistas de impacto .....	96
Gráfico 5.18 – Média do <i>ranking</i> das instituições.....	98
Gráfico 5.19 – Chance de publicação, por posição no <i>ranking</i> de instituições, nas revistas de impacto .....	99
Gráfico 5.20 – Posição das universidades latino-americanas no <i>ranking</i> ARWU – 2003-2017 .....	100
Gráfico 5.21 – Posição das universidades chinesas no <i>ranking</i> ARWU – 2003-2017.....	101



Gráfico 5.22 – Posição das universidades da Singapura e Coréia do Sul no <i>ranking</i> ARWU – 2003-2017.....	102
Gráfico 5.23 – Interação entre filiação à Ásia e estar em instituições do top 100 representadas por probabilidade marginal.....	103
Gráfico 5.24 – Interação entre filiação à Oceania e estar em instituições do top 100 representadas por probabilidade marginal.....	104
Gráfico 5.25 – Número de artigos por ano – 2004-2016.....	105
Gráfico 5.26 – Percentual de artigos em edições especiais e em coautoria – 2004-2016 .....	106
Gráfico 5.27 – Percentual de artigos em edições especiais por categoria de seleção – 2004-2016 .....	107
Gráfico 5.28 – Percentual de artigos em coautoria por categoria de seleção – 2004-2016....	109
Figura 5.1 – Grafo de coautoria.....	111
Gráfico 5.29 – Interação entre filiação da autora e a coautoria representadas por probabilidade marginal.....	112
Figura 5.2 – Grupos 1 a partir do método Reinert – 2004-2016 .....	114
Figura 5.3 – Grupos 2 a partir do método Reinert – 2004-2016 .....	115
Figura 5.4 – Grupos 2 a partir do método Reinert (termos no plano cartesiano) – 2004-2016 .....	117
Figura 5.5 – Grupos 2 a partir do método Reinert (categorias no plano cartesiano) – 2004-2016 .....	118
Figura 5.6 – Análise de Similitude – 2004-2016.....	119
Figura 5.7 – Grupos 2 a partir do método Reinert – 2004-2006 .....	120
Figura 5.8 – Grupos 2 a partir do método Reinert (termos no plano cartesiano) – 2004-2006 .....	122
Figura 5.9 – Nuvem de termos por categoria de seleção – 2004-2016 .....	123
Gráfico 5.30 – Temas por região nos periódicos do índice – 2004-2016.....	124
Gráfico 5.31 – Temas por região nos periódicos do sorteio – 2004-2016 .....	124
Figura 5.10 – Nuvem de palavras dos artigos que citam localidades do sul global/periféricas – 2004-2016.....	126
Figura 5.11 – Nuvem de palavras dos artigos que citam localidades do sul global/periféricas por categoria de seleção – 2004-2016 .....	127
Figura 5.12 – Grafo de citações dos artigos que citam alguma localidade do sul/periferia ou são de autoras do sul/periferia – 2004-2006 e 2014-2016 .....	129
Gráfico 5.32 – Interação entre filiação da autora e análise quantitativa representadas por probabilidade marginal .....	132
Gráfico 5.33 – Interação entre filiação da autora e conteúdo sobre a Europa representadas por probabilidade marginal .....	133
Gráfico 5.34 – Interação entre filiação da autora e conteúdo sobre o sul/periferia representadas por probabilidade marginal.....	133
Quadro 5.1 – Revistas do sul/periferia selecionadas para comparativo .....	135

Gráfico 5.35 – Percentual de artigos quantitativos e índice H por categoria e localidade das revistas do sul/periferia.....	136
Figura 5.13 – Grupos a partir do método Reinert das revistas selecionadas pelo índice e sorteio – 2014-2016.....	137
Figura 5.14 – Grupos a partir do método Reinert das revistas do sul/periferia – 2014-2016	138
Figura 5.15 – Grupos a partir do método Reinert das revistas selecionadas pelo índice e sorteio (termos no plano cartesiano) – 2014-2016 .....	139
Figura 5.16 – Grupos a partir do método Reinert das revistas selecionadas pelo índice e sorteio (categorias no plano cartesiano) – 2014-2016.....	140
Figura 5.17 – Grupos a partir do método Reinert das revistas do sul/periferia (termos no plano cartesiano) – 2014-2016 .....	141
Figura 5.18 – Grupos a partir do método Reinert das revistas do sul/periferia (categorias no plano cartesiano) – 2014-2016 .....	142
Gráfico 5.36 – Interação entre filiação à América Latina, coautoria, pesquisa quantitativa e conteúdo sobre a Europa representadas por probabilidade marginal .....	144
Gráfico 5.38 – Interação entre filiação à Ásia, coautoria, pesquisa quantitativa e conteúdo sobre a Europa representadas por probabilidade marginal.....	145
Gráfico 5.39 – Interação entre filiação à Oceania, coautoria, pesquisa quantitativa e conteúdo sobre a Europa representadas por probabilidade marginal.....	146
Gráfico 5.40 – Interação entre filiação à Europa, coautoria, pesquisa quantitativa e conteúdo sobre a Europa representadas por probabilidade marginal.....	146
Gráfico 5.41 – Interação entre filiação à Europa, publicar sozinho, pesquisa não quantitativa e conteúdo sobre o sul/periferia representadas por probabilidade marginal .....	148

## LISTA DE TABELAS

Tabela 4.1 – Percentual de revistas em comum por região .....	55
Tabela 4.2 – Percentual de categorias das revistas por banco de periódicos.....	56
Tabela 4.3 – Revistas gerais com maiores índices – Indicador SJR.....	58
Tabela 4.4 – Revistas de Sociologia e Política Social com maiores índices – Indicador SJR .	58
Tabela 4.5 – Revistas gerais com maiores índices – Índice H .....	61
Tabela 4.6 – Revistas de Sociologia e Política Social com maiores índices – Índice H.....	61
Tabela 4.7 – Revistas gerais com maiores índices – Fator de Impacto .....	62
Tabela 4.8 – Revistas de Sociologia e Política Social com maiores índices – Fator de Impacto .....	62
Tabela 4.9 – Revistas gerais com maiores índices – Índice Imediato .....	63
Tabela 4.10 – Revistas de Sociologia e Política Social com maiores índices – Índice Imediato .....	64
Tabela 4.11 – Revistas gerais com maiores índices – <i>Eigenfactor</i> .....	65
Tabela 4.12 – Revistas de Sociologia e Política Social com maiores índices – <i>Eigenfactor</i> ...	65
Tabela 4.13 – Posição das revistas gerais por índice.....	69
Tabela 4.14 – Posição das revistas de Sociologia e Política Social por índice .....	70
Tabela 4.15 – Percentual das localidades por posição no <i>Academic Ranking of World Universities</i> (ARWU).....	74
Tabela 4.16 – Percentual das localidades por posição no <i>World University Ranking</i> (WUR).76	
Tabela 5.1 – Modelos criados para compreender as chances de publicar nos periódicos do índice (resultados em razão de chance).....	81
Tabela 5.2 – Chances de publicar nos periódicos do índice com acréscimo da Edição Especial (resultados em razão de chance).....	108
Tabela 5.3 – Chances de publicar nos periódicos do índice com acréscimo da Coautoria (resultados em razão de chance).....	112
Tabela 5.4 – Percentual de citação as revistas das regiões pela metodologia de seleção.....	130
Tabela 5.5 – Chances de publicar nos periódicos do índice com acréscimo da Análise Quantitativa (resultados em razão de chance) .....	131

## LISTA DE SIGLAS

*Academic Ranking of World Universities* (ARWU)

*American Journal of Sociology* (AJS)

*American Sociological Review* (ASR)

*Current Sociology* (Current)

Estados Unidos (EUA)

*European Sociological Review* (ESR)

Fator de Impacto (FI)

*International Standard Serial Number* (ISSN)

*Journal Citation Reports* (JCR)

Reino Unido (RU)

*SCImago Journal & Country Rank* (SCImago)

*Sociological Inquiry* (Inquiry)

*Sociological Perspectives* (SocPer)

*Sociological Spectrum* (Spectrum)

*The British Journal of Sociology* (BJS)

*The Sociological Review* (SocRev)

*World University Ranking* (WUR)

*World-class university* (WCU)

## SUMÁRIO

1 Introdução.....	14
2 Metodologia.....	25
3 Análise Bibliométrica – Problemas e Controvérsias .....	34
3.1 Periódicos .....	35
3.2 Instituições.....	43
4 Os <i>rankings</i> .....	48
4.1 Banco de periódicos.....	48
4.1.1 Revistas comparadas entre dois bancos.....	50
4.1.2 Índices.....	57
4.2 Ranking de instituições.....	71
5 Análises e Resultados .....	78
5.1 Perfil .....	81
5.1.1 Continente.....	82
5.1.2 Países da filiação institucional.....	87
5.1.3 Ranking.....	97
5.2 Artigos .....	104
5.2.1 Edição especial e coautoria .....	105
5.2.2 Temática .....	113
5.3 Determinantes.....	143
6 Discussões .....	149
Referências Bibliográficas.....	155

## 1 Introdução

Os sistemas de produção e divulgação do conhecimento científico vêm sofrendo diversas transformações ao longo deste século, a maioria delas atreladas à difusão da internet. A rede expandiu o acesso aos estudos científicos nas suas mais diversas formas - livros, artigos, ensaios, monografias e outros. Não apenas se expandiu a divulgação desse conhecimento, mas também sua produção. Dados retirados da base de revistas disponibilizada pelo *SCImago Journal & Country Rank (SCImago)*, por exemplo, indicam que o número de periódicos (e, conseqüentemente, de artigos) científicos aumentou de forma expressiva nos últimos 20 anos. Em 1999, esse banco de dados abrangia 16 mil periódicos; em 2016, já eram aproximadamente 29 mil revistas, ampliando em 82% o número de revistas nesses 17 anos, com uma correspondente ampliação do número de artigos, que cresceu 112%, passando de 1,2 milhão para 2,5 milhões durante esse período na base do *SCImago*.

Esses repositórios de revistas científicas similares ao que acabamos de mencionar, além de dispor de informações dos periódicos, possibilitam sua classificação a partir de índices que usam as citações como métrica determinante para seu cálculo. A própria página *on-line* das revistas em geral disponibiliza as métricas calculadas pelos repositórios, além de oferecer, em muitos casos, o artigo completo para leitura, seja mediante pagamento de taxas seja em acesso aberto.

Tal cenário ampliou enormemente a oportunidade de divulgar estudos que antes enfrentariam problemas para serem publicados e distribuídos, seja pelo menor número de periódicos anteriormente existente, seja pelo fato de que o acesso a estes se dava apenas através das revistas impressas. Ademais, o maior acesso e a maior abrangência geográfica desse acesso viabilizaram mais ampla comunicação entre pessoas que estudam temas semelhantes, facilitou as publicações em co-autoria e a formação de redes multinacionais de pesquisadores.

A princípio, portanto, nós temos hoje mais contato com o que está sendo produzido em outras localidades e dessa forma, dispomos de um leque de possibilidades com que antes não contávamos. Conquanto, se olharmos com mais detalhamento para essa expansão no volume das publicações e para a abrangência de sua divulgação, bem como para os periódicos que se encontram em posições de destaque nos repositórios de revistas, vemos que existem vieses entre aquilo que é produzido ao redor do mundo e aquilo que é efetivamente

publicado/acessado. Em primeiro lugar, os artigos constantes nos repositórios de maior destaque, em geral aqueles que produzem os rankings de ordenamento dos periódicos, são dominados pela língua inglesa (HEILBRON, 2015; KEIM, 2008; MARTÍN, 2013) e circunscrevem-se a um número específico de campos de estudo (VAN RAAN, 2011).

O crescimento das publicações nesta língua foi naturalmente acompanhado por uma diminuição na representatividade dos demais idiomas nos meios de divulgação dos periódicos. Uma supervalorização da produção em língua inglesa também se traduz assim em diferenças nas probabilidades de publicar para aqueles para aqueles que não têm o inglês como língua nativa, em relação aos nativos de inglês. Publicações em outros idiomas são em geral lidas por um público mais restrito, resultando em desigualdades nas chances de difusão do conhecimento produzido em diferentes localidades. As consequências desse cenário discutiremos ao longo do trabalho, mas podemos adiantar que quatro países (Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha e Holanda) publicam dois terços do total de artigos divulgados atualmente (GINGRAS & MOSBAH-NATANSON, 2010).

Alternativas nas localidades em que o inglês não é o principal idioma são os repositórios de menor abrangência. Na América Latina, por exemplo, o *SciELO*<sup>1</sup> conta com revistas e artigos da Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Espanha, México, Peru, Portugal e Venezuela. As publicações contidas nesse banco são de acesso aberto, o que estimula o conhecimento de trabalhos similares dentre os países participantes. Mesmo diante dessas alternativas, que fazem com que periódicos de outros idiomas sejam lidos por um público maior, as revistas em inglês acabam sendo mais valorizadas nos rankings que as classificam pelo uso de critérios que as favorecem, como número de citações.

Além dos vieses relacionados ao idioma, existem também diferenças relacionadas à valorização dos diferentes campos de estudo. As revistas das áreas de biológicas e saúde são aquelas que se sobressaem em relação aos outros campos de conhecimento. Larivière e Gingras (2009) destacam, em estudo acerca das citações de 1900 até 2007, que a taxa de não citação varia expressivamente por campo: 12% dos artigos das ciências médicas não são citados, 32% para as ciências sociais e 82% para as humanidades. Van Raan (2011), em estudo sobre as ciências sociais, apontou que há menor conformidade de ideias no que consiste uma perspectiva científica em relação às ciências médicas e naturais. A classificação das revistas a partir de

---

<sup>1</sup> Base de dados bibliográfico, biblioteca digital e modelo cooperativo de publicação digital de periódicos de acesso aberto.

índices que utilizam as citações impacta diretamente nesse campo que, além de necessitar de um tempo maior para a contagem das citações, tem suas outras formas de produção (monografias, teses e livros) esquecidas ao avaliar o desempenho de pesquisa na área. Em vista disso, a publicação em revistas, em muitos casos, não reflete o que está sendo produzido, pois não se leva em consideração outras formas de registros. Esse impacto das citações não é restrito apenas aos repositórios de revistas e suas formas de classificação. As universidades também são classificadas e uma das principais variáveis para mensurar a produção científica nessas instituições de ensino também é a citação.

Isto posto, a publicação em periódicos pode não representar o que está sendo produzido em um campo. Mais ainda, e se o intuito da pesquisadora<sup>2</sup> é disseminar seu trabalho em revistas internacionais, é necessário ter fluência na escrita em língua inglesa ou ter recursos financeiros para tal (KEIM, 2008). Então por que estudar a publicação científica em periódicos? Esse questionamento pode ser respondido se pensarmos na diferença entre publicar em periódicos nacionais e em revistas internacionais. Se uma brasileira decide publicar seu trabalho em uma revista do Brasil, ela atingirá um público-alvo específico. Agora, se a mesma pesquisadora resolve publicar em um periódico de língua inglesa, o público-alvo aumentará tanto por o artigo utilizar um idioma mais disseminado dentro da ciência, como por veicular sua pesquisa em um periódico de difusão mais ampla nos meios acadêmicos. Assim, a língua, entre outros fatores, pode criar desigualdades na maneira com que a ciência é disseminada, como também na valorização da própria produção de conhecimento, criando desequilíbrios de poder entre países de acordo com seus idiomas e com os recursos investidos na ciência. Essas desigualdades podem ocorrer entre regiões do globo, entre instituições e entre pesquisadoras.

As formas de propagação do conhecimento científico podem ser detectadas tanto pelo número de citações quanto pelos índices que buscam mensurá-las. O *SCImago*, por exemplo, além de ser uma base de revistas, apresenta um índice próprio com o intuito de ranquear os periódicos. Este e outros índices – como o  $H^3$  – foram criados para avaliar o impacto ou qualidade das revistas. A classificação a partir deles não possui influência exclusiva no cenário de publicação, mas também em quem lê, no que se lê e nos usos do conhecimento visando a aplicação em políticas públicas. Assim, as desigualdades nas formas de difusão do

---

<sup>2</sup> Optamos pela flexão no feminino para destacar o coletivo de autoras e autores pesquisados.

<sup>3</sup> Criado por Jorge Hirsch, o índice H tem como objetivo estimar a produtividade de uma determinada autora, departamento, país, etc. No quarto capítulo apresentaremos um detalhamento sobre ele e outros indicadores.



conhecimento afetam não apenas a própria produção desse conhecimento, mas seus usos, traduzindo-se em novos tipos de desigualdade e desequilíbrio de poder.

Hoje, além da existência de diversos *rankings* de periódicos, há, também, *ranking* de instituições. Da mesma forma que o primeiro, o segundo faz uso do número de citações em suas metodologias. Além dessa métrica, o número de artigos impacta diretamente na posição da universidade – os principais *rankings* dispõem atribuem um peso alto em suas métricas para o número de artigos e para o número de citações dos pesquisadores de cada instituição. Dessa forma, a relação entre esses dois tipos de *ranqueamento* é importante para a visibilidade da produção das pesquisadoras que publicam, pois, ter mais artigos em revistas de indicadores elevados possibilita maior oportunidade de citações e, quanto maior o número de citações, mais bem posicionada a instituição estará. Logo, se o objetivo é subir no *ranking* de instituições, é preferível, além de aumentar a produção, publicar nos periódicos de alto impacto. Essa relação entre os dois *rankings* é um dos argumentos que será abordado ao longo do estudo. Ele surgiu a partir da leitura de diversos trabalhos que discutem o fenômeno dos *rankings* de instituições (MARTINS, 2015; SHIN, 2012; WANG & WANG & LIU, 2011; MA, J. C & B.M, 2012) e de *rankings* de periódicos (World Social Science Report: Knowledge Divides; LEYDESDOFF, 2016; VAN RAAN, 2012; KEIM, 2010; NEDERHOF, VAN LEEUWEN e VAN RAAN, 2010), os quais tem abordado, inclusive, a existência de critérios comuns que são utilizados em ambos os *rankings* para a mensurar a produção e a relevância científica.

Diversos países usam esses *ranqueamentos* para pautar suas estratégias quanto ao uso do financiamento na educação. A China, a partir do Projeto 985, gerido pelo governo, tinha como objetivo estimular o posicionamento de nove universidades. Estas eram vistas como expressivas em produções universitárias e capazes de competirem internacionalmente. Com essa e outras políticas, a China se tornou um dos maiores produtores de artigos, tendo atingido 6% do volume mundial (MARTINS, 2015). Outros países seguem lógica semelhante: Coreia do Sul, Singapura e Alemanha apresentam políticas voltadas para os resultados do *ranking* ao mesmo tempo que buscam posições mais elevadas. Na Alemanha, foi criado pelo governo, em 2005, o Programa Excelência Iniciativa, que investiu 1,9 bilhão de dólares visando medidas inovadoras para o ensino superior. Entre os objetivos do programa estava a criação de universidades do país como *world-class university*<sup>4</sup> para ocupar posições de relevância nos

---

<sup>4</sup> As universidades conhecidas como *world-class university* possuem um ambiente cosmopolita criado do recrutamento internacional de docentes e discentes. A estrutura financeira e a participação do governo são fatores

*ranqueamentos*. Ademais, nações como Estados Unidos (EUA), Austrália e Inglaterra estabelecem elevadas taxas de cobrança para estudantes estrangeiras com o intuito de movimentar a economia. Esses *ranqueamentos* não servem apenas para as instituições, também são ferramentas utilizadas pelo corpo docente e discente. Estudantes buscam por locais bem ranqueados para estudar, enquanto pesquisadoras procuram instituições bem ranqueadas para se filiar.

Desta forma, acreditamos que a publicação em periódicos possibilita, em momento posterior, atrair mais investimentos para a instituição à qual a pessoa que publicou está vinculada. É uma via de mão dupla na qual a instituição fomenta a publicação das pessoas que estão vinculadas a ela e a maior publicação atrai outras pesquisadoras para essa instituição. Assim, mesmo diante de todo o questionamento, esse cenário está consolidado dentro do mercado de publicação. Há uma necessidade clara da utilização de indicadores para ranquear periódicos e instituições, pois é com base neles que políticas e estratégias são pensadas para o financiamento na área de educação e para o movimento da economia da localidade a partir da captação de estudantes de outros países.<sup>5</sup>

Diante desse breve relato, observamos que publicar em periódicos tem repercussão expressiva, principalmente se vemos, como um dos resultados finais, o financiamento na instituição à qual a pessoa que publicou está vinculada. No atual contexto de globalização da educação superior, no qual instituições lutam para subir nos *rankings* de prestígio acadêmico e atrair mais estudantes de todo o mundo, o *status* de pesquisadoras e de suas instituições são largamente influenciados pelas publicações. As desigualdades na possibilidade de publicação em periódicos bem avaliados nos *rankings* internacionais geram disparidades na própria produção acadêmica das instituições, o que têm diversas consequências para os países que as abrigam.

Nosso estudo se pautou em observar este ponto: quem são as pessoas que publicam nos periódicos de alto impacto e quais determinantes possibilitam que essas pessoas publiquem. Para isso, este trabalho vai se circunscrever a revistas de Sociologia. O motivo dessa escolha é verificar se os periódicos desse campo de estudo passaram a ter uma produção mais quantitativa

---

determinantes para sua consolidação. Teoricamente, essas instituições possuem uma produção com influência global por servir à população mundial.

<sup>5</sup> Nem todas as nações fazem parte da conjuntura, contudo aquelas que ocupavam posições distantes do topo, tais como França e Alemanha, estão buscando estratégias com o objetivo de subir na classificação (DEEM, HO MOK e LUCAS, 2008).

visando mais citações para uma possível busca por melhores posições nos *rankings* de revistas; aliado a isso, o intuito de compreender o perfil das pessoas que publicam é investigar se há uma relação entre os dois *ranqueamentos*, isto é, se as pessoas filiadas às universidades de destaque são aquelas com mais chance de publicar em periódicos de impacto.

Com o objetivo de compreender os determinantes, a existência da influência mútua entre *rankings* de periódicos e *rankings* de instituições e como isso molda a lógica da produção científica nas ciências sociais hoje, utilizamos como foco de pesquisa autoras e os artigos publicados nas revistas de Sociologia. Para esse fim, vamos verificar se há uma mudança no perfil das pessoas que publicavam 10 anos atrás em periódicos de alto impacto na área de Sociologia em relação ao perfil das que publicam nessas mesmas revistas atualmente. Para isso, produzimos informações de 10 periódicos de Sociologia no intervalo de 2004 até 2016. Dois elementos foram considerados para a escolha das revistas: 1) aceitam trabalhos de qualquer país; 2) aceitam trabalhos sobre qualquer temática. Essas informações foram retiradas do próprio *site* das revistas. Visando o entendimento de quais determinantes impactam mais na publicação dos periódicos, selecionamos as revistas de duas formas: 1) cinco foram escolhidas conforme os indicadores, dessa forma, são aqueles de destaque dentro da produção científica de Sociologia; 2) as outras cinco foram sorteadas com o objetivo de serem comparadas. Os fatores considerados para a análise são:

- Publicação em edição especial;
- Coautoria;
- Temática;
- País de vinculação;
- Região de vinculação;
- Linguagem do país de vinculação;
- *Ranking* de instituição;
- *Ranking* de periódico.

Para a análise dos determinantes, usaremos a técnica de regressão logística. Essa técnica estatística permite estimar a probabilidade de determinado evento ocorrer perante um conjunto de variáveis. Basicamente, a regressão informa a chance de um fenômeno acontecer,

por exemplo: qual a chance de uma pesquisadora vinculada a uma instituição que ocupa a primeira posição de um *ranking* de instituição publicar em um periódico de alto índice.

Além da regressão, utilizaremos outras técnicas para aprofundar na discussão sobre os resultados encontrados. Fora a estatística descritiva em grande parte dos determinantes, usamos outras duas técnicas: 1) análise de redes; 2) análise de discurso. A primeira foi empregada para a coautoria e para a temática. Na coautoria, identificamos a relação entre os países. Essa análise, por meio da teoria dos grafos<sup>6</sup>, possibilitou investigar, mediante dados relacionais, as aproximações e distanciamentos entre os países com o objetivo de verificar aqueles que ocupam posição de centralidade, isto é, que são mais passíveis de serem citados por um número maior de países. Além disso, a análise apresenta posições de marginalidade, identificando nações que não possuem conexões com outras. No que se refere ao tema dos artigos, verificamos nestes as citações que mencionam, de alguma forma, localidades do sul/periferia ou que foram publicados por alguém dessas localidades. O objetivo foi investigar se esses artigos citam revistas das regiões do sul/periferia ou reproduzem a estrutura de assimetria com citações aos periódicos do centro/norte. A análise de redes, baseada na teoria dos grafos, possibilita essa identificação apresentando as revistas que ocupam as posições de maior centralidade. A segunda foi empregada para verificar as principais temáticas que surgiram. Para essa investigação, utilizamos um *software* livre chamado *Iramuteq*. Vinculado ao R, esse programa permite analisar, por meio de cálculos estatísticos e matemáticos, *corpus* textuais a partir da aproximação entre termos. Assim, conseguimos identificar quais são os principais assuntos desses artigos e a distinção entre as revistas selecionadas por sorteio e por índice. Além disso, se houve uma mudança ao longo dos anos.

Nossa hipótese principal é de que a posição, no *ranking* de universidades, da instituição de ensino a que o autor pertence é o que mais impacta a publicação nos periódicos de destaque. Além desta, as hipóteses secundárias são:

- A língua inglesa facilita a publicação nos periódicos de Sociologia de maior prestígio nos *rankings*, pois estes são todos de língua inglesa.
- Trabalhos quantitativos aumentam a chance de publicação nessas revistas por serem mais visados por esses periódicos de destaque, pois são aqueles que provavelmente possibilitam maior número de citações em curto prazo.

---

<sup>6</sup> A Teoria dos Grafos é um dos instrumentos para interpretação das redes e possibilita, por meio de embasamento matemático, a verificação de conexões por aproximações e distanciamentos.

- Outra hipótese é que estudos locais do sul/periferia tem menor chance de publicação nessas revistas. Acreditamos que a chance de uma pesquisadora da América Latina publicar exclusivamente sobre algum país latino-americano é menor do que uma pesquisadora da mesma região abordando um estudo comparativo com países da América do Norte ou Europa.

Como estamos abordando uma fração das publicações em Sociologia, os resultados encontrados no nosso estudo podem ser usados como embasamento para trabalhos similares em outras áreas de conhecimento. Se a relação entre os dois *rankings* se confirmar em uma área que não apresenta alta taxa de citações, como no caso das ciências sociais, isso pode ser ainda mais expressivo em campos como biológicas e saúde ou em publicações na *Science* e na *Nature*.

Keim (2008) apresentou, em seu artigo, uma síntese do debate contemporâneo sobre a circulação de ideias dentro da Sociologia com o objetivo de elucidar empiricamente os debates sobre as posições de assimetria e circulação de ideias entre centro/periferia e norte/sul. A autora destacou que o estudo dos periódicos, a partir da análise bibliométrica, apresenta embasamento para discussão de posições de centralidade e marginalidade. Neste estudo, nosso intuito é similar ao de Keim, todavia, não nos aprofundaremos com detalhe no debate que tem discutido as assimetrias na produção do conhecimento entre nações do norte/centro<sup>7</sup> e sul/periferia<sup>8</sup>, ou sobre temas como eurocentrismo, colonialismo e imperialismo. Com o trabalho, queremos compreender os fatores que mais impactam na produção e publicação de conhecimento a partir da análise bibliométrica. Em alguns trechos deste trabalho, apresentaremos breves apontamentos relativos a contribuições do debate sobre a circulação desigual de ideias e sobre a divisão internacional do trabalho intelectual nas ciências sociais.

A crítica do eurocentrismo dos *rankings* e das desigualdades dos critérios de classificação não é o objetivo do presente trabalho, contudo, torna-se fundamental pontuar que este estudo apresenta resultados que podem servir de insumos para a discussão dos quadros de desigualdade que estão inseridos na Sociologia e que geram problemas como a reprodução do eurocentrismo, a concentração do debate no norte global/centro e a exclusão de outros saberes.

---

<sup>7</sup> Para esse trabalho usaremos as duas concepções para tratar dos países da Europa e da América do Norte que historicamente apoderam-se de posições de poder a partir da posição ocupada por metrópole colonial.

<sup>8</sup> Usaremos os dois conceitos para tratar de nações das seguintes regiões: África, América Latina, Ásia e Oceania. Compreende como sul global/periferia os países localizados fora do eixo do Atlântico Norte e que foram concebidas a partir de subalternidade seja na produção científica ou na produção do trabalho a partir do processo de colonização.

Estudos pós-coloniais, subalternos, decoloniais, sociologias indígenas e do sul/periferia têm criticado esse caráter hegemônico do norte/centro há bastante tempo. A crítica ao eurocentrismo como princípio orientador da produção de conhecimento nas ciências sociais, baseado na subalternização do pensamento social posicionado fora da Euro-América, encontra embasamento empírico quando verificamos que 92% da produção de ‘alto impacto’ de Sociologia entre 2004 e 2016 foi produzida por pesquisadoras vinculadas à América do Norte ou Europa. Os Estados Unidos emergiram enquanto potência econômica central no século XX, e, apesar de não ter participado da experiência colonial que moldou o mundo dos séculos XVI ao XIX, compartilha e se beneficia, em sua produção intelectual, de princípios epistemológicos herdeiros do eurocentrismo.

Não apenas o discurso em relação ao eurocentrismo pode ser observado a partir dos dados encontrados, mas a noção de imperialismo acadêmico é pertinente para compreender o debate no cenário de publicações, pois permite assimilar a dominação do norte/centro sobre o sul/periferia no viés educacional. Segundo Alatas, S. H. (2000) ao dissertar sobre o impacto do colonialismo sobre a produção acadêmica da Malásia, além do objetivo de exploração econômica, também havia a articulação da hegemonia colonial por meio da subordinação no campo do conhecimento. No interior deste processo, aprofundou-se o domínio metropolitano sobre a produção intelectual das colônias a partir do controle e gestão de escolas, universidades e editoras, aliada ao condicionamento de papel secundário aos intelectuais dos países colonizados em relação à produção científica do norte/centro. A imposição dessa lógica de controle e dominação sobre a produção do conhecimento, com o passar dos séculos, mesmo após o fim do colonialismo formal, proporcionou o fortalecimento de laços de dominação e dependência entre a produção acadêmica nas colônias e nas metrópoles, dificultando a edificação de tradições intelectuais autônomas nos contextos locais.

Atualmente, o imperialismo acadêmico é mantido mediante dependência acadêmica. Esta é compreendida como a condição de determinadas localidades sendo subordinadas ao crescimento de outras. A influência do norte/centro sobre as ciências sociais na maioria das localidades do sul/periferia não é estabelecida pela força por intermédio do colonialismo, mas pela dependência das acadêmicas do sul/periferia das ciências sociais do norte/centro. Para Alatas (2003), a vinculação entre duas ou mais localidades das ciências sociais apresenta relação de dependência quando as comunidades localizadas no norte/centro se expandem de acordo com critérios específicos, enquanto que nas do sul/periferia a expansão só ocorre como um

reflexo daquela que acontece no norte/centro. No nosso estudo, esse cenário pode ser observado principalmente por meio do aumento no uso de técnicas quantitativas, principalmente nos periódicos de maior proeminência.

Essa discussão sobre eurocentrismo e imperialismo acadêmico é impactada principalmente pela forma como a globalização da Sociologia tem se realizado nas últimas décadas. Essa concepção passa pela forma como a produção de conhecimento é realizada, na qual os artigos são uma forma de mensurar tanto a produção quanto a divulgação desse conhecimento. O enfoque na América do Norte e na Europa, principalmente em países de língua inglesa, faz com que esse idioma passe a se tornar a língua global das ciências sociais, em que o número de artigos registrados neste idioma na *International Bibliography of the Social Sciences* subiu de 50% para 75% entre 1950 e 2005, fazendo com que os percentuais de outras línguas, como o francês e o alemão, caíssem (HEILBRON, 2015). Essas discussões se encontram interligadas e a situação que discutimos aqui se insere nesse debate, seja para mostrar a hegemonia de determinadas localidades, seja para mostrar o que faz com que pesquisadoras publiquem em certos periódicos. Nosso estudo, conta com seis capítulos: Introdução, Metodologia, Análise Bibliométrica, Os *Rankings*, Análise, Discussões.

No segundo capítulo, vamos explicar qual a metodologia foi empregada para análise dos determinantes que fazem essas autoras publicarem em periódicos do topo. Para isso, reconhecemos que estar no topo, seja de revistas ou de instituições de ensino, é algo complexo. Essa posição envolve jogos de poder e disputa internacional pela primazia de atrair artigos com probabilidade alta de citações a curto prazo (para o caso de periódicos) ou instigar a migração de discentes, pesquisadoras e docentes para promover aumento da produção da instituição (para o caso das instituições). Esses e outros fatores são capazes de impulsionar os periódicos e as instituições à melhores posições nos *rankings*.

Com o objetivo de compreender essa discussão sobre as posições do topo e os critérios utilizados para determinar a classificação dos periódicos ou das instituições, vamos apresentar, no terceiro capítulo, a bibliometria, campo de estudo que objetiva a elaboração de indicadores para analisar a produção científica. Nesse capítulo apresentaremos os problemas técnicos e metodológicos que envolvem a consolidação dos *rankings*, deixando claras as vantagens e problemas dos critérios de seleção de periódicos e o quão complicado é a análise a partir dessas métricas. Nesse trabalho não temos o objetivo de criticar os critérios e as formas de classificação dos periódicos. Contudo, torna-se fundamental apresentar de que maneira desigualdades na

produção científica surgem a partir dos critérios dessas classificações com o intuito de mensurar a produção.

No quarto capítulo apresentaremos uma discussão mais aprofundada sobre *rankings*: quais são os principais, sua forma de cálculo, os índices presentes e um comparativo entre eles. Nessa seção, o nosso objetivo é trazer que, dependendo da escolha do *ranking* ou do indicador a ordenação dos periódicos podem ser distinta. Contudo, apesar dessas diferenças entre indicadores, alguns padrões se impõem: periódicos da Europa e da América do Norte continuam apresentando destaque, não importa o *ranking* escolhido. A principal mudança é no posicionamento das revistas ou instituições de ensino: em um deles a *Harvard University* pode ser a primeira, no outro ela ocupa a sexta posição, por exemplo.

O quinto capítulo é onde apresentamos a análise e discussão dos nossos resultados a partir da base de dados criada. Além disso, mostramos os principais determinantes que possibilitam o aumento de chance das autoras para publicarem em periódicos de maior destaque. Esses determinantes foram verificados a partir da regressão logística. Nessa seção, daremos um panorama geral sobre os dois objetos de estudo: perfil das autoras e artigo. Sobre as autoras, vamos observar os continentes e países mais presentes, além disso, o *ranking* da instituição de vinculação dessa pesquisadora. Sobre os artigos, vamos verificar se foram publicados em edições especiais, em coautoria e a temática destes. As duas investigações, tanto de artigos quanto de autoras, serão realizadas considerando os quadriênios de publicação: 1) 2004-2007; 2) 2008-2011; 3) 2012-2016, o objetivo é verificar se mudanças ocorreram com o passar dos anos. Além disso, vamos considerar para as análises se a publicação foi realizada nos periódicos selecionados pelo índice ou pelo sorteio<sup>9</sup>. Fora os resultados mais descritivos, apresentaremos quais determinantes fazem com que autoras tenham mais chances de publicar nas revistas do índice do que nas do sorteio.

No sexto, e último, capítulo vamos expor as discussões a partir dos resultados encontrados no capítulo analítico.

---

<sup>9</sup>Apresentaremos, ao longo do estudo, as revistas como índice e sorteio, conforme será explicado no capítulo metodológico. O primeiro grupo contém os periódicos escolhidos a partir de indicadores selecionados. A segunda categoria contém revistas sorteadas.



## 2 Metodologia

Neste capítulo, apresentaremos a metodologia utilizada para o nosso estudo. A investigação é dividida em três capítulos: 1) análise bibliométrica; 2) incongruências nos *rankings*; 3) estudo dos determinantes. Como abordado no capítulo introdutório, essa dissertação analisa quem são as pessoas que publicaram nos periódicos de Sociologia no período de 2004 a 2016, a fim de verificar se publicar em revistas de impacto poderia permitir, posteriormente, angariar mais investimentos para a instituição em que se está inserido. As revistas foram selecionadas mediante índices criados para avaliar o impacto dos periódicos e conseqüentemente *ranqueá*-los com base na sua produção. Conquanto, antes da análise propriamente dita dos nossos dados e dos determinantes que mais impactam na publicação em periódicos de destaque, é necessário compreender o que faz com que os periódicos ou instituições de ensino sejam consideradas de destaque, de impacto ou do topo. Além disso, vamos investigar, de forma semelhante, o que faz com que as instituições de ensino sejam consideradas como de destaque.

Para isso, realizamos uma investigação dos problemas técnicos e metodológicos que perpassam a Bibliometria, e das incongruências existentes nos *rankings*. Essa análise será feita pela comparação da forma de cálculo dos índices, das diferenças entre dois *rankings* de periódicos e dois de instituições de ensino. Essas investigações apontaram o quão complexa é a utilização dessas métricas, principalmente para classificação do que é considerado topo/impacto/destaque baseado nos *rankings*. Essas duas investigações que precedem nosso estudo propriamente dito se mostraram necessárias para compreender o que é estar no topo e para apresentar que as desigualdades globais no processo de circulação do conhecimento guardam conexão com os próprios critérios de coleta e avaliação utilizados pelos *rankings*.

Estar no topo é algo bastante complexo, que envolve jogos de poder e disputa internacional pela hegemonia. Os índices não mensuram o impacto das revistas ou instituições apenas baseando-se no contexto lógico, mas levam em consideração questões culturais e de poder, de forma a definir quem ocupa ou não posição de relevância, e sinalizam complicações ao determinar as revistas ou universidades que estão no topo. A disputa por ocupar posições prestigiadas nos *rankings* das instituições de ensino está diretamente atrelada com a noção de *world-class university* (WCU). As universidades que ocupam essas posições são consideradas WCU. Para Martins:

Essa noção procura expressar certas características apresentadas por determinadas universidades, tais como presença de uma cultura acadêmica consolidada, existência de normas institucionais compartilhadas pelos seus membros, padrão de excelência em pesquisa e ensino, absorção de um quadro docente de alto nível acadêmico, rigorosa seleção intelectual dos alunos. Ao mesmo tempo, adotam um expressivo recrutamento internacional de seus docentes e estudantes, de tal modo que criam um ambiente cosmopolita nas discussões acadêmicas que ocorrem em seu interior. Contam também com uma adequada estrutura financeira capaz de custear adequadamente seus laboratórios, bibliotecas, de fornecer bolsas de estudos para estudantes nacionais e estrangeiros e oferecer salários competitivos no processo de recrutamento de seus docentes. (MARTINS, 2015, p. 299)

Para Cheol Shin (2012), uma *world-class university* instiga estudantes estrangeiros a se filiarem à instituição, e sua produção possui influência global, pois serve à população mundial. Além disso, suas ações são reconhecidas tanto por acadêmicos quanto por pessoas em geral. Nessa perspectiva, a universidade, para ser global, precisa ter valor para a humanidade e excelência em pesquisa e ensino. Para que ela possa competir globalmente, precisa atrair docentes – com salários e sistemas de incentivo – e discentes competentes, além de fundos de investimento que objetivem maior produtividade em suas pesquisas.

Os governos – que possuem estratégias para garantir a qualidade de suas pesquisas e de seus professores – têm papel determinante para uma WCU, a qual, para competir internacionalmente com outras universidades, precisa ter autonomia institucional concedida por eles, deixando de ser uma entidade nacional; portanto, mudanças governamentais tornam-se essenciais para a formação de uma *world-class university*. A China foi um dos primeiros países a se interessar pela criação de uma WCU. Em 1998, o Projeto 985, gerido pelo governo, tinha como objetivo estimular nove universidades consideradas capazes de competirem internacionalmente no âmbito educacional. Para Wanhua Ma (2012), foi nesse projeto que o termo *world-class university* foi cunhado pela primeira vez. O projeto de WCU não é apenas para que as universidades atinjam o topo do *ranking* de instituições, mas para que a economia do país cresça e, assim, haja um desenvolvimento nacional. Como destacado, a China é um dos países que está em busca por melhores posições por meio da procura de estudantes e docentes de diversas localidades do globo. A maior instituição chinesa da atualidade, Universidade de Tsinghua, teve gastos anuais maiores que universidades como MIT e Yale: esse investimento mostra que há disputa quanto às finanças. Em relação à posição no *ranking*, a distância das universidades chinesas para as do *top 10* vem diminuindo com o passar dos anos. A Índia é outra nação que está nessa busca, o governo procura investir 1,5 bilhão de dólares nos próximos

10 anos em 10 instituições de ensino. Em 2005, o governo alemão lançou o Programa Excelência Iniciativa, que investiu 1,9 bilhão de dólares visando medidas inovadoras para o ensino superior. Entre os objetivos do programa está a criação de universidades do país como *world-class university* para ocupar posições de relevância nos *ranqueamentos*.

O *Academic Ranking of World Universities* (ARWU), considerado um dos principais *rankings* de instituições, foi criado pela universidade de *Shanghai Jiao Tong University* com o objetivo de classificar as universidades e de ter conhecimento do espaço ocupado pelas instituições chinesas, verificando se os projetos criados pelo governo alcançaram resultados.<sup>10</sup> A criação desse e de outros *rankings* impulsionaram disputas de poder e busca por ocupar posições do topo. Phil Baty, editor do *World University Ranking* (WUR), realizou uma análise comparativa entre as instituições do *top 200* e as que ocupam o *top 400*. As universidades do *top 200*:

- Investem, por docente, um total anual de \$ 751.139 em salário (em comparação aos \$ 606.345 dispendidos em uma universidade *top 400*);
- Têm uma relação de estudante por docente de 11,7 para 1 (em comparação a 12,5 para 1, proporção praticada nas universidades *top 400*);
- Pelo menos 20% do seu pessoal é de origem estrangeira (em comparação a 18% em uma universidade *top 400*);
- Investem em pesquisa pelo menos \$ 229.109 por docente (em comparação a \$ 168.739 investidos por uma universidade *top 400*);
- Publicam 43% de todos os seus trabalhos de pesquisa com, pelo menos, um co-autor internacional (em comparação a 42% nas *top 400*);
- Têm um corpo docente composto por 19% de estudantes estrangeiros (em comparação com 16% nas *top 400*)<sup>11</sup>.

Dado esse cenário de desigualdades, o estudo dos determinantes das chances de publicação em periódicos mais bem classificados nos *rankings*, os quais são definidos segundo

---

<sup>10</sup> Bourdieu sinaliza que há uma disputa não apenas no campo de poder, mas em quem define os critérios que sinalizam para posições de dominância nesse campo.

<sup>11</sup> A tradução foi realizada por Dudziak publicada no site do Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo. O texto original no site da *Times Higher Education*.

índices de classificação, já surge com problemas. Contudo, esses índices e os *rankings* são moeda corrente na classificação de instituições e periódicos ao redor do mundo. As revistas e instituições de ensino buscam melhores posições e se baseiam nessas classificações para elaborar políticas públicas em relação ao ensino superior. O mercado educacional, mediante investimentos e captação de estudantes, movimenta a economia do país, sendo interesse da própria instituição e do governo. Nesse sentido, é pertinente analisar os principais fatores que fazem uma pessoa publicar em um periódico de destaque. Acreditamos ser pertinente investigar o cenário dos *ranqueamentos*, com o objetivo de compreender um panorama das desigualdades entre regiões diferentemente classificadas.

Tal como apresentamos no capítulo introdutório as hipóteses desse estudo são:

- Hipótese principal: a posição, no *ranking* de universidades, da instituição de ensino à que o autor é filiado é o que mais impacta a publicação nos periódicos de destaque.

Além desta, as hipóteses secundárias são:

- A língua inglesa facilita a publicação nos periódicos de Sociologia de maior prestígio nos *rankings*, pois estes são todos de língua inglesa.
- Trabalhos quantitativos aumentam a chance de publicação nessas revistas por serem mais visados por esses periódicos de destaque, pois são aqueles que provavelmente possibilitam maior número de citações em curto prazo.
- Outra hipótese é que estudos locais do sul/periferia tem menor chance de serem publicados nessas revistas. Acreditamos que a chance de uma pesquisadora da América Latina publicar exclusivamente sobre algum país latino-americano é menor do que a de uma pesquisadora da mesma região abordando um estudo comparativo com países da América do Norte ou Europa.

Para confirmar ou refutar essas hipóteses, escolhemos uma área específica – a Sociologia – e analisamos alguns periódicos dessa área em termos dos autores e temas publicados. Consideramos dois elementos na escolha das revistas: 1) aceitar trabalhos sobre qualquer país; 2) aceitar trabalhos sobre qualquer tema. Com o objetivo de investigar os principais determinantes que possibilitam a publicação nos periódicos de alto impacto, selecionamos 10 revistas para a análise. Cinco delas foram escolhidas conforme os índices

apresentados na seção anterior: especificamente o índice H e o indicador SJR. Conforme sinalizado também na seção anterior, o uso de ao menos dois indicadores torna-se interessante para melhor compreensão do cenário de publicação. Sorteamos outras cinco e categorizamos as revistas de acordo com a forma que foram inseridas na análise: periódicos do índice e periódicos do sorteio. Essa categorização serviu para realizarmos uma análise de regressão logística, que permitiu observar a chance de publicar nos periódicos do índice em comparação com os sorteados. Essa análise possibilita estimar a probabilidade de determinado evento ocorrer perante um conjunto de variáveis.

Revistas escolhidas pelo índice:

- *American Journal of Sociology* (AJS);
- *American Sociological Review* (ASR);
- *European Sociological Review* (ESR);
- *Sociology*;
- *The British Journal of Sociology* (BJS).

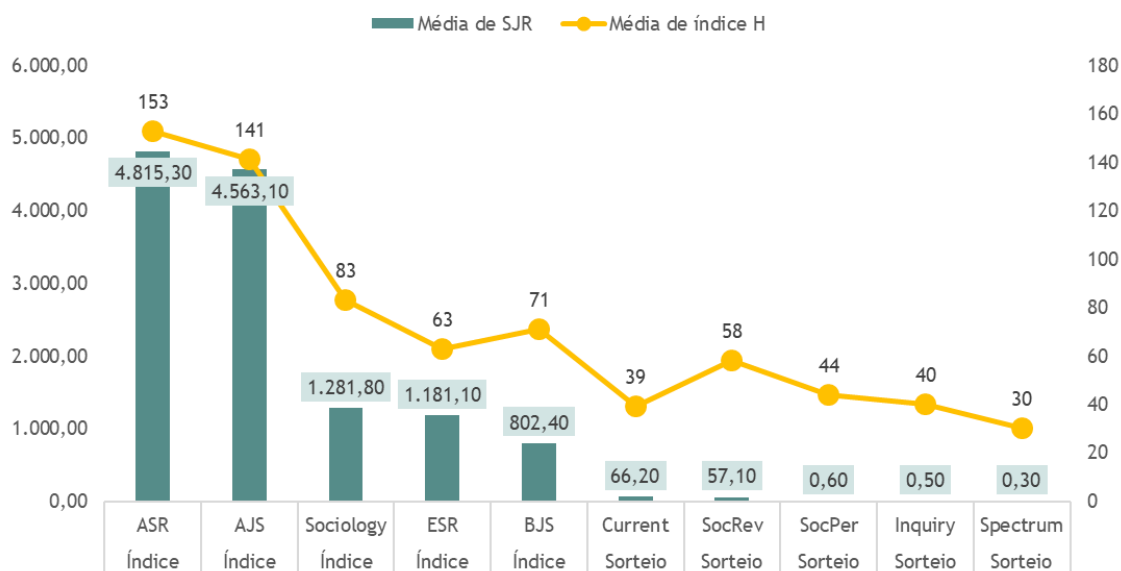
Revistas sorteadas:

- *Current Sociology* (Current);
- *Sociological Inquiry* (Inquiry);
- *Sociological Perspectives* (SocPer);
- *Sociological Spectrum* (Spectrum);
- *The Sociological Review* (SocRev).

As informações dos 10 periódicos foram produzidas no intervalo de 2004 a 2016. A produção dos dados foi realizada mediante *webscrapping* no *software* R. Este programa permitiu que as extrações das informações fossem realizadas de forma mais automática diante do número expressivo de periódicos e artigos. Foram analisadas informações de quase nove mil autoras que publicaram em mais de cinco mil artigos.

A análise baseada na regressão logística torna-se ainda mais interessante quando observamos a diferença dos índices entre as categorias. O gráfico 1.1 apresenta três grupos: 1) composto por ASR e AJS; 2) aquele formado pelas demais revistas selecionadas pelo índice; 3) os periódicos sorteados. A média foi calculada mediante as informações apresentadas no *SCImago* de 1999 a 2016.

Gráfico 2.1 – Seleção dos periódicos



Fonte: *SCImago Journal & Country Rank*

Esse resultado sinaliza uma circulação distinta, visto que há diferença significativa no volume de citações das revistas do índice em comparação com as do sorteio. Essa disparidade pode significar que os periódicos do índice procuram se manter ou subir posições, por meio da busca por trabalhos que possam angariar citações a curto prazo. Assim, esse cenário possibilitou a utilização da regressão logística com o objetivo de verificar os principais fatores que fazem com que uma pesquisadora publique na ASR, por exemplo, e não na *Spectrum*. A seguir estão as categorias coletadas a partir do *webscrapping*, forma de coleta que possibilitou automatizar a extração das informações contidas nos *sites* das revistas, os quais disponibilizam a universidade de filiação da autora no momento da publicação, dessa forma, conseguimos identificar: o país da instituição, a região e a sua posição no *ranking* de universidades. Com base nessa coleta, conseguimos identificar se os artigos foram publicados em coautoria e em edições especiais. Essas variáveis foram consideradas para verificar os determinantes que mais influenciam para publicação em revistas de impacto:

- Periódico;
- Continente do periódico;
- Ano;
- Edição;
- Edição especial;
- Nome do artigo;
- Coautoria;
- Resumo do artigo;
- Temática do artigo;
- Nome da autora;
- Instituição de vinculação no momento da publicação;
- País da instituição;
- Continente da instituição;
- Posição da instituição no *ranking* ARWU.

Para a temática do artigo, não consideramos o conteúdo em si – gênero, educação, política, etc. –, mas foi analisado, a partir do resumo, se o artigo abordava o tema de uma forma técnica, ou seja, se era baseado em investigações quantitativas. Além disso, foi considerado se o artigo discute alguma localidade com o objetivo de verificar a hipótese sobre a menor chance de publicação de artigos que tratam apenas localidades do sul/periferia pode ser confirmada. Para essa investigação, utilizamos um *software* livre chamado *Iramuteq*. Vinculado ao R, esse programa permite analisar, por meio de cálculos estatísticos e matemáticos, *corpus* textuais, com base na aproximação entre termos. Entre suas principais análises estão a similitude e o método Reinert. A primeira faz uso da teoria dos grafos<sup>12</sup> e busca se basear nas co-ocorrências entre os termos trazendo indicações da conectividade entre as palavras, auxiliando na identificação da estrutura do conteúdo. A segunda possibilita a consolidação das informações em classes e as aproximações entre elas com o objetivo de avaliar, posteriormente, os principais discursos proferidos. Além da regressão e da análise de discurso, nossa última investigação

---

<sup>12</sup> A Teoria dos Grafos é um dos instrumentos para interpretação das redes e possibilita, por meio de embasamento matemático, a verificação de conexões por aproximações e distanciamentos.

sobre o conteúdo do artigo será acerca das citações que esses estudos fazem. Para isso, vamos analisar as publicações das autoras que possuem vinculação com instituições do sul global/periferia ou que publicaram sobre essas localidades. A partir disso, observaremos se esses artigos fazem citações a periódicos dessas regiões ou se há uma reprodução dos artigos vinculados a revistas do norte/centro.

Para compreender se há relação mútua entre os *rankings*, isto é, se autoras filiadas a instituições bem *ranqueadas* possuem mais chance de publicar nas revistas do índice, analisaremos a posição das universidades a partir do ARWU criado por Shanghai. O cálculo para a posição foi realizado por meio da média das posições no mesmo período monitorado: 2004 a 2016. Dividimos as universidades em 10 agrupamentos de posições: 1-50; 51-100; 101-150; 151-200; 201-300; 301-400; 401-500; 501-600; 601-700; 701-800. Aquelas instituições de ensino que não apareceram ao menos uma vez foram consideradas como “fora do *ranking*”. Institutos de pesquisa não foram considerados para o cálculo da razão de chance. Como destacado, nossa principal hipótese é de que existe uma relação entre esses dois tipos de *ranqueamento*, dada a visibilidade existente na publicação nessas revistas de impacto. Essa visibilidade é algo interessante para as instituições de ensino, permitindo que pesquisadoras de destaque tenham mais conhecimento da instituição. Agrupamos as universidades de Hong Kong e Macau, na China; e, no Reino Unido (RU), estamos considerando Inglaterra, Irlanda, Escócia e País de Gales. As vinculações das autoras foram separadas em instituições de ensino, institutos de pesquisa e outros. Essa segmentação se mostrou necessária, visto que os institutos com maior volume de autoras associados de países da Europa ou Estados Unidos, dessa forma, impactaram de forma significativa na análise não sendo consideradas para alguns cálculos.

Antes de concluir este capítulo metodológico é necessário apresentar as limitações que encontramos para a realização do estudo. A melhor maneira de confirmar as hipóteses apresentadas seria trazer um comparativo entre as autoras que publicaram nas revistas de impacto e aquelas que não conseguiram ter seus trabalhos aprovados. Contudo, a falta de um banco de informações com dados de submissão se mostrou como um problema para trazer esse comparativo. Dessa forma, avaliamos como alternativa para a ausência dessa informação investigar, por meio da análise de regressão, as revistas do índice em comparação com as sorteadas. Nesta perspectiva, o nosso estudo levou em consideração apenas as informações contidas nas páginas dos periódicos, sendo assim, não foi possível mensurar a importância de outras variáveis, tais como: gênero; raça/cor; país da formação das autoras; investimentos em



pesquisa e educação nos países. Em um primeiro momento, a formação e o gênero foram consideradas, contudo, o trabalho manual se mostrou extenso dado o volume significativo de autoras. Além disso, nem todas as pessoas possuem *curriculum* de fácil acesso e com dados sobre sua última formação, dessa forma, apresentar esse dado apenas para algumas autoras poderia criar viés nos resultados encontrados. Sobre o gênero, o principal problema está na falta de autodeclaração, sendo um fator capaz de enviesar o estudo.

Em relação ao idioma, não foi possível capturar a importância das publicações em língua inglesa devido ao enorme volume de artigos publicados nesse idioma em ambos os grupos de periódicos analisados: índice e sorteio. Além disso, o inglês precisa ser observado dentro de cada instituição e não em cada país. A Alemanha, por exemplo, mesmo não apresentando o idioma como língua oficial, possui universidades bilíngues onde o inglês ocupa uma posição de destaque. Finalmente, os resultados aqui encontrados foram observados a partir da investigação na área da Sociologia e na comparação entre as dez revistas analisadas. É bem provável que conclusões semelhantes possam ser observadas no estudo de outros periódicos ou áreas de conhecimento, contudo, podemos apenas especular sobre isso.

Na próxima seção, apresentaremos as discussões sobre a análise bibliométrica para verificar os problemas técnicos e metodológicos presentes nos *rankings* de periódicos e de revistas. No capítulo seguinte, vamos expor as incongruências nesses *ranqueamentos*, mostrando os diversos índices existentes e as revistas mais bem classificadas em cada um deles. Nosso objetivo é mostrar que os indicadores e os *rankings* não são exatos e que possivelmente há fatores externos para sua consolidação.

### 3 Análise Bibliométrica – Problemas e Controvérsias

Como apontado na introdução e na metodologia deste trabalho, nosso estudo visa a investigação dos determinantes que fazem autoras publicarem em periódicos de alto impacto de Sociologia. Nosso intuito não é apresentar críticas à metodologia dos *rankings*, sabemos que tanto o de instituições quanto o de periódicos apresentam desigualdades significativas, todavia, ambos são usados, seja para pautar políticas públicas, seja para a escolha de universidades para estudar. Conquanto, como destacado, torna-se pertinente apresentar algumas considerações sobre problemas e controvérsias que perpassam a Bibliometria<sup>13</sup> para compreender que as desigualdades globais no processo de circulação do conhecimento guardam conexão com próprios critérios de coleta e avaliação utilizados pelos *rankings*. Nesta seção, discutiremos a análise bibliométrica e as metodologias que compõe ambos os *ranqueamentos*, além disso, vamos expor os índices que fazem parte deles, bem como as principais preocupações que surgem a partir de sua forma de mensuração.

O objetivo desse capítulo é apontar que as desigualdades na circulação do conhecimento das ciências sociais têm relação direta com os critérios utilizados para classificar periódicos e universidades. A partir do momento que a citação é usada para mensurar o impacto de um artigo, isso faz com que periódicos de língua inglesa sejam buscados com o objetivo de atrair maior número de citações, enquanto as revistas visam artigos com conteúdos que sejam capazes de angariar citações a curto prazo. Essa procura pelas revistas desse idioma faz com que ele seja considerado a ‘língua das ciências sociais’, o que reduz ainda mais a presença de outros idiomas. Heilbron (2015) salienta que a concentração de jornais de língua inglesa no topo dos rankings acontece pela hegemonia do idioma.<sup>14</sup> Ortiz (2004) complementa que a expansão do inglês na produção científica veio também com a ampliação das línguas não inglesas, todavia, o crescimento da primeira é mais significativo, enquanto que a representação das segundas diante do total só diminui.

---

<sup>13</sup> Campo de estudo que visa à construção de indicadores, a partir de métodos estatísticos e matemáticos, para analisar a produção científica.

<sup>14</sup>“Johan Heilbron demonstrou que existe um sistema internacional de tradução no qual as línguas dominantes (primeiro, o inglês com papel hipercentral e, em segundo lugar, distantes, o francês e o alemão) tendem a traduzir muito menos que as línguas dominadas. Isso leva a uma posição hierárquica certamente inferior e a uma participação muito reduzida na circulação internacional dos conhecimentos que não são publicados em inglês, o idioma dominante da comunicação científica, que concentra 94,45% do total de artigos indexados no SSCI entre 1998 e 2007” (BEIGEL, 2013).

No início da construção dos bancos de periódicos, o principal objetivo era o acesso às informações das revistas e, conseqüentemente, de seus artigos. O agrupamento dos periódicos visava facilitar a busca por estudos de interesse de quem acessava essas plataformas. No entanto, com o passar dos anos, esses bancos de informações – *SCImago Journal & Country Rank*, *Journal Citation Reports*, *Journal Impact Factor*, *Journal Metrics*, entre outros – passaram a avaliar e classificar os periódicos por meio do número de artigos e citações. Além disso, criaram indicadores próprios que determinam o impacto ou a qualidade da revista. Na classificação de periódicos e instituições de ensino, os indicadores levam em consideração principalmente o número de citações e de artigos.

Para nosso estudo, decidimos usar esses indicadores para selecionar os periódicos que trabalhamos com mais detalhamento. Como mencionado ao longo da introdução, acreditamos que a publicação em periódicos de alto impacto e a busca por melhores posições em *rankings* de instituições são processos que se influenciam mutuamente e têm impacto direto sobre a lógica da pesquisa e carreira acadêmica contemporânea. Frequentemente, os *rankings* de instituições têm como um dos resultados finais atrair maiores investimentos para a instituição e para o país ao qual ela se vincula. Diversas entidades e governos fazem uso dessas avaliações para propor tomadas de decisões, maiores investimentos e aumento da mobilidade acadêmica. Portanto, esse cenário apresenta influência expressiva na reprodução da desigualdade que queremos investigar. Contudo, antes de adentrar nas nossas investigações, faz-se necessário apresentar as limitações que estão atreladas ao uso desses índices e compreender as idiosincrasias que fazem parte desse movimento. Começaremos nossa análise com os *rankings* de periódicos e posteriormente apresentaremos a discussão acerca dos *rankings* de instituições de ensino.

### 3.1 Periódicos

Vimos, com base nas informações contidas no repositório de revistas do *SCImago Journal & Country Rank*, que o número de periódicos e artigos aumentaram de forma expressiva nos últimos 15 anos. Essa expansão ocasionou a criação de diversos índices que visam avaliar e classificar essas revistas. Como mencionado, esses parâmetros são baseados, principalmente, no número de artigos e citações. Esse embasamento proporciona uma diferenciação expressiva quanto ao campo ou área em que o artigo e/ou periódico está inserido. Algumas revistas apresentam valores significativos de citações a curto prazo, enquanto outras

precisam de um tempo considerável para chegar a números semelhantes. Além da disparidade de referências quanto ao idioma dos periódicos e dos artigos, algumas áreas de conhecimento apresentam mais predisposição para atrair um número maior de citações a curto prazo do que outras. Por isso, quando abrimos esses bancos de revistas – *SCImago* ou *Journal Citation Reports*, por exemplo –, vemos que os periódicos das áreas de saúde ocupam as primeiras posições. Muito disso se deve à forma como as revistas desse campo se portam.

A maneira de tentar contornar as questões relacionadas às citações de curto e longo prazo foi estipular diretrizes para o cálculo dos indicadores. Atualmente, os estudos voltados para esse campo seguem basicamente três orientações: 1) uso do mesmo período de análise (com o objetivo de ter o mesmo tempo para reunir o número de citações); 2) investigação do mesmo tipo de documento (registro da mesma estrutura e profundidade); 3) análise do mesmo campo científico. No entanto, mesmo essas orientações apresentam limitações, seja na perspectiva técnica, seja na metodológica.

Os problemas técnicos da análise bibliométrica giram em torno da construção das categorias dos bancos de dados. Como salientado, os indicadores mais populares consideram o número de artigos, citações e a relação entre essas duas variáveis. Isso resulta em sub-representação de alguns nichos, principalmente pelo idioma. Os índices são feitos a partir de bancos de dados internacionais, mesmo que, no momento, muitos desses bancos estejam buscando periódicos de localidades menos presentes – América Latina, Ásia, África e Oceania – para ter uma análise mais detalhada. Alguns países não chegam a ter periódicos inseridos nos bancos de informações, ocasionando a falta de representatividade para os cálculos. No banco de periódicos do *SCImago*, 51 mil periódicos estiverem na base entre 1999 e 2016. Desses, menos de 12% são oriundos da América Latina, Ásia, África e Oceania. Dentro dessas localidades, alguns países são referência: Austrália, Brasil, China, Japão, Egito e África do Sul, enquanto outros – Montenegro, Argélia, Síria, Ruanda, Afeganistão e Líbia – ostentam um ou dois periódicos em todos os campos de conhecimento. Essa discrepância propicia maior número de artigos e citações para determinadas localidades.

Keim (2008) aponta que usar a bibliometria para determinar a produção científica é profundamente questionável, principalmente em relação à produção de países da periferia/sul (FRAME, 1985 *apud* KEIM, 2008; ARVANITIS & GAILLARD, 1992 *apud* KEIM, 2008). Por mais que esse cenário tenha sofrido mudanças nos últimos anos, essas bases ainda cobrem periódicos que tiveram de alguma forma “impacto internacional” considerável, ou seja, estão

entre os mais citados. Para a autora, esse cenário cria um círculo vicioso no qual os periódicos já reconhecidos são aqueles com maior chance de ganhar mais visibilidade. (BARRÉ & PAPON, 1993, p.328, *apud* KEIM, 2008). Conquanto, Keim salienta que mesmo com essas questões, o estudo da produção acadêmica a partir desses bancos de dados é pertinente como um indicador de centralidade-marginalidade para compreender a visibilidade de uma determinada área e observar as assimetrias envolvidas no processo de circulação do conhecimento.

Além desse apontamento, existem limitações nas citações por conta da nomenclatura. Em vários casos, a referência não é colocada de forma correta pelo nome da pessoa estar impreciso ou o nome da instituição estar no idioma original. Glänzel & Moed (2002) mostra que 30% das citações são perdidas por erros, tais como: volume incorreto, nome da autora, periódicos em outra língua, ano e outros. O estudo é antigo, contudo, são problemas que ainda persistem, principalmente pelo alto número de periódicos e banco de informações. Quanto às instituições, Van Raan (2005) investigou que algumas delas não estão devidamente classificadas, enquanto outras possuem mais de um nome, o que dificulta nos estudos e nas possíveis avaliações. Ademais, ainda há um número expressivo de institutos dentro dessas instituições de ensino, a Universidade de Londres, por exemplo, não é uma universidade no sentido habitual, mas uma instituição que agrupa diversas outras. Em alguns bancos de informações, é possível discernir os institutos que se encontram dentro do aglomerado, no entanto, em outros esses institutos são agrupados na Universidade de Londres.

Essas e outras questões técnicas foram vistas durante nossa produção de dados. Muitas vezes foi complexo atribuir índices dos periódicos e posicionamento das instituições nos *rankings* em razão da mudança na nomenclatura de uma base para outra. Os *campus* de algumas instituições apareciam separados, ou seja, cada um com sua avaliação e posição. Em outras bases, esses *campus* estavam agrupados. Fora isso, em relação aos *ranqueamentos* de instituições, em alguns casos não sabemos o motivo de uma determinada instituição não estar no *ranking*: 1) ela pode não ter atingido a pontuação necessária para ocupar o *top* 800 das instituições do mundo; 2) pode não estar inserida na base de dados utilizada. Dessa maneira, a cobertura continua sendo o grande problema técnico encontrado.

Em relação aos questionamentos metodológicos, os indicadores bibliométricos são fundamentados no número de citações e artigos, o que propicia a dominação de instituições dos Estados Unidos. No banco de periódicos utilizado, *SCImago*, o Estados Unidos apresentou, em

média, mais de um terço dos periódicos entre 1999 e 2016. Dessa forma, o número de artigos e citações também são elevados. Além disso, a língua inglesa desempenha papel de dominância dentro da ciência, assim, publicações no idioma propiciam maior atrativo para citações. Desse modo, qualquer índice que faça *ranqueamento* de artigos e/ou periódicos aponta os EUA nas primeiras posições. Sabemos da importância dessa localidade para a publicação e produção de conhecimento, contudo, além da sua relevância, há uma tendência dos indicadores usados favorecerem quem possui o maior número de periódicos.<sup>15</sup>

Acerca da linguagem e o predomínio posto por ela, Heilbron (2014) aponta que Estados Unidos e Europa são responsáveis por cerca de três quartos dos jornais científicos registrados. Fora isso, quatro países (Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha e Holanda) publicam dois terços do total de artigos. Para este autor, a concentração de revistas de língua inglesa no topo se dá pela hegemonia do inglês como língua global das ciências sociais.<sup>16</sup> A cada ano, a proporção das outras línguas vem diminuindo, enquanto o inglês torna-se cada vez mais dominante. Diante deste fato, as revistas nesse idioma são as mais visadas para publicação, pois proporcionam maior oportunidade para citação. Em complemento à investigação, Ammon (2010) salienta que a língua inglesa é global e assimétrica, pois as regalias são compartilhadas de forma desigual. Entre as razões para o inglês ainda ser um obstáculo em determinados países estão a falta de conhecimento da língua até a aceitação do idioma dentro da localidade. A França é um exemplo deste último cenário. Mesmo sendo uma nação tradicional na Sociologia, o país não apresenta periódicos em posições elevadas nos índices por não aceitarem publicações em outros idiomas.

Essa distinção existente entre as publicações em inglês e nãoinglês acontece em todos os idiomas, mesmo naqueles em que há uma forte presença em relação a um campo de conhecimento. Em estudo sobre os periódicos, Van Raan (2004) observou que revistas com artigos em alemão pode levar a um impacto médio 25% menor do que as em língua inglesa. Caso se removessem as publicações alemãs nos periódicos bilíngues e deixassem apenas aquelas em língua inglesa, o impacto medido aumentaria. Ou seja, se uma revista possuir artigos

---

<sup>15</sup> Uma forma apresentada para contornar esse problema seria fazer *ranqueamento* por região, pois o EUA movimenta o maior tráfego de citações. Esse cenário se dá pelo número expressivo de artigos publicados e das citações serem relacionada com o idioma da publicação: publicar em inglês atrai muito mais pessoas do que em português, por exemplo. Em razão de ter um nicho bem consolidado e, além disso, conseguir acessar outras regiões.

<sup>16</sup> Os periódicos da Alemanha e Holanda que estão no topo são publicados em inglês. Quanto mais distante do topo, maior a chance de aparecer revistas em outros idiomas.

em mais de um idioma, a chance de ter um índice não muito expressivo é maior. Se o periódico publicar apenas em uma língua que não seja o inglês, a chance de ter um indicador menor aumenta ainda mais. Esse contexto aponta para a reprodução do cenário que já vemos: hegemonia do inglês e diminuição da pluralidade em relação ao perfil nacional das autoras. Além disso, o resultado encontrado por Van Raan estabelece ainda mais o resultado observado por Heilbron: diminuição da representatividade de outros idiomas.

Ainda sobre a língua, Leydesdorff realizou uma investigação do periódico alemão *Sociale Welt*. O autor observou que ele é considerado duas vezes menos favorável: 1) por ser da Sociologia, disciplina que possui um *status* baixo na classificação entre campos diante da mensuração por citações e número de artigos; 2) por publicar em alemão. O fato de não publicar em inglês com periodicidade faz com que a revista tenha um público reduzido, mesmo diante da tradição estabelecida da Sociologia alemã. No período analisado pelo autor, a publicação com maior citação foi de um artigo escrito em inglês, por Bruno Latour. As revistas exclusivas de uma língua não inglesa estão em nichos bem específicos, enquanto as bilíngues são a ponte entre os dois idiomas.

As revistas que publicam em outros idiomas ocupam papel secundário na produção e publicação científica. Vemos que essa distinção quanto ao idioma é presente nos países que estão situados na Europa, dessa forma, esse problema não é contornado mesmo com o caráter hegemônico da localidade. Nações de língua não inglesa e fora da Europa ocupam posições ainda mais distante do centro do cenário de publicação<sup>17</sup>. Para isso, precisam se reinventar.

Sobre os países da América Latina e Caribe, Vélez-Cuartas *et all* (2016) realizou um estudo acerca do banco de dados bibliográfico de acesso aberto *SciELO*. Essa plataforma conta com revistas e artigos da África do Sul, Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Espanha, México, Peru, Portugal e Venezuela. Nenhuma dessas localidades está situada enquanto parte dos debates de alto impacto científico. O autor analisou o comportamento dos artigos da plataforma e a inclusão dos periódicos no *Web of Science* – base que agrega sete bancos de dados *on-line*. Os resultados mostram que a plataforma possibilitou maior interação entre as pesquisadoras da América Latina. Além disso, o acesso aberto proporcionou maior visibilidade para os artigos, contudo essa divulgação não foi em âmbito global. As contribuições da *SciELO* alcançaram outras regiões da periferia/sul global e inclui autoria da África e da Ásia.

---

<sup>17</sup> Esse centro seria composto por Estados Unidos e nações da Europa com periódicos de língua inglesa.

Acerca da inclusão na *Web of Science*, a autoria da América Latina é feita, principalmente, com coautoria entre Europa e Estados Unidos, contudo, entre esses artigos, 2/3 da primeira autoria são de pessoas da América Latina e, para o autor, significa maior encaixe na dinâmica científica mundial. Os resultados encontrados por Vélez-Cuartas *et al* (2016) surgem como alternativa para a falta de visibilidade que os periódicos e, conseqüentemente, os artigos dessas localidades fora do eixo hegemônico possuem. A possibilidade para as autoras latino-americanas foi a criação de uma plataforma que proporcionou o acesso às obras da região. A divulgação não aconteceu em âmbito global, contudo saiu da região. Para o autor, a integração da *SciELO* está relacionada com a necessidade de maior representatividade nos resultados científicos mesmo diante das limitações regionais.

Outro questionamento metodológico está relacionado ao tipo de documento. Nas análises bibliométricas, leva-se em consideração as citações a curto prazo, contudo há trabalhos que demoram para serem reconhecidos dentro de um determinado campo. Analisar a curto prazo faz com que artigos de periódicos tornem-se mais relevantes que capítulos de livros e outras formas de divulgação de pesquisas. As ciências sociais enfrentam essa questão, para Van Raan (2010), nesse campo existe uma menor concordância de ideias do que constitui uma perspectiva científica do que nas ciências médicas e naturais. Esse campo precisa de um tempo maior para a contagem das citações, fora isso, as monografias, teses e livros são fontes que não devem ser esquecidas ao avaliar o desempenho de pesquisa nas ciências sociais.<sup>18</sup>

Desse modo, considerar um tipo específico de publicação – artigos em periódicos – limita os campos em que as publicações são feitas em outros registros documentais, principalmente onde as revistas não são o único meio de comunicação acadêmica. Indo ao encontro dessa discussão, Nederhof *et. al.* (2010) realizaram estudo para observar as citações de livros, capítulos, teses, manuais, publicações de trabalho, relatórios, etc. Essa investigação foi feita nos artigos que constam na *Web of Science* de 1997–2003 em três campos: Ciência Política, Economia e Psicologia. Os resultados apontam que as citações a artigos se sobressaem na Ciência Política, representam metade das referências de Economia e na Psicologia os artigos científicos são o meio que prevalece. Dentre outros formatos, os livros são os mais citados na Ciência Política e Economia, já na Psicologia são os manuais. O estudo feito pelos autores foi

---

<sup>18</sup> Por conta disso, as revistas do campo da saúde ocupam posição de destaque nas bases de periódicos. Na base do *SCImago*, em 2016, o *top 5* é composto por periódicos de biologia que abordam: hematologia, oncologia, genética, biologia molecular, imunologia e outros temas.



realizado há mais de 10 anos, diante disso, é bem provável que os resultados já mostrem uma situação distinta do que foi apresentado. Os artigos em periódicos científicos crescem a cada ano e essa ampliação faz com que o número de documentos produzidos em outras formas sofra uma diminuição. Todavia, em alguns campos, principalmente nas ciências sociais, essas outras formas ainda estão presentes. Por conseguinte, os indicadores que levam em conta apenas as citações em periódicos estão sub-representando os campos em que há um número significativo de citações a outros tipos de produção de conhecimento.

Como forma de contornar os questionamentos metodológicos, a argumentação existente (VAN RAAN, 2005) é de que o uso de uma análise bibliométrica que poderia ser aplicável – apenas para conhecimento e não para *ranqueamento* – seria realizada quando, em um determinado campo, o papel das revistas internacionais é referência quase exclusiva. Contudo, na prática, isso provavelmente é mais perceptível apenas em áreas bem específicas. Nas ciências sociais, por exemplo, há uma infinidade de produção não internacional, sendo feita para os nichos. Esses nichos não são escolhas próprias, mas são obstáculos impostos pela língua, pela estrutura de publicação e pelo tipo de publicação. Outra argumentação (VAN RAAN, 2005) é o uso em conjunto da análise bibliométrica (tal como é realizada) juntamente com a avaliação dos pares. Basicamente, essa forma de avaliação possibilita critérios subjetivos e espaços para *insights* intuitivos com o objetivo de mensurar a qualidade e importância do periódico ou da instituição, entretanto, a crítica a essa forma de avaliação é justamente na subjetividade, pois pode ocasionar conflitos de interesse e desconhecimento do periódico que está sendo avaliado.

Diante do que foi apresentado, vemos que as críticas às formas de mensurar são as mais diversas. A língua é uma fronteira gigantesca e em diversas métricas é possível verificar a disparidade existente entre os periódicos que publicam em inglês e os que publicam em outros idiomas. Além do idioma, há a disparidade quanto à disciplina. Publicar artigos científicos nas chamadas ciências ‘duras’ é bem diferente de publicar nas ciências sociais. Outras formas de registros (livros, capítulos, apresentações em congressos, etc.) ainda são formas expressivas de disseminação de conhecimento, contudo demoram para ter o reconhecimento, diferente de um artigo curto. Diversos critérios utilizados para classificar são mais favoráveis a determinados países e/ou regiões do que a outros, gerando uma desigualdade intrínseca ao próprio critério de seleção. Vamos observar, com os dados que mostraremos ao longo do estudo, que o número de artigos vem aumentando expressivamente, no entanto, será que é suficiente para tentar quebrar

essas fronteiras? Mesmo que olhemos dentro das disciplinas, quão significativa será a diferença de publicação de países de língua inglesa e não inglesa ou a distinção entre o número de periódicos?

Muitos desses indicadores são usados para ranquear periódicos, tais como: *SCImago Journal & Country Rank*, *Journal Citation Reports*, *Journal Impact Factor* e *Journal Metrics*. Em muitos deles são usados apenas o número de artigos, citações e variações entre essas duas métricas. Assim, muito do que foi apresentado se aplica a esses índices. Fernanda Beigel (2013a), em seu artigo sobre a circulação internacional de conhecimento, apontou que essas bases:

Não reflete a produção de conhecimentos em escala internacional, e sim uma porção dessas pesquisas, as publicadas em inglês, sob as normas de um dispositivo de hierarquização do conhecimento conduzido por essas empresas editoriais e dominado por alguns «centros de excelência».

Como vimos, não é um instrumento neutro de medição de prestígio científico universal, e sim a principal ferramenta de uma estrutura internacional de recursos e capacidades de pesquisa crescentemente desigual, que se manifesta no volume de produção científica, nos fluxos migratórios de população qualificada, na universalização de padrões de publicação e na impressionante supremacia do inglês como *lingua franca* internacional. (BEIGEL, 2013a)

Contudo, esses *rankings* estão em evidência e são utilizados. O ordenamento não é feito apenas para periódicos, mas, também, para instituições. Nesses *ranqueamentos*, o número de citações é fator determinante que condiciona o posicionamento de uma instituição. Logo, entidades que se encontram nos Estados Unidos ocupam posições mais elevadas daquelas que não estão, muito disso pela metodologia aplicada. São limitações relevantes das quais temos que ter consciência ao utilizar um índice bibliométrico, mas decidimos usá-lo, pois são esses *rankings* de instituições que ditam, muitas vezes, as estratégias de governos quanto à educação, ciência e tecnologia, a partir de investimentos para alcançar posições elevadas e assim atrair outras formas de aplicações. Essas classificações possuem uma influência expressiva na própria desigualdade que queremos investigar, desse modo, é fundamental apontá-las e debatê-las juntamente com os dados encontrados. Reforça-se então a reflexão de Keim (2008), que destaca que as análises a partir da bibliometria são capazes de apontar a relação entre centralidade-marginalidade no cenário global, onde podemos observar a alta concentração geográfica que há em países do eixo euro-atlântico e a posição marginal ocupada pelos periódicos ou instituições do sul/periferia.

O *SCIMago* será utilizado para a escolha dos periódicos do nosso estudo. Na próxima seção, detalharemos os critérios de classificação dele ao mesmo tempo que vamos apresentar comparações entre seus índices e de outro *ranking* de periódicos. Mas antes abordaremos brevemente os critérios de *ranqueamento* das instituições, pois a posição destas nos *rankings* influencia as chances de publicação de uma autora e a própria avaliação dos periódicos que produzem.

### 3.2 Instituições

As situações e questionamentos que foram postos sobre os periódicos também são aplicados para compreender os *ranqueamentos* de instituições, uma vez que os *rankings* institucionais são influenciados pelas publicações de suas pesquisadoras, e que a vinculação das pesquisadoras influi na probabilidade de publicar em periódicos de prestígio. Como apontando na metodologia deste estudo, ocupar o topo dos *rankings* de instituições está atrelado com a noção de *world-class university*. Uma WCU busca um padrão de excelência na sua produção científica a partir de um rigoroso recrutamento de estudantes, docentes e pesquisadoras. Sua produção possui influência global e precisa ter valor para a humanidade. O papel do governo é fundamental para sua consolidação, como abordado, países como China, Coreia do Sul, Singapura e Alemanha possuem políticas voltadas para os resultados do *ranking* ao mesmo tempo que buscam posições mais elevadas. Entre os *rankings* de instituições mais famosos, podemos citar dois: *Academic Ranking of World Universities* (ARWU) e *World University Ranking* (WUR), vinculado à *Times Higher Education*. O primeiro tem sua origem na busca do Governo Chinês pela criação de universidades padrão mundial. Para Martins, o ARWU:

Privilegia a produtividade em pesquisa, incluindo número de artigos publicados nas revistas *Science* e *Nature*, citações de artigos de pesquisadores mensurados por Thomas Scientific, e por Science and Social Science Citations, professores que ganharam Prêmio Nobel, alunos distinguidos com Prêmio Nobel e (ou) *FieldsMedals* etc. Os critérios adotados pela Shanghai Jiao Tong University tendem a favorecer as antigas e prestigiosas universidades ocidentais, principalmente aquelas que têm produzido ou atraído ganhadores de Prêmio Nobel. [...] Os indicadores usados valorizam as publicações em língua inglesa e determinadas revistas científicas internacionalmente referenciadas, algumas das quais se encontram abrigadas no interior das universidades que ocupam posições destacadas nos *rankings globais*. (2015, p. 298)

Já o objetivo inicial do WUR era reconhecer as universidades como as organizações multifacetadas que são, e para fornecer uma comparação global do seu sucesso contra a missão nacional de permanecer ou se tornar uma *world-class*. As universidades menores e com destaque para as ciências sociais possuem melhor resultado no *ranking* da *Times Higher Education* do que no *ranking* de Shanghai – que depende mais de tamanho (VAN RAAN, 2010). A *London School of Economics and Political Science*, por exemplo, encontra-se entre as 25 primeiras no *ranking* da THES e entre as 100 e 150 no de Shanghai.

As críticas aos *rankings* vão desde a forma como as universidades e outras esferas lidam com os resultados até a metodologia. Em relação a primeira, Kivinen e Hedman (2008 *apud* ERKKILÄ e KAUPPI, 2009) destacam a imposição das diretrizes das universidades do topo em pesquisa para o restante. Indo ao encontro desta perspectiva, Erkkilä e Kauppi (2009) salientam que a visibilidade global dos *rankings* promove transformações expressivas nas agendas nacionais, em que o governo tem papel determinante para uma universidade padrão mundial, a qual, para competir internacionalmente com outras universidades, precisa ter uma autonomia institucional concedida por ele. Além da China, outros países como Coreia do Sul, Singapura, Alemanha e etc., apresentam políticas voltadas para os resultados do *ranking* ao mesmo tempo que buscam posições mais elevadas.

Charon e Wauters (2007 *apud* BADAT, 2010) argumentam que as universidades ‘globais’ com grande quantitativo de pesquisadoras são privilegiadas em prejuízos de outras. Para Saleem Badat (2010, p. 246) “os *rankings* permitem, portanto, auto seleção das universidades cuja missão e ofertas acadêmicas correspondem fortemente às medidas de desempenho dos *rankings*”. Ele complementa que a noção de universidade padrão mundial assumida pelos *rankings* tem efeitos perigosos e perversos sobre as universidades periféricas ou do sul global (América Latina, África, Ásia e Oceania). Ainda, os *rankings* mundiais trazem uma concepção de universidade padrão mundial como o topo do desenvolvimento de ensino superior; contudo, essas universidades são fundamentalmente compostas por instituições estado-unidenses e europeias. Para Shin (2012), as universidades que estão no topo do *ranking* de melhores do mundo não são *world-class university*, pois elas dão enfoque em questões de desenvolvimento nacional e, com isso, não possuem a característica central de valor para a humanidade. Para ele, essas universidades com enfoque nacional são *globally competitive research universities*, elas tendem, em grande parte, a focar em benefícios na sua própria instituição com o objetivo de gerar mais fundos para si.

A consolidação de uma *world-class university* leva em conta, principalmente, a produtividade de pesquisas, fundos de investimentos e discentes e docentes estrangeiros. Porém, a língua inglesa, a disposição geográfica e o desenvolvimento econômico são fatores determinantes para essa consolidação. A importância da língua inglesa deve-se ao fato de os principais periódicos de publicação serem escritos nesse idioma. De acordo com o *Academic Ranking of World Universities* (ARWU) de 2016, mais de 90% das universidades estão em países avançados economicamente e distribuídos do hemisfério norte do globo, principalmente EUA e Reino Unido. Em 2017, no *top 30* das instituições, apenas três se situam fora do Estados Unidos e Reino Unido, sendo uma fora da Europa e América do Norte: *The University of Tokyo* no Japão. No *top 100*, apenas seis instituições estão fora da Europa e Estados Unidos. Esse posicionamento acontece, principalmente, pelas citações, fator que contribui consideravelmente para a classificação dessas instituições.

As instituições que não se encontram no *top 500* de Shanghai ou no *top 200* do *ranking* da Times são taxadas como universidades de má qualidade, desvalorizadas e, diante das desigualdades norte/sul ou centro/periferia, a avaliação negativa tem um peso mais expressivo no sul/periferia. Saleem Badat (2010) argumenta que muitos países periféricos ou do sul/periferia necessitam de um ambiente nacional particular e oportuno para que se tenha uma contribuição social por parte das universidades e dos trabalhos realizados por elas. As classificações feitas pelos *rankings* dificultam esse cenário, pois essas localidades passam a buscar melhor posicionamento em um cenário que é completamente desfavorável. Isso implica em perda de possíveis interessadas nessas instituições, pois cada vez mais essas classificações são utilizadas pelo corpo docente e discente na procura por outras instituições e como essas localidades não estão nos *rankings*, não são buscadas.

Os questionamentos sobre a metodologia desses *ranqueamentos* estão atrelados à análise bibliométrica. A publicação em outros idiomas que não inglês produz um impacto, pensando no número de artigos e citações, bem menor do que aquelas em inglês. Como mencionado anteriormente, as revistas que não publicam textos em inglês ocupam uma localidade marginal dentro da comunicação científica. Até mesmo os periódicos bilíngues estão nesse cenário, pois os artigos publicados no idioma de origem possuem número de citações menor, o que ocasiona uma redução da média dessas revistas quanto ao impacto. Assim, vemos a procura por uma internacionalização que pode ser traduzida como publicação em inglês, com

o objetivo de atrair mais olhares para os periódicos de localidades que buscam expandir seu público-alvo.<sup>19</sup>

Em relação às variáveis utilizadas, no *ranking* de Shanghai, por exemplo, 30% da nota é dada conforme as premiações de Prêmio Nobel e da Medalha *Fields* – sendo 10% para ex-discentes e 20% para membros do corpo docente –, uma vez laureado, mesmo com a aposentadoria, a premiação continua influenciando os resultados da universidade.<sup>20</sup> Outro questionamento é sobre a avaliação feita pelos pares com base em questões subjetivas, que é muito contestada. Como mencionado sobre os periódicos, a avaliação pelos pares seria interessante para complementar a análise bibliométrica, todavia, mesmo diante de possíveis *insights* sobre as instituições, ainda há o problema quanto ao desconhecimento e conflito de interesses.

Essa primeira seção permitiu observar as diversas indagações quanto ao método bibliométrico e seus resultados. Não apenas a metodologia e a técnica são obstáculos para a publicação em periódicos, mas, a partir do momento em que os indicadores com base nesse método são usados para classificar, a complexidade aumenta. O objetivo foi apresentar essas questões, no entanto, não é esse o intuito do estudo. Os questionamentos existem e os *rankings* também. Juntamente com isso há uma série de países se baseando nessas classificações para elaborar políticas públicas em relação ao ensino superior. Nações como China, Coreia do Sul, Singapura, Alemanha e França estão aproveitando os *rankings* para ‘melhorar’ suas posições e consequentemente atrair mais investimentos e discentes para o futuro. Um exemplo claro disso é a captação de estudantes feita por Estados Unidos, Canadá, Austrália, Inglaterra, França e Japão, que agrupam 62% dessas discentes estrangeiras e, a partir de elevadas taxas de cobrança, são capazes de movimentar a própria economia por meio dessa assimilação de recurso (MARTINS, 2015). Esses *ranqueamentos* não servem apenas para as instituições, também são

---

<sup>19</sup> Para, de alguma forma, tentar reduzir o efeito, Van Raan (2011) pontua que o cálculo dos indicadores para o *ranqueamento* das instituições deveria ser feito conforme o idioma.

<sup>20</sup> Os três países com o maior número de laureados com o Prêmio Nobel são: Estados Unidos (33,2%), Reino Unido (11%) e Alemanha (9,6%), se observamos por continente Europa (52,5%) e América do Norte (36%) são aqueles que apresentaram o maior percentual de premiados. Já acerca das universidades com mais laureados, no *top 10* temos sete estadunidenses, duas do Reino Unido e uma da França, aquelas que apresentam mais gratificados são: Harvard, Columbia e Cambridge.

Sobre a Medalha *Fields*, Estados Unidos (23,3%), França (20%) e Rússia (15%) são as principais nações. A respeito do continente: Europa (58,3%) e América do Norte (25%) são os que apresentam o maior número de laureados. Finalmente, no *top 10* das universidades: seis são dos Estados Unidos, três da França, uma do Reino Unido e uma da Rússia. Assim como no Prêmio Nobel, Harvard é a que detêm o maior número de premiados, seguida pela Universidade de Paris e pela *École Normale Supérieure*.

ferramentas utilizadas pelo corpo docente e discente. Estudantes pesquisam locais bem ranqueados para estudar, enquanto pesquisadoras procuram instituições para se filiar.

Assim, acreditamos que convém pesquisar o cenário atual dos *ranqueamentos*, a fim de traçar um panorama das desigualdades entre regiões diferentemente classificadas. Uma vez que utilizaremos algumas dessas métricas na nossa metodologia de teste das hipóteses, buscando detectar possíveis fontes de desigualdades nos critérios que favorecem ou não determinadas autoras a publicar, torna-se essencial realizar uma discussão das próprias métricas. Faremos isso na próxima seção, como uma análise exploratória, comparando índices tanto de periódicos quanto de instituições com o objetivo de entender como desigualdades podem ser produzidas na classificação destes, e quais as implicações disso para a identificação dos determinantes que favorecem a publicação em periódicos de Sociologia que figuram no topo das classificações internacionais.

Ao fazer isso, levantaremos possíveis determinantes, em termos de periódicos publicados e origem das pesquisadoras, para as desigualdades nessa classificação. Acreditamos estar contribuindo para explicitar os mecanismos não expressos dessas desigualdades, inclusive aqueles que são devidos à própria forma de classificar.<sup>21</sup> Tanto os *rankings* de periódicos quanto o de instituições influenciam na capacidade e na difusão do conhecimento. No próximo capítulo, apresentaremos uma análise empírica das disparidades e problemas de classificação de diversos índices que classificam periódicos e instituições.

---

<sup>21</sup> Segundo Bourdieu, vale notar, a disputa no campo acadêmico – ou em qualquer campo - não é apenas em relação a quem se situa melhor de acordo com as regras desse campo, mas é, sim, pela definição das próprias regras de classificação.

## 4 Os rankings

A seção anterior apontou os questionamentos existentes quanto ao uso da análise bibliométrica. Todavia, como dito, o *ranqueamento* dos periódicos e das instituições existem e os tomaremos como dados neste trabalho. Neste capítulo apresentaremos diversos índices com o objetivo de compreender suas disparidades e estão intrínsecos com as desigualdades na produção e divulgação científica. A seção será dividida em duas partes. Na primeira, vamos apresentar discussões em torno do *ranking* de periódicos, onde apresentaremos o comparativo entre os bancos de informações (*SCImago Journal & Country Rank* e *Journal Citation Reports*) com o intuito de investigar se há diferenciação expressiva entre os índices presentes neles. Na segunda seção do capítulo, discutiremos dois *rankings* de instituições (*Academic Ranking of World Universities* e o *World University Rankings*).

### 4.1 Banco de periódicos

Entre os diversos usos das bases de dados de revistas está sua utilização como fonte de pesquisa para investigar possíveis periódicos para publicação, seja a partir da temática, seja pelo idioma ou com o objetivo de atrair maior número de citações (pelos índices). Podemos mencionar algumas bases que divulgam e/ou produzem indicadores para uso avaliativo: *SCImago Journal & Country Rank*, *Journal Citation Reports*, *Journal Impact Factor* e *Journal Metrics*. Nessa seção, apontaremos alguns índices expostos em dois desses bancos: *SCImago Journal & Country Rank* e *Journal Citation Reports* (JCR).

O *SCImago Journal & Country Rank* é disponível publicamente e inclui as revistas e indicadores científicos dos países a partir das informações contidas no banco de dados do *Scopus*<sup>22</sup>. A descrição do *SCImago* apresenta que os indicadores disponibilizados pelo banco podem ser usados para analisar e avaliar os domínios científicos. Em relação ao *Journal Citation Reports*, a base é integrada ao *Web of Science*<sup>23</sup> e é compilado a partir de dois índices

---

<sup>22</sup> Banco de resumos e citações de artigos de revistas. Inclui quase 20 mil periódicos de mais de 5 mil editoras internacionais. Dessas revistas incorpora 16.500 com base na revisão realizada pelos pares. Sua divulgação é feita apenas para subscritos.

<sup>23</sup> Aglomerado de sete bancos de dados on-line.



de citações: *Science Citation Index* e *Social Science Citation Index*. Tanto o *SCImago* quanto o JCR disponibilizam o número de artigos, citações e indicadores. Contudo, as duas bases apresentam duas distinções bem claras: 1) número de revistas; 2) índices disponibilizados. Ao longo do estudo comparativo, vamos apresentar essas duas diferenciações, além disso, apontaremos algumas incompatibilidades entre os bancos.

Nossa investigação se concentrará nas bases do ano de 2015. Para facilitar o estudo comparativo, reunimos as duas bases produzidas pelo JCR: 1) o *Science Citation Index* conta com periódicos de variadas disciplinas; 2) o *Social Science Citation Index* foca nas revistas das ciências sociais. Essa distinção é interessante, pois reduz o viés ocasionado pela disciplina.<sup>24</sup> Nesta primeira parte, apresentaremos as similaridades e as diferenciações entre esses dois bancos com o objetivo de pontuar que as desigualdades observadas lá na frente começam nos critérios utilizados por eles, dessa forma, torna-se necessário trazer os problemas em sua metodologia e em seus índices.

No ano analisado, 2015, o *SCImago* apresentou mais de 30 mil revistas, enquanto o JCR contava com aproximadamente 12 mil. Diante dessa diferenciação, verificamos as informações em comum com o intuito de agrupar os dois bancos. Tanto o *SCImago* quanto o JCR contam com o nome do periódico e o ISSN – código acatado internacionalmente para distinguir as revistas, ou seja, cada uma possui um *International Standard Serial Number* (ISSN) específico – em comum. A agregação pelo título do periódico não foi viável, pois qualquer diferenciação, seja o nome em outro idioma, seja até um caractere de espaço a mais, dificulta na identificação da revista. O ISSN se revelou um termo em comum interessante pelo fato de ser um número particular para cada periódico. Após a limpeza da variável em ambas as bases, apuramos quase 11 mil revistas em comum. Esse valor representa 36% dos periódicos do *SCImago* e 96% do JCR. A diferença de percentual é compreensível, diante da disparidade no número de revistas em cada uma das bases. Considerando que não haja erro no ISSN nos dois bancos, quase todos os periódicos que se encontram no JCR estão presentes no *SCImago*. Apenas 459 revistas do JCR não entraram no comparativo por não estarem no *SCImago* ou por estarem com o ISSN errado em alguma das bases.<sup>25</sup>

---

<sup>24</sup> A disciplina produz disparidades enormes, nas ciências sociais as citações necessitam de um tempo maior para serem captadas diferentemente das ciências ‘duras’ que possuem um número maior de citações a curto prazo.

<sup>25</sup> Essas 459 revistas estão vinculadas a 41 países. Como imaginado, Estados Unidos (30,5%) e Reino Unido (20,5%) são referências representando a metade das revistas. Além dessas nações, a Alemanha (8,1%) se sobressai quando comparada com as demais. Diante dessa representativa dessas localidades, a Europa e América do Norte são as regiões de destaque com 47,5% e 32,5%, respectivamente. Esse predomínio também é visto no idioma, pois

#### 4.1.1 Revistas comparadas entre dois bancos

Em relação às 10.925 revistas a partir das quais foi possível fazer o estudo comparativo, observamos algumas incongruências em referência à localidade a que os periódicos são vinculados. Contudo, antes de expor essas particularidades, vamos compreender o cenário em torno dessas revistas.

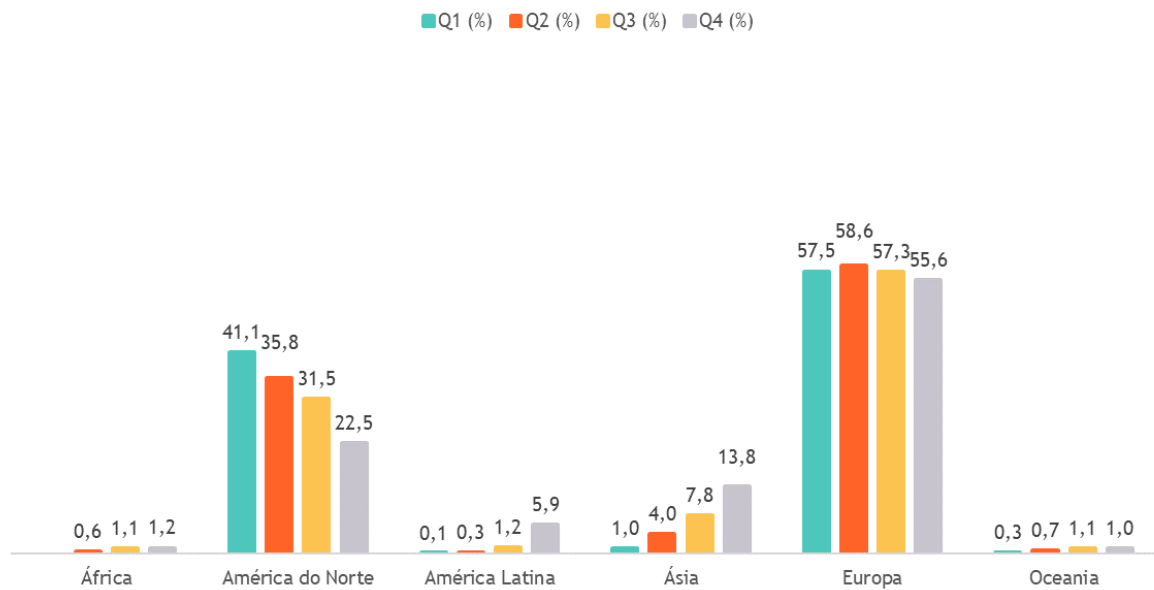
Em referência ao posicionamento, o JCR, assim como o *SCImago*, divide os periódicos em quatro partes: Q1, Q2, Q3 e Q4. Na categoria Q1, encontram-se as revistas com melhor classificação, enquanto que na Q4 são aquelas com menores avaliações. O Gráfico 4.1 mostra essa distribuição por regiões. Para compreender as assimetrias, dividimos a América em América do Norte e América Latina tendo em vista que o México possui maior proximidade quanto à circulação de ideias com os países da América do Sul do que com Estados Unidos e Canadá. 98,5% das revistas do Q1 são da América do Norte ou Europa, e o percentual diminui à medida que a avaliação também diminui, chegando a 78% no Q4. Esse decréscimo é impactado principalmente pelos periódicos da América do Norte. Os percentuais da Europa permanecem próximos por apresentar, nas últimas categorias, revistas em outros idiomas, o que faz com que não tenham índices de destaque. Em relação aos periódicos do sul/periferia, há aumento no percentual conforme se distancia do topo. Com exceção da Oceania, que apresenta maior percentual no Q3, as demais regiões expõem o seu pico no Q4.<sup>26</sup>

---

85% dessas revistas são de língua inglesa. Do restante, 8% são de múltiplos idiomas, seguido pelo espanhol (3,3%), alemão (1,5%), português (0,9%), francês (0,7%), lituano (0,2%) e mandarim (0,2%). Entre as áreas que mais aparecem, ressaltamos: multidisciplinar (6,7%), engenharia (5%), ciência material (3,4%) e psicologia (3%).

<sup>26</sup> A concentração em países como Estados Unidos e Reino Unido são observados também em outros bancos de dados. Keim (2008) em estudo sobre o *Social Sciences Citation Index* identificou que 58% dos artigos publicados são de autoras afiliados aos Estados Unidos. A América do Norte e a Europa Ocidental cobrem mais de 89% das revistas. Investigando as publicações do sul/periferia, a autora observou que apenas 10 das 49 nações da África possuem ao menos 100 artigos referenciados. Da América Latina, 8 dos 26 países aparecem ao menos 100 vezes. Ao analisar a base de dados FRANCIS (1984-2005), Keim observou que 85% dos artigos eram de afiliados à América do Norte ou Europa Ocidental, enquanto artigos de autoras africanas representam 1,5% e da latino-americanas 2,3%.

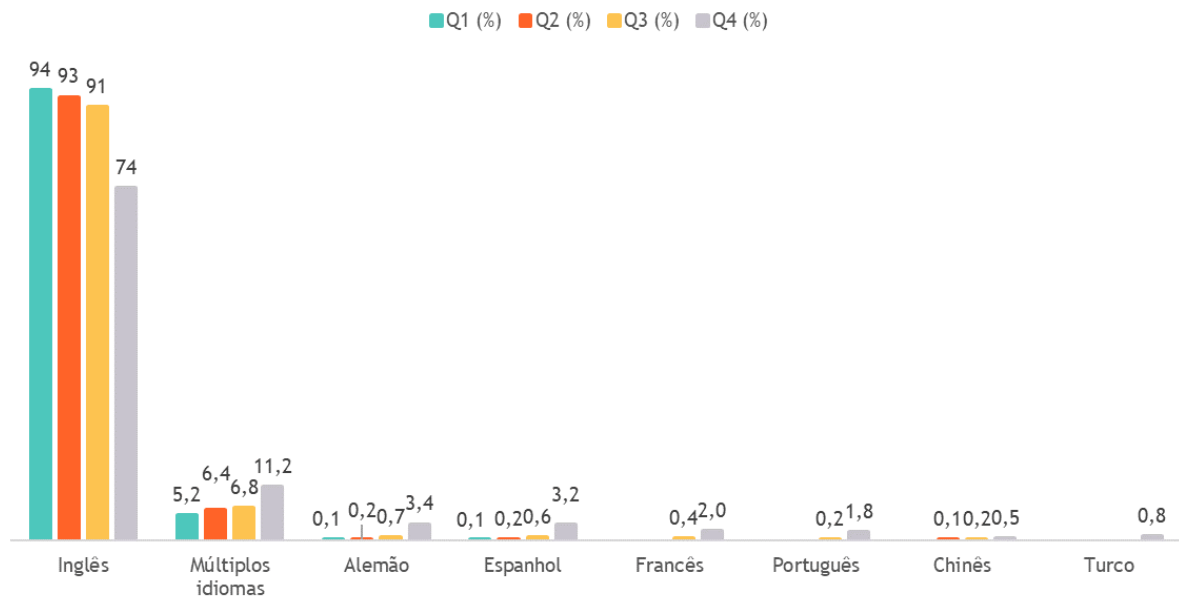
Gráfico 4.1 - Posição das revistas por país



Fonte: SCImago Journal & Country Rank e Journal Citation Reports

O idioma é o grande fator para esse cenário e os percentuais próximos da Europa se dão pela presença de periódicos em outras línguas. O Gráfico 4.2 apresenta as categorias de acordo com o idioma do periódico. Nota-se, além da diminuição percentual do inglês, o aumento de múltiplos idiomas – alemão, espanhol, francês e o aparecimento do turco. O crescimento percentual dos múltiplos idiomas à medida que se distancia dos altos índices, é explicado pela análise de Leydesdorff (2016). Em seus estudos sobre citações, o autor constatou, ao investigar revistas alemãs, que a principal fronteira é linguística. Caso uma revista apresente mais de um idioma, o não inglês puxará a citação média do periódico para baixo, impactando no cálculo do índice. O francês e o alemão só aparecem com relevância no Q3 e Q4, enquanto o turco e português só surgem, com destaque, no Q4. Isso salienta a distinção existente entre idioma juntamente com a localidade. Os periódicos de outros idiomas localizados em países com destaque (França e Alemanha) se sobressaem em relação àqueles de países mais distantes do centro de produção e publicação (Turquia e Brasil). Além desse resultado, dois apontamentos são destacados: 1) maior presença de revistas da Europa em outro idioma no Q4; 2) maior expressividade de periódicos de múltiplos idiomas no Q4.

Gráfico 4.2 – Posição das revistas por língua



Fonte: *SCImago Journal & Country Rank e Journal Citation Reports*

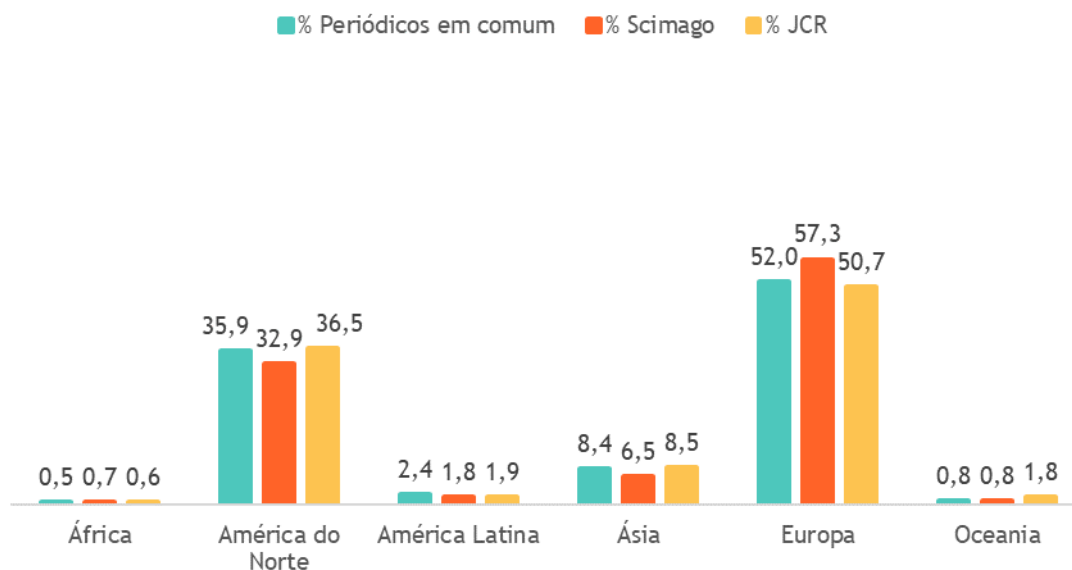
A investigação dos cenários apresentados pelos dois gráficos sinaliza duas conclusões: 1) disparidade da língua inglesa em relação aos outros idiomas; 2) posicionamento dos periódicos do sul/periferia. As revistas dessas localidades começam a ganhar algum destaque no Q3 e Q4, enquanto as do norte/centro somam mais de 98% no Q1. Esses resultados são relacionais, visto que a presença massiva da língua inglesa é característica das nações da América do Norte e parte da Europa.

Essa concentração de periódicos em determinadas regiões também é observada em países específicos dessas localidades. Reino Unido e Estados Unidos são as nações com o maior número de periódicos, representando ao menos dois terços dos periódicos que estão nos bancos de dados. Os demais países que ostentam um quantitativo expressivo de periódicos estão localizados na Europa. Nas nações do sul/periferia esse cenário também é evidente. Na Oceania, a Austrália é bem evidente, enquanto que na América Latina, o Brasil possui um número relevante de periódicos quando comparado com as demais nações da região. Na África, se olharmos apenas para o *SCImago* e na área de Sociologia, apenas dois países apresentam revistas. Torna-se fundamental reiterar que esses valores baixos ou inexistente das regiões do sul/periferia não significam que não haja periódicos nessas localidades. Esse cenário pode significar que essas regiões não apresentam revistas com “impacto internacional”, ou seja, com citações, para que pudessem entrar nesses bancos de periódicos. A UNESCO fornece um

pequeno banco de dados chamado DARE, que não é completo e nem representativo, contudo apresenta mais de 300 revistas africanas que, em grande parte, existem há vários anos. Resultado semelhante é observado no SCIELO, há uma gama de periódicos na plataforma que não está inserida nessas bases educacionais. As produções dessas duas regiões são altamente marginalizadas, não sendo consideradas como “internacionais”.

Alguns fatores que observamos na discussão quanto à análise bibliométrica podem ser observados na investigação sobre os dois bancos, principalmente quanto a incongruências nas bases. Cada uma delas exibe a localidade à qual a revista está associada, contudo aproximadamente 26% dos periódicos apresentam diferenciação no país entre os bancos. O Gráfico 4.3 exibe o comportamento dos periódicos em três categorias: 1) o percentual das revistas com localidade em comum nos dois bancos; 2) percentual de acordo com o *SCImago*; 3) percentual segundo o JCR. Vemos que os resultados são próximos, todavia algumas considerações podem ser feitas. A representatividade da América do Norte e Europa é, como esperado, bem expressiva em todas as categorias. Contudo, no *SCImago* há uma vinculação ainda maior à Europa. Na Ásia e Oceania, há uma clara diferença entre os dois bancos. Essas informações salientam a dificuldade em identificar o país de periódicos de determinadas localidades, principalmente aquelas que possam gerar confusão devido ao idioma: África, Ásia e Oceania.

Gráfico 4.3 – Percentual das revistas por região e por banco de periódicos



Fonte: *SCImago Journal & Country Rank e Journal Citation Reports*

A Tabela 4.1 foi produzida para compreendermos onde estão as principais incongruências. Ela mostra o percentual de concordância entre os dois bancos. Vemos que a identificação de um periódico da América Latina não gera incongruência, visto que os percentuais são próximos de 100%. Provavelmente o idioma surge como um facilitador, pois diante de um periódico em português ou em espanhol, a chance de estar na América Latina é alta. A disparidade da Ásia e, principalmente, da Oceania ficam bem evidentes. 80% dos periódicos classificados como da Oceania no *SCImago* constam na mesma localidade do JCR, já o oposto é apenas 35%. Os outros 65% estão na América do Norte e Europa. Assim, a hipótese de que o idioma é um fator de identificação continua em relevância, já que esses três continentes possuem o inglês como principal língua. Dessa forma, possíveis incoerências na localidade podem ter sido cometidas. Mesmo que nosso objetivo não seja nos aprofundarmos, ainda assim, nessa análise exploratória, percebemos erros na classificação dos periódicos por localidades.

Resultado semelhante ocorreu na África: o maior percentual de divergência foi observado nas revistas de língua inglesa. Com isso, podemos considerar o idioma como o principal elemento na hora de associar um periódico a uma localidade. Não sabemos até que ponto uma pesquisa é realizada para essa identificação, contudo consideramos que não seja tão detalhada visto o número significativo de disparidades.

Tabela 4.1 – Percentual de revistas em comum por região

<b>Região</b>	<b>% de periódicos do JCR identificados na mesma região do SCImago</b>	<b>% de periódicos do SCImago identificados na mesma região do JCR</b>
África	59,68	49,33
América do Norte	72,85	80,89
América Latina	96,12	98,02
Ásia	74,22	97,05
Europa	88,81	78,67
Oceania	35,42	80,00

Fonte: *SCImago Journal & Country Rank e Journal Citation Reports*

Outra questão encontrada são as categorias nas quais os periódicos são classificados. Salientamos que cada revista pode ser classificada em mais de uma categoria, no *SCImago* há até sete classificações, enquanto que no JCR apenas duas. Além da nomenclatura diferente, os bancos apresentam agrupamentos distintos. O JCR agrupa endocrinologia e metabolismo na mesma categoria, enquanto o *SCImago* possui duas: 1) endocrinologia; 2) endocrinologia, diabetes e metabolismo. Casos semelhantes são observados em outras categorias. Dessa forma, não é possível fazer a comparação com todas elas, contudo vamos apresentar alguns resultados observados.

As duas bases apresentam ao todo 475 categorias. O *SCImago* classificou as revistas selecionadas para o estudo comparativo em 304 delas. Já o JCR fez a classificação em 228. Em comum, isto é, classificações com a mesma nomenclatura nas duas bases, temos 57. Na Tabela 4.2, apontamos as categorias mais presentes em cada um dos bancos e o percentual neles. Além disso, indicamos o percentual dessa mesma categoria (ou de próximas) na outra base. O intuito foi verificar se há distinção no número de periódicos das categorias. Os resultados mostram que cada base agrupa categorias distintas. O *SCImago* agrupou sociologia e política social, enquanto o JCR possui uma categoria para cada. Contudo, a grande distinção está nas demais classificações. O *SCImago* apresenta diversas variações de engenharia, enquanto que a JCR parece agrupar em apenas uma. O mesmo pode ser observado nas demais que conta no *top 5* da JCR, contudo em menor escala.

Tabela 4.2 – Percentual de categorias das revistas por banco de periódicos

<b>Top 5 SCImago</b>		
Categoria	SCImago	JCR
<i>Medicine</i>	2,8%	1,8%
<i>Sociology and Political Science</i>	1,7%	1,1%
<i>Ecology, Evolution, Behavior and Systematics</i>	1,6%	
<i>Education</i>	1,4%	0,5%
<i>Electrical and Electronic Engineering</i>	1,3%	1,1%
<b>Top 5 JCR</b>		
Categoria	JCR	SCImago
<i>Multidisciplinary</i>	5%	0,2%
<i>Engineering</i>	5%	0,5%
<i>Psychology</i>	4%	0,6%
<i>Chemistry</i>	3%	1,1%
<i>Computer Science</i>	3%	0,4%

Fonte: *SCImago Journal & Country Rank e Journal Citation Reports*

Em relação às 57 classificações em comum, em 53 delas, há mais periódicos classificados no *SCImago* do que no JCR. Contudo, a grande diferenciação está na categoria multidisciplinar: 41 periódicos classificados no *SCImago* e 805 no JCR. Apenas 12 categorias apresentam valores próximos, isso mostra a incongruência na classificação realizada em ambas as bases. Essa discrepância é causada, principalmente, pelo número de classificações feitas pelos bancos. Como ressaltado, o *SCImago* apresenta até sete rotulações: 78 periódicos da base comparativa possuem essas sete, por exemplo. Em contrapartida, o JCR possui apenas duas classificações, ocasionando o que vimos com os dados: categorias gerais. Contudo, a divergência não é apenas essa, vimos que há agrupamentos distintos, nomenclatura e forma que a classificação é realizada. Os periódicos classificados como multidisciplinar no JCR apresentam 189 categorias no *SCImago*. A identificação é bastante diversa.

Mesmo diante desses apontamentos, esses bancos de dados são utilizados como base para as autoras e instituições. Diante desse cenário de marginalização e centralização do número de revistas em nações e regiões específicas, torna-se relevante retratar as diferenças entre os índices de cada banco. Esses indicadores apontam resultados divergentes, fazendo com que as classificações mudem conforme o indicador utilizado. O *SCImago* apresenta dois índices: SJR e H. Já do JCR, vamos analisar cinco: *Impact Factor*, *Immediacy Index*, *Cited Half Life*,



*Eigenfactor* e *JIF Percentile*. Diante da variedade de índices, alguns periódicos exibem, em seu *site*, mais de um indicador com o objetivo de evidenciar seu impacto.

Salientamos que todos esses indicadores sofrem diversas críticas. Eles sintetizam um periódico ou uma pessoa em apenas um número, desconsiderando múltiplos fatores, tais como: a área do periódico ou da pessoa, região à qual estão vinculados, idioma, diferenças entre idades e gênero. Esses índices também não levam em conta o contexto da publicação, pois há uma diferença nos artigos publicados em conjunto e individualmente.<sup>27</sup> Por fim, não consideram a colaboração para políticas públicas e para a própria ciência: um artigo pode não ter um número expressivo de citações, mas contribuiu para a formulação de uma política pública, por exemplo. Contudo, mesmo diante de tantas questões, como mencionado em outras oportunidades, esses indicadores são usados para escolha de onde publicar e como publicar. Para mais, acreditamos que possuem relação, a partir de publicações em revistas de destaque em citações, com maiores investimentos.

#### 4.1.2 Índices

Com os resultados apresentados, torna-se mais que necessário expor suas particularidades e como denotam diferenciações nos seus resultados. Abaixo, apontaremos os parâmetros presentes nos bancos para esclarecer as principais diferenças entre eles. Além disso, vamos apresentar os cinco periódicos entre todos os campos de conhecimento com maior índice e as cinco revistas de Sociologia com maior parâmetro. Começaremos com os dois do *SCImago* e seguiremos para os do JCR.

##### 4.1.2.1 Indicador SJR

O indicador é produzido pelo próprio *SCImago* e leva em consideração o quantitativo médio de citações ponderadas recebidas no ano escolhido e nos três anos anteriores. Além disso, fundamenta-se na transição de prestígio de um periódico para outro por meio das citações. De forma resumida: quanto maior o número de citações feitas à determinada revista, maior o seu prestígio e, conseqüentemente, mais alta será sua posição.

---

<sup>27</sup> Em um artigo produzido por um grupo é difícil avaliar a produção individual.

Deste modo, o número de edições e de artigos em cada periódico é pertinente, pois possibilita que tenha mais citações, isso sem considerar outros fatores, tal como a relevância nacional/regional/internacional da revista. Acerca do cálculo, o prestígio do periódico é calculado conforme a média do prestígio obtido pelos seus artigos. Sendo assim, esse indicador torna possível a comparação entre artigos sem que outras condições – frequência de cada revista, número de artigos, etc. – sejam consideradas. O cálculo leva em conta as citações de revistas de qualquer área. Finalmente, outros componentes são considerados para o cálculo: tamanho do universo que o periódico se encontra, o número total de artigos do universo e possíveis *outliers* – revistas que não citam outras do mesmo universo.

Na Tabela 4.3 listamos os cinco periódicos que apresentam os maiores índices no ano de 2015. Nota-se que são da área de biológica, de língua inglesa e localizados nos Estados Unidos ou Reino Unido.

Tabela 4.3 – Revistas gerais com maiores índices – Indicador SJR

<b>Revista</b>	<b>Índice</b>	<b>Língua</b>	<b>País SCImago</b>
<i>Annual Review of Immunology</i>	32.725	Inglês	Estados Unidos
<i>CA - A Cancer Journal for Clinicians</i>	32.683	Inglês	Estados Unidos
<i>Nature Reviews Genetics</i>	32.343	Inglês	Reino Unido
<i>Nature Reviews Molecular Cell Biology</i>	28.757	Inglês	Reino Unido
<i>Cell</i>	27.696	Inglês	Estados Unidos

Fonte: *SCImago Journal & Country Rank*

Observando, na Tabela 4.4, os periódicos que foram classificados como sociologia pelos bancos de revistas, vemos que o principal enfoque é a política. Assim, como salientado na análise dos periódicos de todas as áreas, esses são de língua inglesa e do Estados Unidos ou Reino Unido.

Tabela 4.4 – Revistas de Sociologia e Política Social com maiores índices – Indicador SJR

<b>Revista</b>	<b>Índice</b>	<b>Língua</b>	<b>País SCImago</b>
<i>Administrative Science Quarterly</i>	10.595	Inglês	Estados Unidos
<i>Political Analysis</i>	9.579	Inglês	Reino Unido
<i>American Political Science Review</i>	8.626	Inglês	Reino Unido
<i>American Journal of Political Science</i>	7.666	Inglês	Reino Unido
<i>Annual Review of Political Science</i>	6.145	Inglês	Estados Unidos

Fonte: *SCImago Journal & Country Rank*

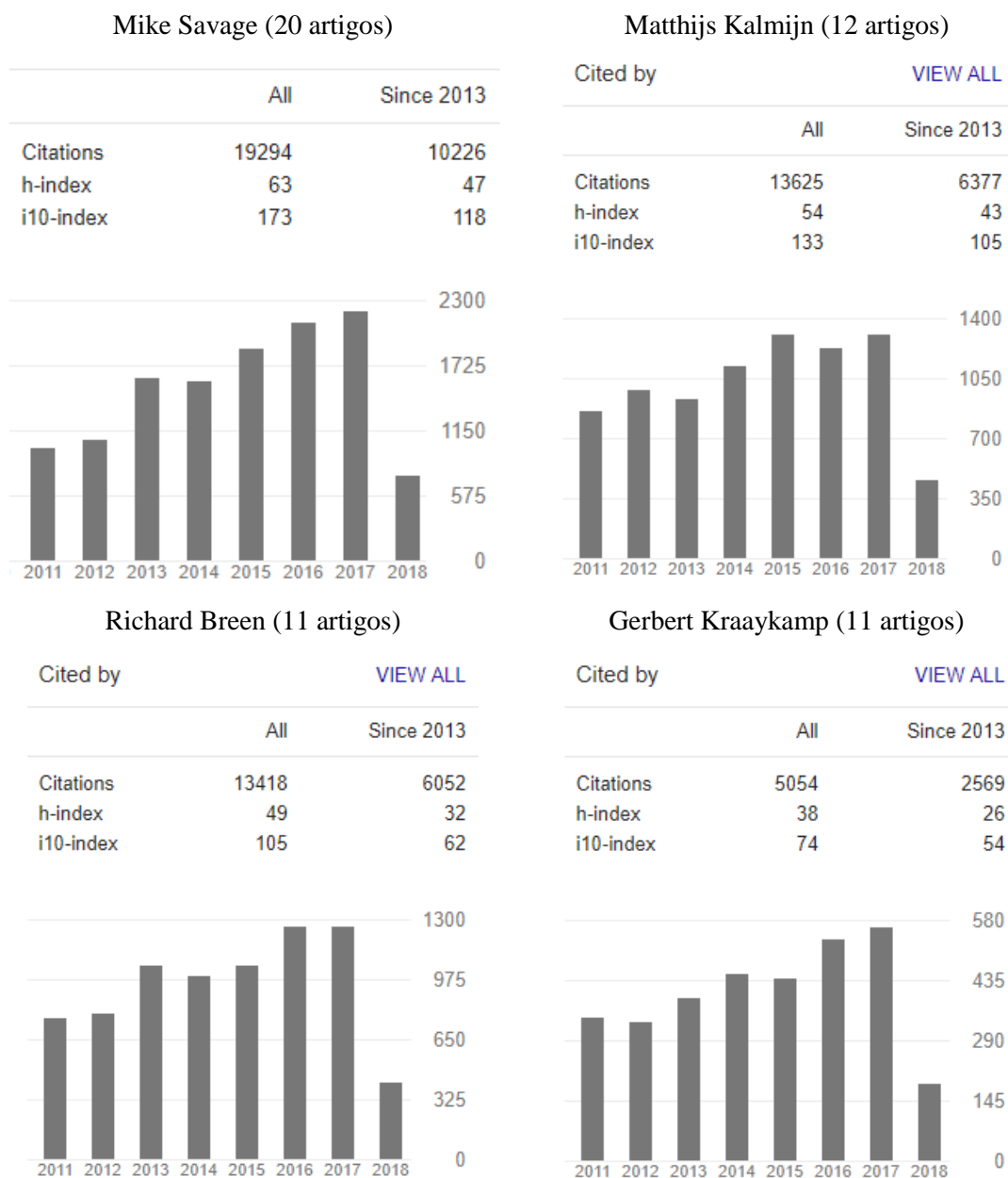
#### 4.1.2.2 Índice H

O H leva em consideração o número de artigos e o número de citações ao mesmo tempo. A taxa é usada tanto para periódicos como para autoras com o intuito de avaliar o desempenho de seus artigos em conjunto com as citações. Uma revista ou autora com índice 57 significa que 57 artigos tiveram ao menos 57 citações.

Esse indicador tem certa utilidade por ser calculado sem muita dificuldade, basta ter acesso a alguma base de citações. Ademais, sua assimilação não é complicada. Ele é elogiado por conseguir unir impacto com quantidade em um número, além de ter melhor *performance* do que índices que priorizam apenas o número de artigos, citações ou citações por artigos para mensurar o impacto. Outro benefício é seu cálculo para pessoas, sendo possível a comparação entre elas. Todavia, apresenta desvantagens contundentes. Além das citadas anteriormente, Antunes (2010, p. 18) pontua que o índice pode ser manipulado através de autocitação. Ainda “dá a livros o mesmo peso dos artigos, tornando complicado comparar pesquisadores de áreas em que há a cultura de publicar os resultados de pesquisa em livros, como as humanidades”. Essas críticas vão ao encontro do que Esposti (ANTUNES, 2010) observou em seu estudo acerca das pesquisadoras com índice acima de 100 (com base nos dados do Google Acadêmico). Seu resultado revelou que dentre as 200 pessoas com índice maior que 100, um número reduzido são de humanas ou ciências sociais aplicadas.

O *Google Scholar* disponibiliza, além do índice H das autoras, o quantitativo de citações e o índice i10 – número de publicações com ao menos 10 citações. Os elementos estão disponíveis desde 2009 e é feita uma comparação a partir de 2013. Abaixo mostramos as pessoas que apareceram com mais frequência nos periódicos analisados durante o nosso estudo. A Figura 4.1 aponta as pessoas que apareceram com mais frequência nos periódicos analisados durante o nosso estudo, dessa forma, são autoras das ciências sociais. As imagens foram extraídas da página de cada uma delas no *Google Scholar* e fornece, além das informações, um gráfico de barra com o quantitativo de citações por ano. Entre parênteses, após o nome, está o número de artigos que foi publicado por elas no período e periódicos pesquisados.

Figura 4.1 – Autores mais frequentes nos periódicos analisados – *Google Scholar*



Fonte: *Google Scholar*

O enfoque no trabalho não será nos índices das pessoas, contudo, vemos que as pessoas mencionadas são homens e estão vinculadas às instituições do Reino Unido e Holanda. Mike Savage e Matthijs Kalmijn apresentaram números expressivos nos parâmetros.

Em relação aos *top 5* periódicos com melhor indicador, vemos na Tabela 4.5 que apenas uma revista – *Cell* (periódico da área de biológicas) – aparece nos cinco primeiros do índice SJR. Assim, como na análise do SJR, os principais em relação à métrica H são de língua

inglesa e do Reino Unido ou Estados Unidos. Destaque para os valores da *Nature* e da *Science*, que são bem relevantes quando comparados com os demais da lista.

Tabela 4.5 – Revistas gerais com maiores índices – Índice H

<b>Revista</b>	<b>Índice</b>	<b>Língua</b>	<b>País SCImago</b>
<i>Nature</i>	1.011	Inglês	Reino Unido
<i>Science</i>	978	Inglês	Estados Unidos
<i>New England Journal of Medicine</i>	862	Inglês	Estados Unidos
<i>Cell</i>	655	Inglês	Estados Unidos
<i>Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America</i>	648	Inglês	Estados Unidos

Fonte: SCImago Journal

Os periódicos da Sociologia e correlatos já apresentam dois que estão no *top 5* do indicador SJR: *Administrative Science Quarterly* e *American Political Science Review*. Contudo, a posição muda: enquanto o primeiro ocupava o topo do índice SJR, no indicador H, ele ocupa a terceira posição. Nota-se a presença da *American Sociological Review* e *American Journal of Sociology* como revistas ‘exclusivas’ da sociologia.

Tabela 4.6 – Revistas de Sociologia e Política Social com maiores índices – Índice H

<b>Revista</b>	<b>Índice</b>	<b>Língua</b>	<b>País SCImago</b>
<i>Journal of Personality and Social Psychology</i>	297	Inglês	Estados Unidos
<i>American Sociological Review</i>	153	Inglês	Estados Unidos
<i>Administrative Science Quarterly</i>	153	Inglês	Estados Unidos
<i>American Journal of Sociology</i>	141	Inglês	Estados Unidos
<i>American Political Science Review</i>	140	Inglês	Reino Unido

Fonte: SCImago Journal

#### 4.1.2.3 Impact Factor

O Fator de Impacto (FI) leva em consideração a média de citações dos artigos publicados em um determinado periódico. O cálculo do FI de um determinado ano é realizado a partir da média de citações dos dois anos anteriores. Para descobrir o FI de revista em 2017, é necessário somar o número de citações de 2015 e 2016 e dividir pelo número de publicações – não apenas artigos – nesses dois anos. Assim como os parâmetros anteriores, o FI apresenta

diversas questões principalmente em relação à autocitação, sendo passível de manipulação. O uso do FI sem outras métricas pode prejudicar a publicação de artigos de campos de conhecimento ou de temáticas com menor visibilidade, visto que a falta de citações impacta diretamente o índice. Esse cenário tem consequência direta com o fazer científico por estimular o “modismo”, ou seja, os assuntos que estão ocasionando, no momento, maior volume de citações.

Observando, na Tabela 4.7, as revistas com maior expressividade, vemos que a *CA - A Cancer Journal for Clinicians* aparece no top 5 do indicador SJR e a *New England Journal of Medicine* aparece no índice H. Assim como os demais, há a presença da língua inglesa e da base do período no Estados Unidos ou no Reino Unido. O enfoque, assim como no SJR, está na área de saúde.

Tabela 4.7 – Revistas gerais com maiores índices – Fator de Impacto

<b>Revista</b>	<b>Índice</b>	<b>Língua</b>	<b>País SCImago</b>
<i>CA - A Cancer Journal for Clinicians</i>	131.723	Inglês	Estados Unidos
<i>New England Journal of Medicine</i>	59.558	Inglês	Estados Unidos
<i>Nature Reviews Drug Discovery</i>	47.120	Inglês	Reino Unido
<i>The Lancet</i>	44.002	Inglês	Reino Unido
<i>Nature Biotechnology</i>	43.113	Inglês	Reino Unido

Fonte: *Journal Citation Reports*

Nas revistas categorizadas como sociologia, o cenário segue o já observado: língua inglesa e localizada nos Estados Unidos ou Reino Unido. Tanto a *Administrative Science Quarterly* quanto a *Journal of Personality and Social Psychology* aparecem em relevância nos indicadores anteriormente. O *Annual Review of Sociology* é a única com escopo ‘exclusivo’ da Sociologia.

Tabela 4.8 – Revistas de Sociologia e Política Social com maiores índices – Fator de Impacto

<b>Revista</b>	<b>Índice</b>	<b>Língua</b>	<b>País SCImago</b>
<i>Administrative Science Quarterly</i>	5.316	Inglês	Estados Unidos
<i>Crime and Justice</i>	4.941	Inglês	Estados Unidos
<i>Journal of Personality and Social Psychology</i>	4.736	Inglês	Estados Unidos
<i>American Journal of Political Science</i>	4.515	Inglês	Reino Unido
<i>Annual Review of Sociology</i>	4.509	Inglês	Estados Unidos

Fonte: *Journal Citation Reports*

#### 4.1.2.4 Immediacy Index

O Índice Imediato é o número médio de vezes que um artigo é citado no ano em que foi publicado. Esse parâmetro possui semelhanças com o Fator de Impacto. Ambos possuem a mesma forma de cálculo: razão do número de citações pelo volume de publicações. Enquanto o FI é calculado a partir dos dois anos anteriores, o Índice de Impacto é calculado a partir de um determinado ano.

Pela semelhança, as críticas também apresentam aproximações. Além das já citadas anteriormente, por avaliar apenas o ano vigente, esse parâmetro não tem capacidade de avaliar o impacto de trabalhos a médio e longo prazo, dessa forma, estimula a ‘escolha’ por pautas mais atrativas. Ademais, os periódicos que publicam com maior frequência durante o ano e com mais regularidade apresentarão Índice Imediato mais expressivo do que as revistas que publicam apenas no fim do ano, visto que a chance de citações no mesmo ano diminuem.

A análise das revistas do *top 5*, presente na Tabela 4.9, aponta periódicos que aparecem também no *top 5* de outros indicadores: *CA - A Cancer Journal for Clinicians* (SJR e H), *New England Journal of Medicine* (H e IF) e *The Lancet* (IF).

Tabela 4.9 – Revistas gerais com maiores índices – Índice Imediato

<b>Revista</b>	<b>Índice</b>	<b>Língua</b>	<b>País SCImago</b>
<i>CA - A Cancer Journal for Clinicians</i>	50.292	Inglês	Estados Unidos
<i>Physics of Life Reviews</i>	22.455	Inglês	Estados Unidos
<i>New England Journal of Medicine</i>	20.012	Inglês	Reino Unido
<i>IEEE Access</i>	20.000	Inglês	Reino Unido
<i>The Lancet</i>	13.210	Inglês	Reino Unido

Fonte: *Journal Citation Reports*

As revistas de Sociologia apresentam disparidade em relação aos outros índices: todas do *top 5* não se encontram nos demais, além disso, a *European Integration - Online Papers* possui sede na Áustria, sendo o único país fora Estados Unidos e Reino presente na análise. Esse periódico, assim como os demais, é de língua inglesa.

Tabela 4.10 – Revistas de Sociologia e Política Social com maiores índices – Índice Imediato

<b>Revista</b>	<b>Índice</b>	<b>Língua</b>	<b>País SCImago</b>
<i>Sociological Forum</i>	1.816	Inglês	Estados Unidos
<i>European Integration - Online Papers</i>	1.429	Inglês	Áustria
<i>Cambridge Journal of Regions, Economy and Society</i>	1.375	Inglês	Reino Unido
<i>Review of International Studies</i>	1.289	Inglês	Reino Unido
<i>Journal of Conflict Resolution</i>	1.207	Inglês	Estados Unidos

Fonte: *Journal Citation Reports*

#### 4.1.2.5 Cited Half Life

Assim como os demais parâmetros, a Meia-Vida leva em consideração apenas as citações e o número de publicações. Caso um determinado periódico não tenha atingido ao menos 100 citações durante o ano da JCR, ele não apresentará o indicador da Meia-Vida. Um índice baixo sugere que houve um pico na atividade de citação, contudo esse pico apresenta uma queda muito rápida. Um número alto pode estar associado com um pico que cai de forma mais lenta. Diferentemente do Fator de Impacto ou do Índice Imediato, a Meia-Vida mensura o impacto a longo prazo, tendo em vista que aponta o tempo que um artigo ou periódico continuou sendo citado. É comum revistas apresentarem Meia-Vida alta e FI baixo. Esse cenário ocorre por conta dos periódicos de áreas em que os avanços científicos são mais lentos, enquanto que o oposto, Meia-Vida baixo e FI alta, ocorre nos campos em que há mudanças expressivas.

Não é possível analisar o *top 5* nesse índice, o banco de períodos JCR apresenta como maior quantitativo >10 (Meia-Vida maior que 10 anos) e 2.369 revistas possuem esse valor, dessa forma, não é possível determinar qual delas apresenta o maior índice.

#### 4.1.2.6 Eigenfactor

Esse indicador diferencia as citações de acordo com periódico. As revistas são classificadas de acordo com a sua influência, citações de periódicos altamente classificados possuem uma contribuição maior para o parâmetro do que as revistas ‘mal classificadas’. Dessa forma, a citação em um periódico de ‘ponta’ tem mais relevância do que as citações em revistas medianas.



Além de levar em consideração a origem das citações, o indicador tem o cuidado de contabilizar as citações de revistas do campo das ciências sociais e retirar do seu cálculo as autocitações, isto é, caso artigos de um periódico A sejam referenciados por outros artigos da mesma revista, essas citações são excluídas do cálculo.

Dessa forma, a diferenciação entre o *Eigenfactor* e o FI é que o primeiro leva em consideração a fonte das citações. Sendo assim, complementa, a partir desse critério de qualidade, as informações coletadas a partir do FI. Contudo, mesmo que seja uma alternativa às críticas ao FI, o *Eigenfactor* ainda está atrelado aos periódicos de destaque que, como relatado anteriormente, são de campo de conhecimento, idioma, regiões e países específicos. É necessária a utilização desses filtros antes de compreender plenamente o uso desse indicador. Ou seja, analisar separadamente as revistas de um campo, de um idioma e de um país, por exemplo.

O top 5 dos periódicos com maior índice apresenta novamente o *Nature* e o *Science*. Destaque para a *PLoS ONE*, revista da área de Ciências Agrárias e Biológicas que possui o maior índice.

Tabela 4.11 – Revistas gerais com maiores índices – *Eigenfactor*

<b>Revista</b>	<b>Índice</b>	<b>Língua</b>	<b>País SCImago</b>
<i>PLoS ONE</i>	1,82	Inglês	Estados Unidos
<i>Nature</i>	1,45	Inglês	Reino Unido
<i>Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America</i>	1,33	Inglês	Estados Unidos
<i>Science</i>	1,16	Inglês	Estados Unidos
<i>Physical Review Letters</i>	0,82	Inglês	Estados Unidos

Fonte: *Journal Citation Reports*

Na Sociologia, assim como em indicadores anteriores, *Journal of Personality and Social Psychology* e *American Journal of Political Science* aparecem em relevância. Nota-se a distinção no índice em comparação com a tabela acima.

Tabela 4.12 – Revistas de Sociologia e Política Social com maiores índices – *Eigenfactor*

<b>Revista</b>	<b>Índice</b>	<b>Língua</b>	<b>País SCImago</b>
<i>Journal of Personality and Social Psychology</i>	0,04	Inglês	Estados Unidos
<i>American Journal of Political Science</i>	0,02	Inglês	Reino Unido
<i>Journal of Experimental Social Psychology</i>	0,02	Inglês	Estados Unidos
<i>American Political Science Review</i>	0,02	Inglês	Reino Unido
<i>World Development</i>	0,02	Inglês	Reino Unido

Fonte: *Journal Citation Reports*

#### 4.1.2.7 Comparativo entre os indicadores

De forma geral, os parâmetros apresentados possuem as mesmas variáveis para seus cálculos: número de publicações e volume de citações. Há aqueles que possuem apenas esses fatores para sua mensuração – Fator de Impacto, Índice Imediato e o Índice H – e outros que visam adicionar outros elementos ao cálculo – SJR e *Eigenfactor*. Essa similaridade, observada no idioma – todos são de língua inglesa – e no país – com exceção de um, todos estão localizados no Estados Unidos ou Reino Unido – faz com que haja poucas mudanças no *top 5* de periódicos. Entre as disparidades, o *Immediacy Index* das revistas de Sociologia apresentou periódicos que não estavam presentes nos demais índices, enquanto há indicadores que possuem revistas que não aparecem nos demais. Ou seja, a escolha de um determinado índice impacta diretamente na forma de análise, mesmo que o cenário não mude por completo: revistas da Europa e América do Norte são referências em todos eles e de áreas de saúde ou biológicas. Para uma análise mais concludente, é preciso utilizar mais de um caso queira analisar os periódicos de maior destaque dentro de um contexto específico.

O Quadro 4.1 apresenta o *top 5* das revistas de todas as áreas. Aquelas que estão marcadas são as que se repetem em mais de um índice, enquanto as não marcadas aparecem apenas naquele determinado indicador. Ao todo, 16 periódicos aparecem no *top 5*. Desses, sete aparecem mais de uma vez, com destaque para *New England Journal of Medicine* e *CA - A Cancer Journal for Clinicians*, que surgem três vezes. Com exceção da *Science* e da *Nature*, que possuem enfoque em áreas multidisciplinares, os demais são da saúde e biológicas.

Quadro 4.1 – Principais revistas por índices

<b>Indicador SJR</b>
<i>Annual Review of Immunology</i>
<i>CA - A Cancer Journal for Clinicians</i>
<i>Nature Reviews Genetics</i>
<i>Nature Reviews Molecular Cell Biology</i>
<i>Cell</i>
<b>Índice H</b>
<i>Nature</i>
<i>Science</i>
<i>New England Journal of Medicine</i>
<i>Cell</i>
<i>Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America</i>
<b>Impact Factor</b>
<i>CA - A Cancer Journal for Clinicians</i>
<i>New England Journal of Medicine</i>
<i>Nature Reviews Drug Discovery</i>
<i>The Lancet</i>
<i>Nature Biotechnology</i>
<b>Immediacy Index</b>
<i>CA - A Cancer Journal for Clinicians</i>
<i>Physics of Life Reviews</i>
<i>New England Journal of Medicine</i>
<i>IEEE Access</i>
<i>The Lancet</i>
<b>Eigenfactor</b>
<i>PLoS ONE</i>
<i>Nature</i>
<i>Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America</i>
<i>Science</i>
<i>Physical Review Letters</i>

Fonte: SCImago Journal & Country Rank e Journal Citation Reports

Há a presença de 17 periódicos classificados como sociologia. Desses, quatro aparecem ao menos três vezes, nenhum deles sendo com enfoque exclusivo em Sociologia: *Administrative Science Quarterly*, *American Political Science Review*, *American Journal of Political Science* e *Journal of Personality and Social Psychology*.

Quadro 4.2 – Principais revistas de Sociologia e Política Social por índices

<b>Indicador SJR</b>
<i>Administrative Science Quarterly</i>
<i>Political Analysis</i>
<i>American Political Science Review</i>
<i>American Journal of Political Science</i>
<i>Annual Review of Political Science</i>
<b>Índice H</b>
<i>Journal of Personality and Social Psychology</i>
<i>American Sociological Review</i>
<i>Administrative Science Quarterly</i>
<i>American Journal of Sociology</i>
<i>American Political Science Review</i>
<b>Impact Factor</b>
<i>Administrative Science Quarterly</i>
<i>Crime and Justice</i>
<i>Journal of Personality and Social Psychology</i>
<i>American Journal of Political Science</i>
<i>Annual Review of Sociology</i>
<b>Immediacy Index</b>
<i>Sociological Forum</i>
<i>European Integration - Online Papers</i>
<i>Cambridge Journal of Regions, Economy and Society</i>
<i>Review of International Studies</i>
<i>Journal of Conflict Resolution</i>
<b>Eigenfactor</b>
<i>Journal of Personality and Social Psychology</i>
<i>American Journal of Political Science</i>
<i>Journal of Experimental Social Psychology</i>
<i>American Political Science Review</i>
<i>World Development</i>

Fonte: *SCImago Journal & Country Rank e Journal Citation Reports*

Para encerrar a comparação entre os dois bancos, a Tabela 4.13 apresenta os periódicos mais bem selecionados conforme os índices apresentados anteriormente. Os valores são as posições dessas revistas entre as 10.924 analisadas. Elas foram ordenadas a partir da média das posições, ou seja, a *Nature* é o periódico que apresenta melhor posição entre os indicadores. Todos são de língua inglesa e estão posicionados no quartil do topo, isto é, ao dividir as revistas em quatro partes iguais em que Q1 são as revistas do topo e Q4 são as com menores índices, elas se encontram no Q1. Diferentemente da análise isolada do *top 5* que, além da *Science* e

*Nature*, apresentava revistas da área de saúde e/ou biológicas, o *top 10* apresenta, além desses campos, revistas do campo da química.

Tabela 4.13 – Posição das revistas gerais por índice

<b>Revista</b>	<b>País SCImago</b>	<b>Indicador SJR</b>	<b>Índice H</b>	<b>Impact Factor</b>	<b>Immediacy Index</b>	<b>Eigenfactor</b>
<i>Nature</i>	Reino Unido	13	1	9	9	2
<i>New England Journal of Medicine</i>	Estados Unidos	25	3	2	3	7
<i>The Lancet</i>	Reino Unido	24	6	4	5	12
<i>Cell</i>	Estados Unidos	39	2	16	11	4
<i>Science</i>	Estados Unidos	5	4	26	26	8
<i>Chemical Reviews</i>	Estados Unidos	15	8	12	13	30
<i>Nature Genetics</i>	Reino Unido	10	11	21	24	29
<i>Nature Materials</i>	Reino Unido	19	29	7	15	36
<i>Chemical Society Reviews</i>	Reino Unido	16	28	5	12	58
<i>Nature Biotechnology</i>	Reino Unido	26	29	18	8	26

Fonte: SCImago Journal & Country Rank e Journal Citation Reports

Em relação aos periódicos de Sociologia, a Tabela 4.14 aponta que há distinções do quartil de acordo com os índices. *Administrative Science Quarterly*, *American Sociological Review*, *Annual Review of Sociology* e *Political Analysis*, por exemplo, estão posicionadas tanto no Q1 quanto no Q2, dependendo do indicador. Elas variam principalmente no *Immediacy Index*. *Political Analysis* possui ainda o índice H no Q2. Essa revista encontra-se no *top 10* pela posição apresentada no indicador SJR. Assim como as de todas as áreas, os periódicos estão situados nos Estados Unidos ou no Reino Unido.

Tabela 4.14 – Posição revistas de Sociologia e Política Social por índice

<b>Revista</b>	<b>País SCImago</b>	<b>Indicador SJR</b>	<b>Índice H</b>	<b>Impact Factor</b>	<b>Immediacy Index</b>	<b>Eigenfactor</b>
<i>Journal of Personality and Social Psychology</i>	Estados Unidos	244	53	660	1.015	390
<i>American Journal of Political Science</i>	Reino Unido	114	196	734	754	717
<i>American Political Science Review</i>	Reino Unido	92	183	1.175	1.091	760
<i>Administrative Science Quarterly</i>	Estados Unidos	65	170	521	1.338	1.669
<i>American Sociological Review</i>	Estados Unidos	242	170	924	1.309	1.162
<i>Annual Review of Sociology</i>	Estados Unidos	247	190	737	1.307	1.387
<i>Political Analysis</i>	Reino Unido	76	273	1.148	1.186	1.359
<i>Journal of Public Administration Research and Theory</i>	Reino Unido	214	239	965	1.120	1.819
<i>Journal of Experimental Social Psychology</i>	Estados Unidos	743	215	1.798	1.081	751
<i>International Organization</i>	Reino Unido	220	208	1.306	1.142	1.742

Fonte: SCImago Journal & Country Rank e Journal Citation Reports

Diante desse cenário de desequilíbrios regionais, predominância de determinados fatores de seleção, incongruências e descompassos nas avaliações dos diferentes índices, vemos que é fundamental conhecer essas métricas e seus cálculos. Além disso, usar mais de um indicador para apresentar resultados na análise bibliométrica ou para outro fim é essencial, pois cada métrica pode proporcionar resultados distintos. Diante dessa situação, para nosso estudo, como exposto no capítulo metodológico, selecionamos as revistas a partir do indicador SJR e do índice H. Para Keim (2008), é errôneo olhar para esses resultados como reflexo da produção acadêmica, eles devem ser observados também como indicadores de centralidade ou marginalidade. Para ela, os produtores de bases de dados bibliométricas, por meio dos critérios de seleção, determinam quais ciências sociais são centrais e quais são marginais, ou seja, que não são do interesse da comunidade científica.

Esse cenário apresentado por Keim (2008) fortalece as desigualdades apresentadas e impactam diretamente lá na frente, ou seja, dependendo dos indicadores escolhidos, resultados

distintos podem ser encontrados. Além das diferenciações quanto aos índices, há distinções em relação ao banco de periódicos utilizados. Esse cenário também é observada nos *rankings* de instituições, cada um apresentando resultados diferentes. Conquanto, os resultados não se transformam de forma expressiva, a concentração na Europa e América do Norte é observada nos mais diversos indicadores ou *rankings*.

#### 4.2 Ranking de instituições

Nosso objetivo não é nos estender ainda mais na discussão dos problemas dos *ranqueamentos*. Contudo, como mencionado em seções anteriores, a tese que embasa nosso estudo é de que há uma conexão entre o *ranking* de periódicos e o *ranking* de instituições: há uma cobrança de diversas instituições para que suas pesquisadoras publiquem mais para angariar um maior número de citações e, conseqüentemente, faça com que a instituição suba no *ranking* e consiga maiores investimentos. Diante dessa perspectiva, apresentaremos nessa seção as distinções entre dois *ranqueamentos* – *Academic Ranking of World Universities* (ARWU) e o da *Times Higher Education*. Ambos apresentam críticas à sua metodologia e conseqüentemente aos seus resultados. O primeiro, por exemplo, leva em consideração número de prêmios Nobels e medalhas *Fields* de pesquisadoras que já não se encontram na instituição no momento do recebimento do prêmio.

Os *rankings* de periódicos surgiram no contexto da busca por uma instituição de excelência. Essa situação está associada diretamente com a noção de *world-class university* (WCU). Martins (2015) e Cheol Shin (2012) apontam que uma WCU está associada diretamente a uma produção global e a uma rigorosa seleção tanto de docentes quanto de estudantes por meio de bolsas de estudos para discentes de diversas nacionalidades, além de salários e sistemas de incentivo para docentes. Mais ainda, ainda há uma busca por reitoras de excelência para gestão da instituição e melhor resultados na produção científica a partir de uma estrutura física apropriada.

Tanto Martins (2015) quanto Shin (2012) destacam o papel do governo como essencial para consolidação de uma WCU por meio de uma autonomia institucional concedida por ele. A partir dessa independência do governo, as WCU deixam de ser uma entidade nacional. Como abordado na seção da análise bibliométrica, a China foi um dos primeiros países a se interessar pela criação de uma WCU a partir do Projeto 985, criado e gerido pelo governo. Este projeto tinha como intuito incentivar instituições vistas como aptas para competirem

internacionalmente no âmbito educacional. Além disso, a maior instituição chinesa da atualidade, Universidade de Tsinghua, teve gastos anuais maiores que universidades como MIT e Yale: Esse investimento mostra que há disputa quanto às finanças, fator que impacta nas mudanças de posições no *ranking*, fazendo com que a distância das universidades chinesas para as do *top* 10 diminua com o passar dos anos. A Índia é outra nação que está nessa busca, o governo procura investir 1,5 bilhão de dólares nos próximos 10 anos em 10 instituições de ensino. Em 2005, o governo alemão lançou o Programa Excelência Iniciativa, que investiu 1,9 bilhão de dólares visando medidas inovadoras para o ensino superior. Entre os objetivos do programa está a criação de universidades do país como *world-class university* para ocupar posições de relevância nos *ranqueamentos*.

Outras nações, como Coreia do Sul e Singapura também possuem projetos voltados para a competição internacional. No Brasil, a Universidade de Brasília recentemente começou seu plano de internacionalização com o objetivo de impulsionar a colaboração de pesquisadoras da instituição com autoras de outros países e com isso estimular maior número de citações e conseqüentemente maiores indicadores. Entre 2010 e 2016, o impacto das citações de pesquisadoras da Universidade de Brasília aumentou mais de 100%, vindo principalmente de artigos do campo de saúde e biológicas. Nota-se a diferença dos anos em que essa competição internacional começou: enquanto na China foi em 1998, no Brasil, uma das instituições mais importantes do país começou essa busca quase 20 anos depois.

Esse cenário de busca por uma WCU ocasionou o surgimento de *rankings* de instituições. Erkkilä e Kauppi (2009) salientam que a visibilidade global dos *rankings* proporciona mudanças significativas nas agendas nacionais. O *Academic Ranking of World Universities* (ARWU), conhecido também como *Ranking* de Shanghai, é considerado o primeiro *ranking* global de instituições universitárias. Embora tenha sido criado na China, o ARWU é enaltecido pela imparcialidade em relação às instituições asiáticas ao mesmo tempo que há elogios e críticas quanto a sua metodologia. Sua metodologia é separada em quatro critérios:



Quadro 4.3 – Critérios do *Academic Ranking of World Universities* (ARWU)

<b>Critério</b>	<b>Indicador</b>	<b>Ponderação</b>
Qualidade da educação	Alunos laureados do Nobel e Medalha <i>Fields</i>	10%
Qualidade do corpo docente	Docentes ganhadores do Prêmio Nobel e Medalha <i>Fields</i>	20%
	Pesquisadores altamente citados em 21 categorias de assuntos gerais	20%
Produção de pesquisa	Artigos publicados em <i>Nature and Science</i>	20%
	Artigos indexados no <i>Science Citation Index</i> -expandido e <i>Social Science Citation Index</i>	20%

Fonte: *Academic Ranking of Universities*

Seus critérios levam em consideração a produtividade em pesquisa a partir de artigos publicados na *Science*, na *Nature* e em artigos de revistas que fazem parte dos índices de indexação do *Institute for Scientific Information* (ISI) mesmo instituto que publica do o *Journal Citation Reports* abordado na última sessão. Essa produção científica corresponde a 40% do *ranqueamento*. As críticas a esses critérios de produção seguem tendência já abordada anteriormente: valorização das publicações em língua inglesa e de determinados periódicos científicos. De acordo com Martins (2015), algumas dessas revistas de referências encontram-se abrigadas em instituições de ensino que ocupam posição de destaque, desse modo, reproduz-se o cenário de hegemonia da produção em locais restritos.

Outro questionamento bastante mencionado sobre o ARWU é em relação à mensuração de qualidade. O *ranking* mede esse fator a partir de premiações Nobel e de Medalha *Fields*. Essas condecorações estimulam ainda mais a reprodução da conjuntura hegemônica em determinadas regiões, onde os três países com o maior número de laureados com o Prêmio Nobel são: Estados Unidos (33,2%), Reino Unido (11%) e Alemanha (9,6%). Se observarmos por continente, Europa (52,5%) e América do Norte (36%) são aqueles que apresentaram o maior percentual de premiados. Já acerca das universidades com mais laureados, no *top 10* temos sete estadunidenses, duas do Reino Unido e uma da França; aquelas que apresentam mais gratificados são: Harvard, Columbia e Cambridge.

Sobre a Medalha *Fields*, Estados Unidos (23,3%), França (20%) e Rússia (15%) são as principais nações. A respeito do continente: Europa (58,3%) e América do Norte (25%) são os que apresentam o maior número de laureados. Finalmente, no *top 10* das universidades: seis são dos Estados Unidos, três da França, uma do Reino Unido e uma da Rússia. Assim como no

Prêmio Nobel, Harvard é a que detém o maior número de premiados, seguida pela Universidade de Paris e pela *École Normale Supérieure*.

Para compreensão desse contexto já abordado nas citações e nas premiações – Nobel e *Fields* – apresentamos, na Tabela 4.15, as instituições de ensino que apareceram ao menos uma vez no ARWU de 2003 até 2017. Ao todo, 902 universidades surgiram nesse período, calculamos a média e a mediana de sua posição em cada ano e chegamos na tabela que apresenta o cruzamento entre a posição da instituição de ensino e a região na qual ela está presente. Nas primeiras cinquenta posições, aproximadamente 95% das universidades estão localizadas na América do Norte, principalmente Estados Unidos, e Europa. Esse percentual diminui conforme as posições aumentam: 601-700 (49%) e 701-800 (48%). Em contrapartida, nota-se crescimento percentual de universidades da América Latina ao passo que as posições aumentam: nas três primeiras categorias não há instituições da região, o maior percentual está entre as posições 701-800. Situação semelhante é vista na África, que não possui universidades nas 200 primeiras posições e possui o maior percentual na última categoria.

Tabela 4.15 – Percentual das localidades por posição no *Academic Ranking of World Universities* (ARWU)

Posição	África	América do Norte	América Latina	Ásia	Europa	Oceania
1-50	0,0%	67,3%	0,0%	3,6%	27,3%	1,8%
51-100	0,0%	46,9%	0,0%	8,2%	38,8%	6,1%
101-150	0,0%	29,6%	0,0%	14,8%	50,0%	5,6%
151-200	0,0%	34,7%	4,1%	10,2%	46,9%	4,1%
201-300	0,8%	31,7%	0,8%	15,4%	47,2%	4,1%
301-400	0,7%	23,1%	2,7%	32,0%	34,0%	7,5%
401-500	2,5%	24,0%	2,0%	27,5%	39,7%	4,4%
501-600	0,0%	13,0%	6,5%	40,3%	37,7%	2,6%
601-700	1,4%	15,9%	2,9%	42,0%	33,3%	4,3%
701-800	4,1%	13,7%	9,6%	38,4%	34,2%	0,0%
<b>Total</b>	<b>1,2%</b>	<b>27,3%</b>	<b>2,8%</b>	<b>25,4%</b>	<b>38,9%</b>	<b>4,3%</b>

Fonte: *Academic Ranking of Universities*

Resultados semelhantes são observados no *World University Ranking* (WUR), publicado pela *Times Higher Education*. Assim como o ARWU, o WUR tem como objeto o reconhecimento de instituições multifacetadas. Sua metodologia leva em consideração indicadores gerais e individuais que, de forma resumida, medem: ensino, diversidade quanto à

nacionalidade de discente e docentes, pesquisa, citações e ensino. O Quadro 4.4 foi retirado do *site* do *ranking* e, além dos índices, apresenta os percentuais de cada categoria.

Quadro 4.4 – Critérios do *World University Ranking* (WUR)

<b>Indicador geral</b>	<b>Indicador individual</b>	<b>Ponderação percentual</b>
Renda da Indústria – inovação	Renda de pesquisa da indústria (por pessoal acadêmico)	2,50%
Diversidade internacional	Relação entre docentes internacionais e nacionais	3%
	Relação de estudantes internacionais e nacionais	2%
Ensino - o ambiente de aprendizagem	Pesquisa	15%
	Prêmios de doutorado por pessoa	6%
	Graduação admitido por acadêmico	4,50%
	Renda por acadêmica	2,25%
	Doutoramentos / Licenciaturas	2,25%
Pesquisa - volume, renda e reputação	Reputação	19,50%
	Renda de pesquisa	5,25%
	Artigos por pesquisa e equipe acadêmica	4,50%
	Renda pública de pesquisa / renda total de pesquisa	0,75%
Citações - influência da pesquisa	Impacto da citação	32,50%

Fonte: *World University Ranking*

O WUR apresenta mais categorias que o ARWU, além de mensurar a diversidade internacional, o percentual dado às premiações é menor do que no ARWU. De equivalente, ambos apresentam peso considerável à produção acadêmica e ao volume de citações. Esse peso impacta diretamente o resultado, trazendo desfecho semelhante ao exposto na análise do ARWU. A tabela abaixo foi produzida a partir de 1.013 instituições de ensino que apareceram entre os anos de 2011 e 2017. Realizamos, na Tabela 4.16, o mesmo cruzamento de região da universidade e a média que ocupa. Na categoria 1-50, 88% das instituições estão localizadas na América do Norte ou Europa. Esse percentual cai conforme as posições aumentam: 801-900 (26%) e 901-1000 (32%). Nesta última categoria, não há universidades da América do Norte. O oposto ocorre com universidades da América Latina e África, essas regiões apresentam percentuais maiores à medida que as posições aumentam: não há instituições da América Latina nas 200 primeiras posições, enquanto que universidades africanas representam 2% da categoria

101-150. O maior percentual de instituições latino-americanas encontra-se na posição 801-900, já o maior percentual das africanas está na categoria 901-1000.

Tabela 4.16 – Percentual das localidades por posição no *World University Ranking* (WUR)

<b>Posição</b>	<b>África</b>	<b>América do Norte</b>	<b>América Latina</b>	<b>Ásia</b>	<b>Europa</b>	<b>Oceania</b>
1-50	0,0%	65,3%	0,0%	8,2%	22,4%	4,1%
51-100	0,0%	34,8%	0,0%	15,2%	45,7%	4,3%
101-150	1,9%	26,9%	0,0%	1,9%	65,4%	3,8%
151-200	0,0%	28,3%	0,0%	13,3%	53,3%	5,0%
201-300	0,9%	28,1%	0,9%	12,3%	51,8%	6,1%
301-400	0,7%	25,9%	2,0%	13,6%	49,0%	8,8%
401-500	3,0%	17,0%	2,0%	20,0%	51,0%	7,0%
501-600	0,0%	17,3%	4,9%	28,4%	43,2%	6,2%
601-700	4,4%	2,7%	11,5%	44,2%	36,3%	0,9%
701-800	4,8%	6,7%	6,7%	50,0%	30,8%	1,0%
801-900	6,0%	2,0%	18,0%	50,0%	24,0%	0,0%
901-1000	8,5%	0,0%	10,6%	48,9%	31,9%	0,0%
<b>Total</b>	<b>2,6%</b>	<b>19,0%</b>	<b>5,2%</b>	<b>26,9%</b>	<b>42,2%</b>	<b>4,2%</b>

Fonte: *World University Ranking*

Esses resultados impactam diretamente as estratégias das instituições de ensino. Como salientado no capítulo anterior, Kivinen e Hedman (2008 *apud* ERKKILÄ e KAUPPI, 2009) apontam que há imposição das condutas das universidades que ocupam as primeiras posições para o restante. Essas instituições do topo são criticadas por não serem consideradas *world-class university*, visto que tendem, em grande parte, a focar em benefícios na sua própria instituição com o objetivo de gerar mais fundos para si, não possuindo a característica central de uma WCU: valor para a humanidade. É nesse cenário que Saleem Badat (2010) aponta que a noção de WCU apresenta influência temerária e duvidosa nas universidades do sul/periferia, pois entre os critérios mais relevantes está a produtividade de pesquisas, fundos de investimentos e discentes e docentes estrangeiros, onde a língua inglesa, a disposição geográfica e o desenvolvimento econômico são fatores determinantes para essa consolidação. Esse cenário é prejudicial para as instituições dessas localidades, uma vez que muitos desses países necessitam de um ambiente nacional específico para que se tenha contribuição social dessas unidades. As classificações realizadas por esses *rankings* afetam as regiões em razão delas buscarem o melhor posicionamento em um cenário completamente desfavorável:

metodologia com enfoque em citações e, conseqüentemente, publicações em língua inglesa. Isso implica em perda de possíveis interessadas nessas instituições, pois cada vez mais essas classificações são utilizadas pelo corpo docente e discente na procura por outras instituições, e como essas localidades não estão nos *rankings*, não são buscadas.

Além disso, o cenário encontrado sinaliza para um alerta diante desses *rankings*: ao mesmo tempo que são utilizados para estratégias e ações na área educacional, impactam diretamente as instituições que se encontram em posições distantes do topo. Essas, além de serem prejudicadas quanto à metodologia, não são buscadas por pesquisadoras de outras localidades, ocasionando a reprodução da hegemonia europeia e estadunidense. A alternativa encontrada por essas localidades é buscar as ações que são realizadas pelas instituições do topo, impactando diretamente na produção nacional. Coreia do Sul, Singapura, China e outros países asiáticos já aumentaram sua produção de artigos e utilizam o inglês em algumas instituições com o objetivo de trazer discentes e docentes de outras regiões. A *Nanyang Technological University*, localizada em Singapura, no ARWU, saiu da posição 366, em 2003, para 115. Esse pulo deu-se principalmente pelas políticas do governo em buscar uma WCU. Mesmo diante das fragilidades, alguns países dessas regiões periféricas ou do sul global usam esses *rankings* para embasar suas ações, dessa forma, torna-se fundamental compreender seus impactos.

Os resultados apresentados nessa seção salientam as similaridades e as diferenças entre os *rankings*; ao mesmo tempo que apresentam metodologias distintas, tanto o de periódicos quanto o de instituições de ensino, expõem resultados semelhantes. Estar no topo está atrelado diretamente com a escolha dos critérios que levam em consideração não apenas o aspecto lógico, mas disputas de poder. As métricas favorecem as publicações que já estão localizadas em regiões que ditam a produção científica. O impacto do topo reproduz ainda mais essa conjuntura, em que as instituições mais favorecidas, sejam pelos critérios sejam pela produção, estão localizadas nessa posição de referências. As instituições ou periódicos distantes desse topo ocupam posição de marginalidade ocasionando em menor procura por publicar ou estudar nessas localidades. Os países do sul/periferia que almejam estar no topo precisam enfrentar critérios que não os favorecem e para contornar esse problema aplicam investimentos expressivos, como o caso da China, Coreia do Sul e Singapura. As desigualdades surgem desde a consolidação dos critérios e, na próxima seção, vamos compreender como essas desigualdades estão presentes ao avaliar o perfil de quem publica nas revistas do topo e os determinantes que mais impactam para esse perfil publicar.

## 5 Análises e Resultados

Nessa seção, apresentaremos as investigações sobre as autoras e os artigos com o objetivo de averiguar os determinantes que mais impactam na publicação em revistas de impacto. Como destacado na metodologia, as revistas foram escolhidas por apresentar dois elementos: 1) aceitar trabalhos sobre qualquer país; 2) aceitar trabalhos sobre qualquer tema. Cinco periódicos – *American Journal of Sociology* (AJS), *American Sociological Review* (ASR), *European Sociological Review* (ESR), *Sociology* e *The British Journal of Sociology* (BJS) – foram escolhidos com base em dois indicadores: índice H e indicador SJR. O uso de duas métricas se mostrou pertinente diante das distinções expostas no último capítulo: cada uma delas apresentou posições de destaque nas revistas da mesma localidade (Estados Unidos ou Reino Unido), contudo as posições se alternam: a *American Sociological Review* ocupa a segunda posição no índice H e no indicador SJR ocupa a nona. Diante disso, a utilização de dois índices se mostrou relevante para compreender quais são as revistas que ocupam posições de centralidade na posição científica sociológica. Outros cinco periódicos foram sorteados – *Current Sociology* (*Current*), *Sociological Inquiry* (*Inquiry*), *Sociological Perspectives* (*SocPer*), *Sociological Spectrum* (*Spectrum*) e *The Sociological Review* (*SocRev*) – para comparar o perfil das autoras que publicam nos de impacto e em revistas que não apresentam índices tão relevantes.

Para compreender esse perfil, analisamos o país e a região por meio do histórico e do comparativo entre as revistas do índice e do sorteio. Também apresentamos uma análise sobre a média da posição da entidade da autora no *ranking* de instituições nos últimos 14 anos. Em relação aos artigos, vamos expor o quantitativo por ano, o percentual de coautoria e o percentual dos que foram publicados em edição especial. Além disso, realizamos uma análise detalhada quanto à temática para verificar os conteúdos mais publicados, o uso de técnicas quantitativas e quais regiões são mais citadas por esses artigos. Nessa investigação do tema, como informado no capítulo metodológico, realizamos análises de discurso, por meio do *Iramuteq*, e análise de redes para melhor visualização das informações.

Tanto para a análise de artigos quanto para a de autoras, vamos apresentar os determinantes e seus impactos nas chances de publicação nas revistas do índice. Essa investigação foi realizada segundo a análise de regressão logística. Basicamente essa técnica permite verificar o que mais impacta o perfil, baseado na mensuração da chance de algo

acontecer comparado com outro cenário. Dessa forma, consideramos a chance de publicar nos periódicos escolhidos pelo índice em comparação com os selecionados por sorteio. As variáveis abaixo foram consideradas como determinantes:

- Edição especial;
- Coautoria;
- Menção a alguma localidade no artigo;
- Uso de técnicas quantitativas;
- Continente da instituição;
- Posição da instituição no *Academic Ranking of World Universities*.

A edição especial e a coautoria surgiram da análise exploratória como explicação para a presença de autoras do sul/periferia nos periódicos selecionados pelo índice. O tema do artigo apresentou diversos resultados pertinentes, principalmente para a presença de estudos quantitativos. Assim sendo, nosso objetivo é investigar quanto a chance de uma autora aumenta se ela apresentar técnicas empíricas quantitativas em seu artigo. O continente da instituição torna-se essencial, já sabemos que autoras da Europa e América do Norte são maioria, mas qual a chance que elas possuem de publicar nessas revistas? Finalmente, queremos verificar se há correlação entre os *rankings*, para isso, nosso objetivo é verificar se uma autora vinculada a uma instituição de referência possui mais chance de publicar nas revistas escolhidas pelo índice.

A Tabela 5.1 apresenta os modelos criados para analisar, como variável resposta, a probabilidade de publicar nas revistas selecionadas com base no índice. O efeito do ano não muda com a inserção de outras variáveis e o efeito do idioma do país diminui apenas quando inserimos no modelo a posição da instituição da autora no *ranking* de universidades. Esse resultado é explicado por termos analisado a língua por país, e não por instituição, dessa forma, a variável é impactada por universidades de países não anglófonos (Alemanha, França, Holanda e outros) estarem em posições de destaque no *ranking* de instituições. Essa forma de mensuração do impacto do inglês não se mostrou a mais eficaz, assim, para este estudo, não conseguiremos medir o efeito do idioma na chance de publicação nas revistas selecionadas com base nos indicadores.

Optamos pela exclusão da América do Norte para compreender o impacto das autoras das demais regiões em comparação com as autoras dessa localidade. Resultados maiores que *I*

significam que as autoras da região possuem mais chance de publicar nas revistas do índice do que as autoras da América do Norte. Em contrapartida, valores menores que 1 sinalizam que as autoras da região possuem menor chance de publicar nos periódicos selecionados pelos indicadores. Observa-se que, ao incluir a variável *ranking* da instituição, as chances de publicação de autores de países da África, América Latina e Oceania aumentam, o que indica que 1) o prestígio da instituição é um fator determinante na publicação e 2) há uma concentração de instituições de prestígio na América do Norte, o que impacta as chances de países desse continente publicarem nos periódicos mais bem classificados.

Investigaremos a filiação e o *ranking* com mais detalhe quando apresentarmos as informações de cada uma dessas variáveis. Para observar o impacto de outros fatores – coautoria, edição especial e tema –, vamos acrescentá-los no modelo M9 ao mesmo tempo que faremos a probabilidade marginal em algumas delas. Esta pode ser compreendida como a relação entre duas ou mais variáveis nas chances de publicação nos periódicos escolhidos *versus* os sorteados. Os valores que apresentam um \*(asterisco) indicam probabilidade de significância (p-valor) menor que 0,05.



Tabela 5.1 – Modelos criados para compreender as chances de publicar nos periódicos do índice (resultados em razão de chance)

Variáveis	ModeloBase	M1	M2	M3	M4	M5	M6	M7	M8	M9
Ano	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0,98
País Inglês (Sim=1)		1	1	1*	1*	1*	1*	1*	1*	0,61*
Filiação África (Sim=1)				0,20(					0,28*	0,51
Filiação América Latina (Sim=1)					0,10*				0,14*	0,17*
Filiação Ásia (Sim=1)						0,61*			0,85	0,80
Filiação Europa (Sim=1)							2,23*		2,16*	2,17*
Filiação Oceania (Sim=1)								0,83	1,16	1,30*
Posição <i>Ranking</i>										1,19*

Fonte: Próprio autor

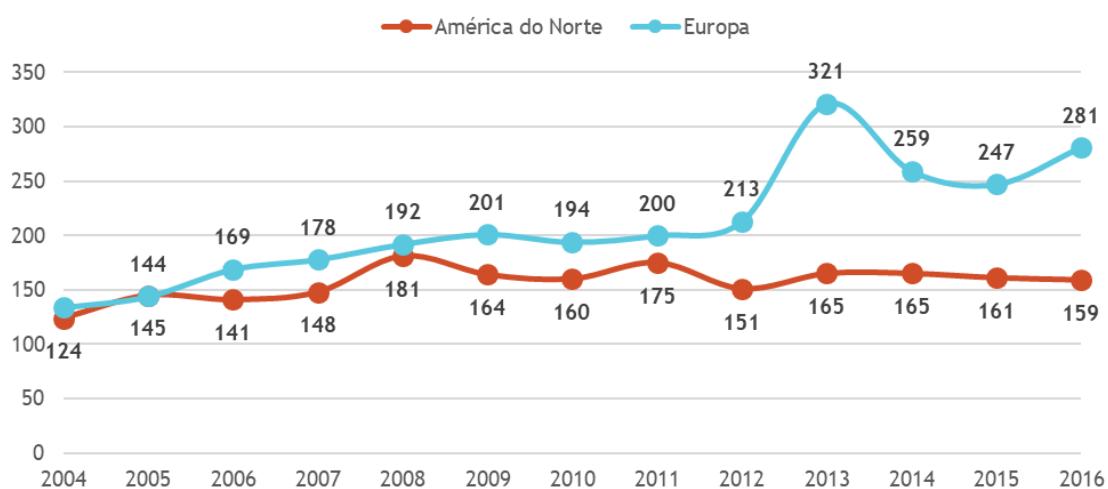
### 5.1 Perfil

Nossa investigação compreendeu aproximadamente nove mil autoras presentes em mais de 1,2 mil entidades de vinculação que estão localizadas em 69 países. A análise dessa subseção é dividida em: continente de filiação; país de filiação; *ranking* da instituição. Com o objetivo de detalhar o perfil, a pesquisa foi dividida entre as regiões do norte/centro e sul/periferia. Há uma distinção significativa no quantitativo de autoras: 91,5% das autoras estão filiadas às instituições do primeiro grupo, enquanto 8,5% estão associadas às do segundo.

### 5.1.1 Continente

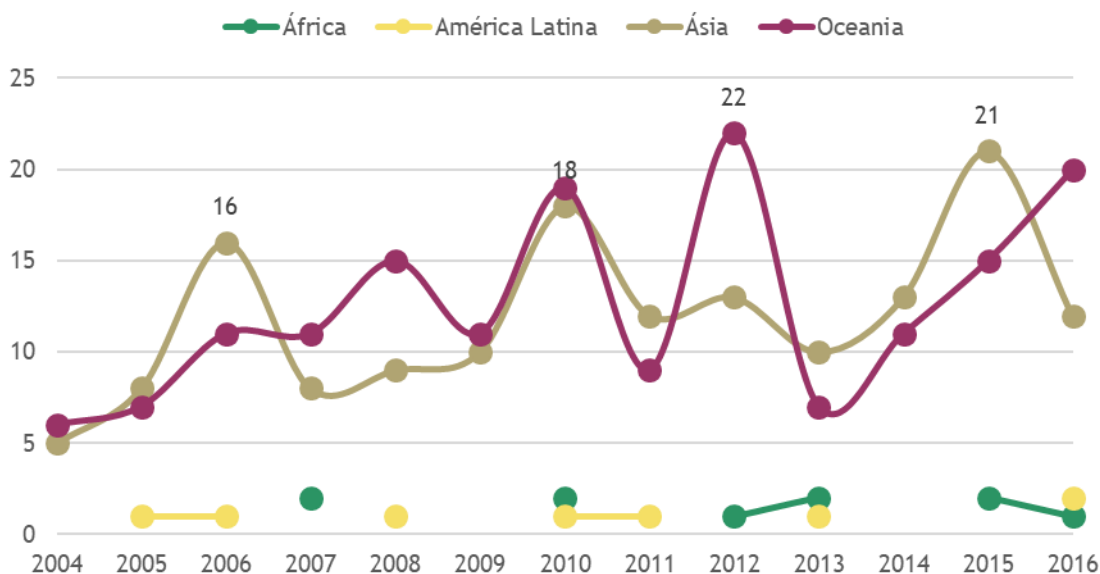
Com o intuito de investigar a distinção entre o norte/centro e periferia/sul, a América foi dividida em América Latina e América do Norte. Para melhor entendimento dessas diferenças, os gráficos apresentados a seguir destacam as instituições segundo esse viés. Analisamos nos gráficos 4.1 e 4.2 as revistas do índice. O primeiro expõe a América do Norte e a Europa, à medida que o segundo aponta as demais localidades. A primeira localidade permaneceu constante, contudo a Europa obteve um aumento de 84% quando comparamos 2004 com 2016. Salienta-se a distinção do número de autoras de ambos: enquanto, no primeiro, o número mínimo é na América do Norte, em 2004, com 124 pesquisadoras, no segundo, o maior quantitativo é na Oceania, em 2012, com 22 autoras. Em alguns anos, não há publicações de autoras da América Latina e África. O maior número de autoras dessas regiões que publicaram em um determinado ano foram duas.

Gráfico 5.1 – Vinculação às instituições da América do Norte e Europa - Índice



Fonte: Próprio autor

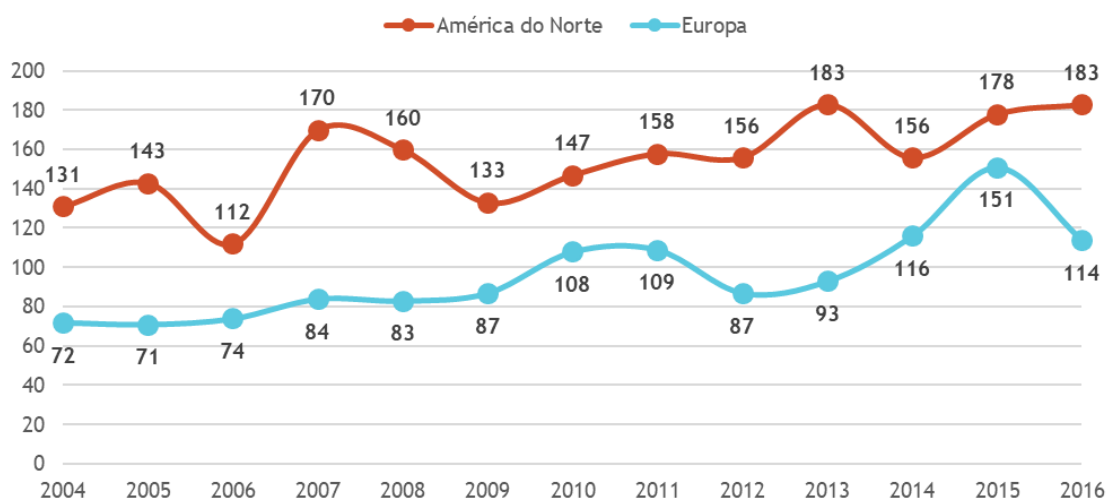
Gráfico 5.2 – Vinculação às instituições das outras localidades - Índice



Fonte: Próprio autor

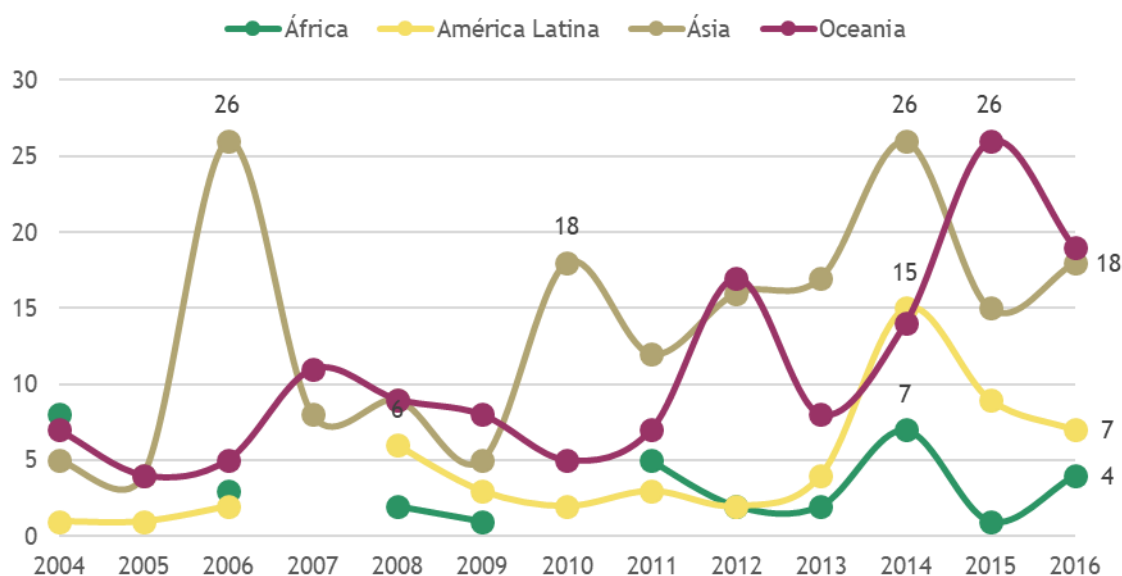
Em relação às revistas do sorteio, os gráficos 4.3 e 4.4 apontam que há diferenças nas publicações das autoras do norte/centro. Enquanto nos periódicos selecionados pelo índice, a Europa domina, neste, as autoras estadunidenses são maioria. Ainda em comparação com os resultados do índice, nota-se que há maior número de autoras da América Latina e Europa nas revistas do sorteio.

Gráfico 5.3 – Vinculação às instituições da América do Norte e Europa - Sorteio



Fonte: Próprio autor

Gráfico 5.4 – Vinculação às instituições das outras localidades - Sorteio



Fonte: Próprio autor

Os picos presentes nas localidades do sul/periferia são explicados principalmente por edições especiais. Na Oceania, em 2012, 38% das autoras da região publicaram nessas edições; já em 2015, esse percentual foi de 40%. Fenômeno semelhante é visto em 2014, na América Latina, onde 47% das autoras publicaram em edições especiais. Na Ásia, o cenário em 2006 é similar, 45% das autoras publicaram na *Current* em duas edições. A primeira não é tratada como edição especial, todavia aborda Taiwan, Coreia do Sul, Japão e Hong Kong, sendo artigos produzidos por pesquisadoras da região. A outra edição é considerada especial e aborda a autonomia da Sociologia.

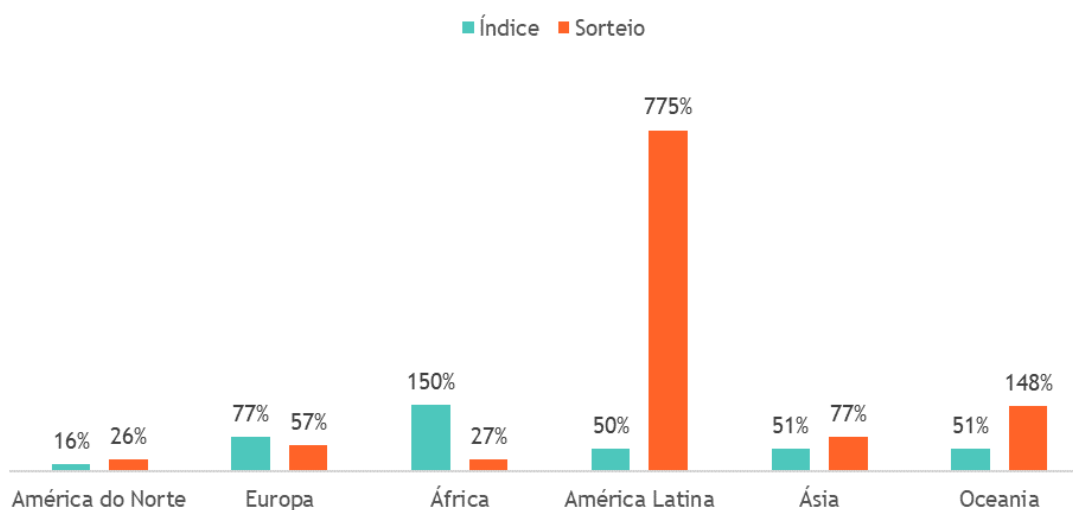
O Gráfico 5.5 foi construído segundo a variação de publicação entre as autoras das regiões separadas por índice nos primeiros quatro anos (2004, 2005, 2006 e 2007) em comparação com os últimos anos (2013, 2014, 2015 e 2016). O aumento de 775% da América Latina ocorreu devido às publicações na *Current*. Em estudo sobre a revista, Martín (2013), editora do periódico entre 2010 e 2017, apontou que, entre 1999 e 2009, mais de 70% dos artigos eram de autoras da América do Norte e Europa. A autora tinha duas hipóteses para esse fenômeno: a primeira é que essas nações representariam a maior parte dos membros da Associação Internacional de Sociologia; a segunda é que a afiliação dos editores da revista seria predominantemente a esses locais.

A *Current* possui, em sua história, uma relação com um número considerável de editores europeus, principalmente com o Reino Unido. As informações apresentadas pela autora trazem uma relação entre a filiação do editor com o aumento no percentual de autoras da localidade do editor. Um exemplo apontado por Ribeiro (2018) é durante a gestão da canadense Susan McDaniel. Durante sua gestão, as autoras do Canadá chegaram a ocupar a terceira posição no número de publicações. Martín pontua que essa correlação não pode ser analisada com um favorecimento, pois a presença de um editor no comitê de uma revista faz com que o periódico tenha mais visibilidade no país/região do editor, além de auxiliar no convite para submissões ou para pareceres.

No seu estudo de 2013, Martín, de origem latino-americana e filiada a instituição do Brasil, observou que não houve aumento no número de autoras da América Latina e afirma que isso ocorreu pela falta de submissão de artigos da região. Conquanto, quando observamos exclusivamente esse periódico, vemos que o número de autoras passou de 3 (no primeiro quadriênio) para 30. Dessa forma, sua gestão proporcionou maior abertura para a região, o que pode ter sido semelhante ao que ela observou durante a gestão de Susan McDaniel. A análise de Martín serve para termos em mente que ter um editor de uma região do sul/periferia pode impactar no aumento de publicadores da localidade.

Quanto às demais regiões, vemos que a África teve um aumento de 150%, contudo, quando vamos observar os valores de forma bruta, esse aumento foi de duas autoras para cinco. A Oceania e Ásia crescem mais nas revistas do sorteio do que nos periódicos do índice.

Gráfico 5.5 – Variação de publicação do primeiro quadriênio (2004-2007) em comparação com o último (2013-2016) por região e categoria de seleção



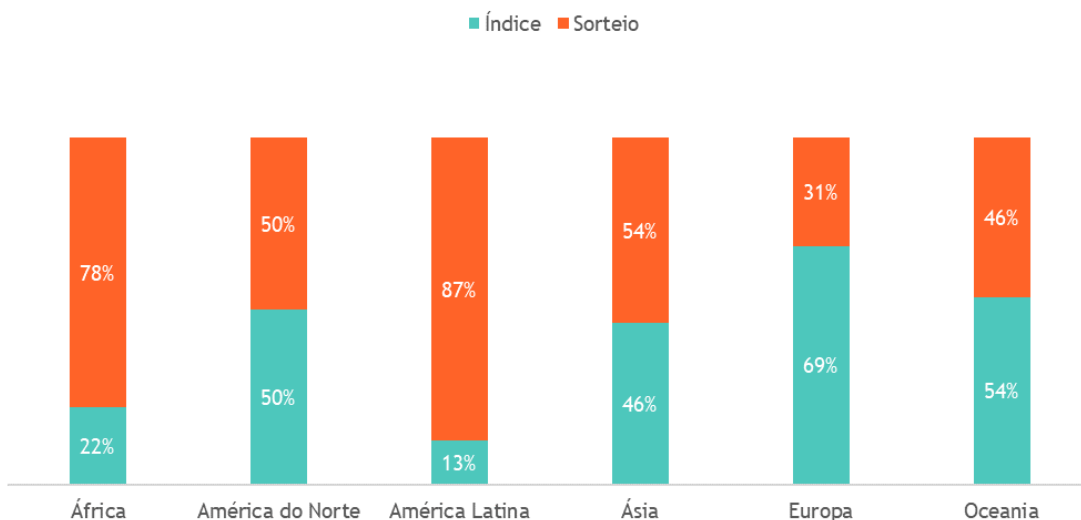
Fonte: Próprio autor

Com esses resultados, vemos a diferença, já esperada, entre as regiões, conquanto salientamos o crescimento em todas elas. O quantitativo de autoras vinculadas às entidades da América do Norte e Europa cresceu 60% de 2004 a 2016. Nas demais localidades – sul/periferia –, esse aumento foi de aproximadamente 160%, quase três vezes mais. A tendência é que essa expansão se mantenha, contudo, os resultados entre centro/periferia ou norte/sul ainda são díspares. Além disso, a presença massiva de publicadores do centro/norte faz com que a concentração de produção e divulgação do conhecimento se mantenha nessas localidades.<sup>28</sup>

Ainda em relação à publicação nas revistas do índice e do sorteio, o Gráfico 5.6 apresenta o percentual de autoras que publicaram nessas duas categorias no período analisado – 2004 até 2016. Vemos que tanto África quanto América Latina apresentam um percentual reduzido de autoras que publicaram nos periódicos escolhidos pelo índice. Com exceção das autoras filiadas às instituições da Europa, as demais localidades expõem percentuais próximos.

<sup>28</sup> Ainda há sub-representação dentro do continente. 13% dos países da África possuem ao menos uma autora; na América do Norte esse percentual é de 8%, na América Latina de 40%, na Ásia de 33%, na Europa de 65% e na Oceania de 13%.

Gráfico 5.6 – Percentual de publicação nas revistas do índice e sorteio por região



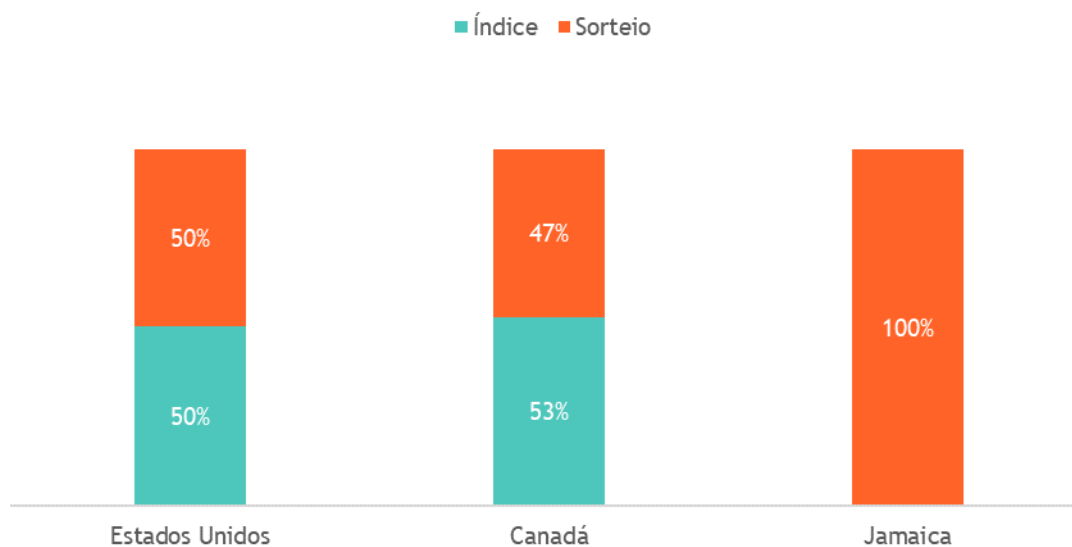
Fonte: Próprio autor

### 5.1.2 Países da filiação institucional

Para compreender quais nações estão em relevância na publicação, separamos a análise dos países por região, apresentada anteriormente, para compreendermos melhor o que acontece em cada uma delas. Os gráficos 4.7 e 4.8 apresentam as localidades da América do Norte e Europa. O volume de autoras filiadas às instituições do EUA e RU faz com que essas nações tenham percentuais expressivos nas revistas do sorteio, embora não sejam os maiores; contudo, em números brutos, os países são maioria tanto nas revistas escolhidas pelo índice quanto nas sorteadas.<sup>29</sup> Nos demais países no *top 5* da Europa, há maior percentual de autoras publicando nos periódicos do índice do que nos sorteados. Torna-se fundamental pontuar que os percentuais díspares, como o 100% da Jamaica, são explicados pelo número reduzido de autoras: a Jamaica apresentou duas autoras nos 13 anos analisados.

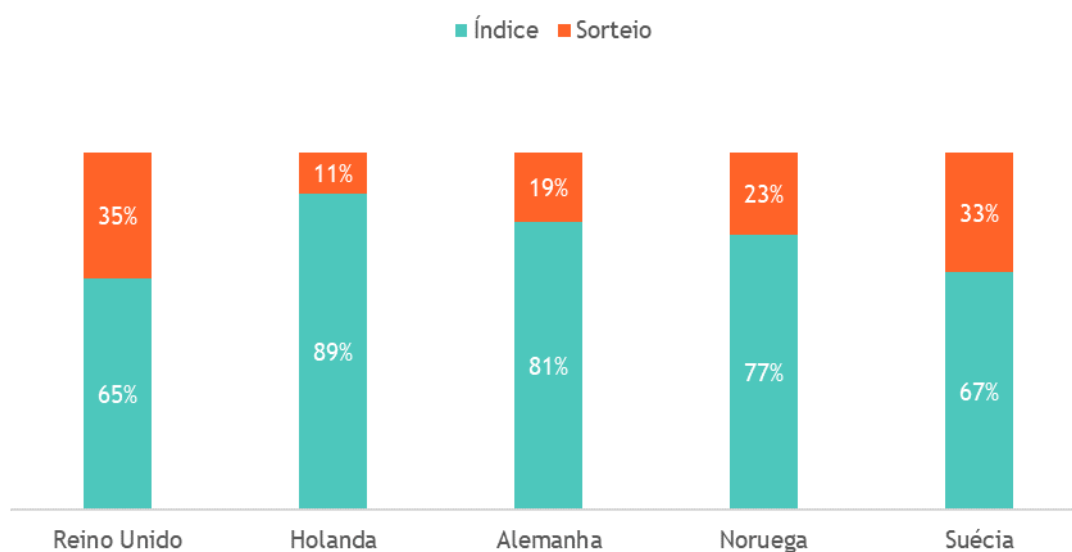
<sup>29</sup> Torna-se relevante pontuar que Estados Unidos representa 43% da vinculação das autoras e Reino Unido 26%. Se somarmos o quantitativo de pesquisadoras filiadas aos demais países, temos aproximadamente 2,7 mil pessoas, este número passa o número de autoras vinculadas às entidades do RU (2,2 mil), contudo, ainda está longe do EUA (3,8 mil).

Gráfico 5.7 – Percentual de publicação nas revistas do índice e sorteio na América do Norte



Fonte: Próprio autor

Gráfico 5.8 – Percentual de publicação nas revistas do índice e sorteio na Europa



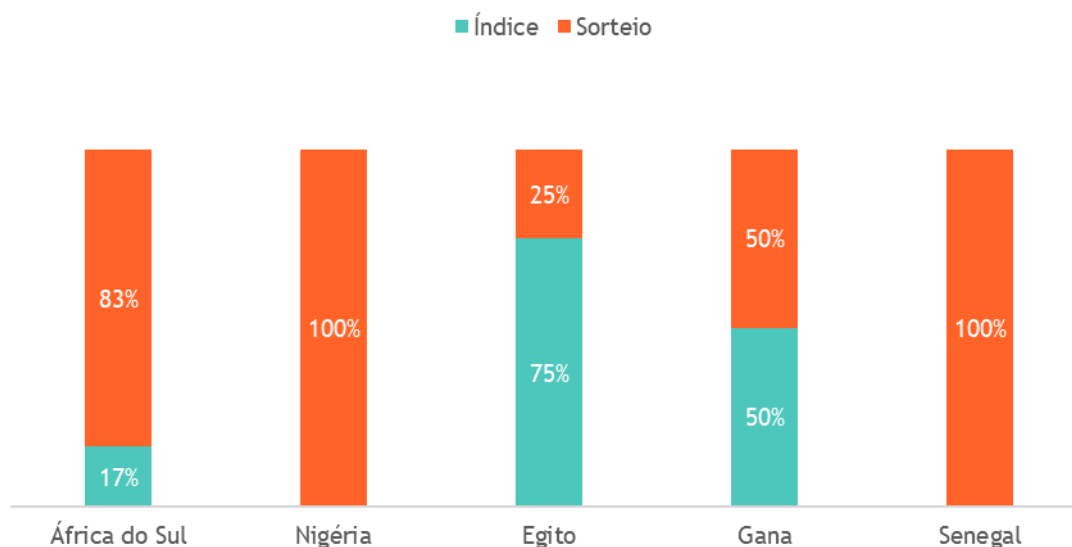
Fonte: Próprio autor

Na África, Gráfico 5.9, as autoras da África do Sul representam 67% da região. A língua inglesa é fator relevante para o alto percentual do país, pois há maior facilidade de publicação das autoras justamente por terem maior conhecimento no idioma que as revistas



aceitam. Nigéria, Egito e Gana contam com quatro autoras, enquanto Senegal com uma.<sup>30</sup> Os resultados dessa localidade sinalizam a concentração da publicação na África do Sul, além da presença significativa da coautoria, o que permite que as outras nações publiquem. Dos artigos no índice, 70% encontram-se na *Sociology*, sendo três deles da *The American University in Cairo*. De modo geral, 74% das publicações encontram-se na *Current Sociology*. A presença de editores do sul/periferia como Mona Abaza (Egito), Jimi Adesina (África do Sul) e Dasarah Chetty (África do Sul), pode ter influenciado para esse cenário. Em seu artigo de 2013, Martín destacou que pode existir uma correlação entre maior número de publicações de uma determinada localidade e presença de editores do país. Isso não significa que haja favorecimento, mas que esse editor possibilite maior visibilidade para seu país/região, seja por meio de contatos em congressos ou pela busca de pareceristas.

Gráfico 5.9 – Percentual de publicação nas revistas do índice e sorteio na África



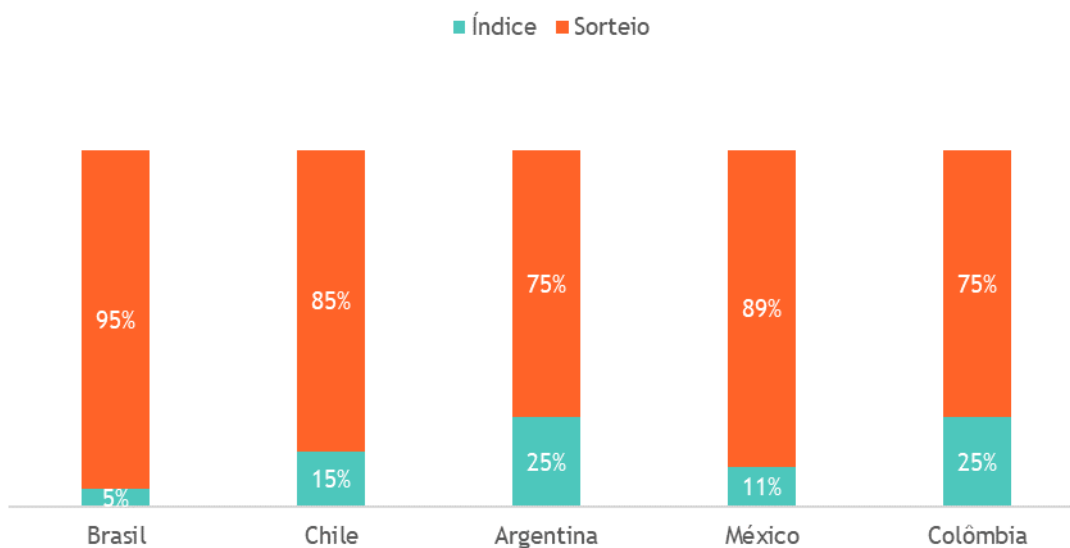
Fonte: Próprio autor

Na América Latina, Gráfico 5.10, quase um terço das autoras são filiadas a instituições do Brasil. As demais estão presentes no Chile (21%), Argentina (19%) e México (14%). Situação semelhante à da África ocorre nessa localidade: 70% das publicações latino-

<sup>30</sup> Nigéria, Egito e Gana apresentam as publicações em coautoria, inclusive a da Nigéria são as quatro autoras na mesma publicação e o artigo encontra-se em edição especial

americanas foram realizadas na *Current*. Como já salientado, a gestão de Eloísa Martín e a presença de editores de diversas localidades como Dora Barrancos (Argentina), Carlos Benedito Martins (Brasil), Raquel Sosa Elizaga (México) e Hebe Vessuri (México) pode ter influenciado para esse percentual. 75% das autoras latino-americanas que publicaram nos índices o fizeram em coautoria.

Gráfico 5.10 – Percentual de publicação nas revistas do índice e sorteio na América Latina

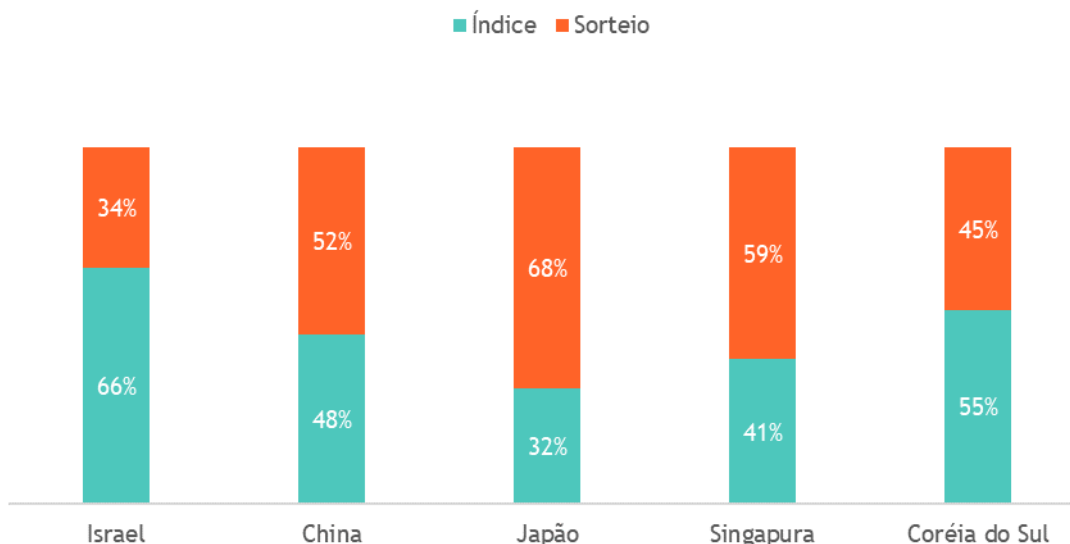


Fonte: Próprio autor

Na Ásia, Gráfico 5.11, autoras filiadas a instituições de Israel representam 36% da região, seguido pela China (19%), Japão (10%) e Singapura (10%). 31% das publicações encontram-se na *Current*. Contudo, diferentemente da África e América Latina, revistas do índice como *American Sociological Review*, *The British Journal of Sociology*, *Sociology* e *European Sociological Review* possuem destaque na região, principalmente entre publicadores de Israel e China. Israel conta com as universidades que aparecem com frequência mais alta nos periódicos com maiores índices: *Tel Aviv University*, *University of Haifa* e *The Hebrew University of Jerusalem*. A primeira aparece com mais expressividade na *American Sociological Review* e na *European Sociological Review*, ambas contam com editores da própria universidade (Alexandra Kalev e Moshe Semyonov). A maior presença das nações dessa região nos periódicos do índice pode ser explicada pela proximidade de Israel e Japão dos Estados Unidos, fator que já fora evidenciado na análise de coautoria, e a busca por posições

elevadas no *ranking* de instituições e, conseqüentemente, maior exigência de publicação, o que evidencia a China, Singapura e Coreia do Sul.

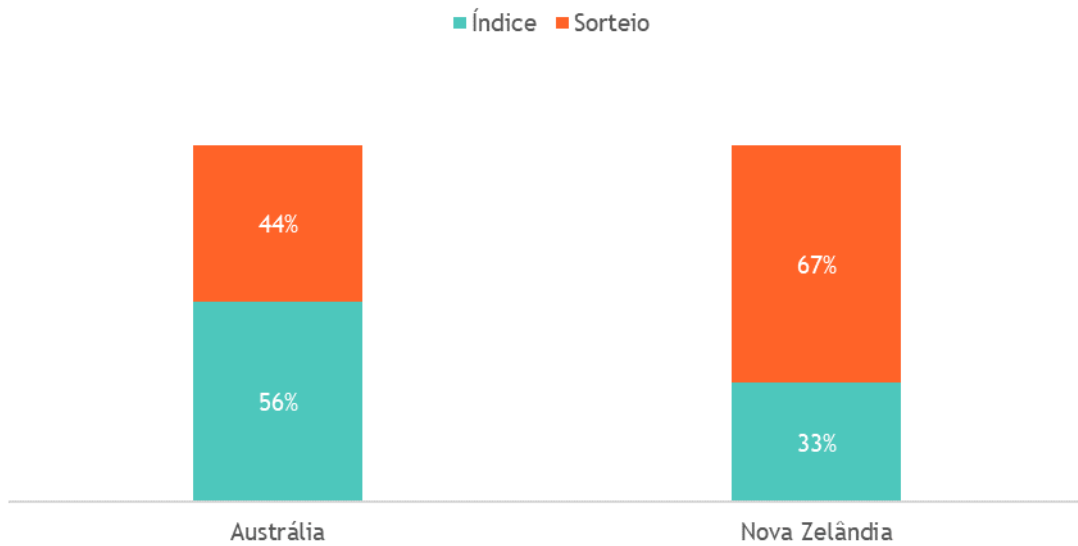
Gráfico 5.11 – Percentual de publicação nas revistas do índice e sorteio na Ásia



Fonte: Próprio autor

Na Oceania, Gráfico 5.12, a Austrália representa 91% das publicações. O idioma e a aproximação com o Reino Unido, pelo caráter colonial, fazem com que o país tenha 97% das autoras vinculadas à localidade publicando nas revistas do Reino Unido. 30% das publicações foram realizadas na *Sociology* e 23% na *Current*. Assim como nas outras localidades, acreditamos que a presença de editores ou associados do país impulsiona a publicação de autoras da localidade. Fran Collyer, Francisco Perales e Katie Wright fazem parte do conselho de associados e Adam Possamai faz parte do conselho editorial da segunda. Este último está filiado à *University of Western Sydney*. No nosso estudo, entre as autoras dessa instituição que publicaram nas 10 revistas entre 2004 e 2016, 43% dos artigos foram na *Current Sociology*.

Gráfico 5.12 – Percentual de publicação nas revistas do índice e sorteio na Oceania

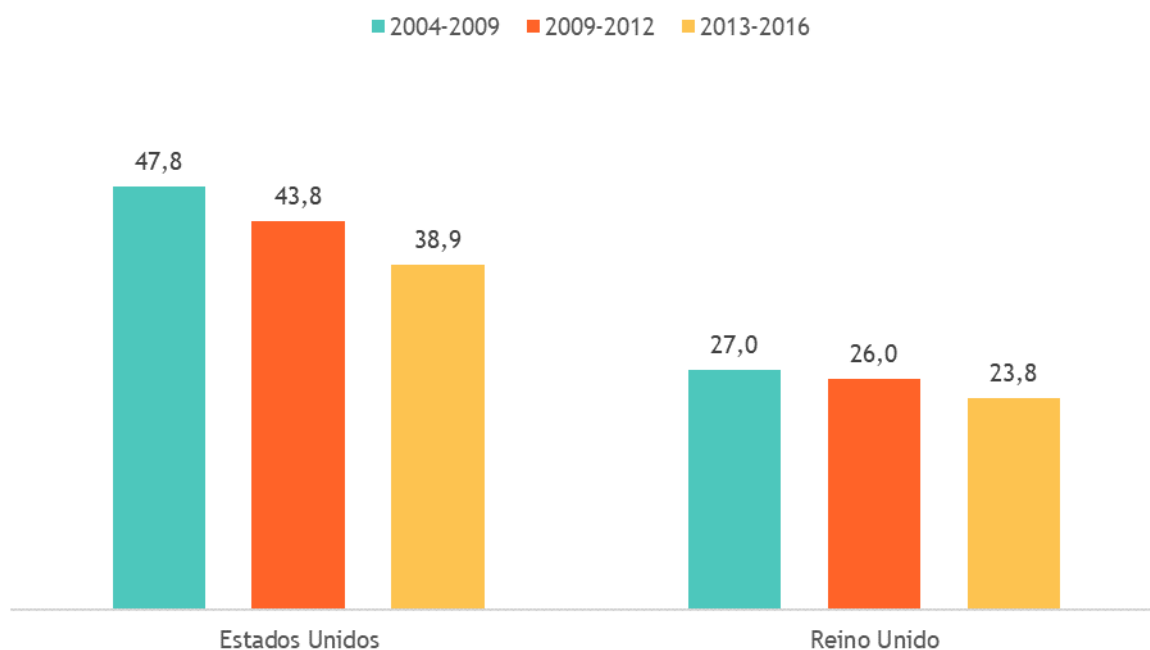


Fonte: Próprio autor

Os resultados apontam para uma possível correlação entre o comitê editorial e as autoras das localidades. A *Current Sociology* é a revista sorteada com maior presença de autoras da África e América Latina, em que a diversidade no comitê pode ser uma explicação para essa situação. A Ásia e Oceania possuem maior proximidade com as revistas do índice. A confinidade da Austrália com o Reino Unido, do Japão e Israel com os Estados Unidos, e consequentemente com suas instituições e suas intelectuais, fazem com que essa correlação com o comitê também possa ser uma explicação para essas localidades. China, Coreia do Sul e Singapura estão presentes pela busca por posições elevadas.

Nos gráficos 4.13 e 4.14 apresentamos a variação dos países no primeiro quadriênio em comparação com o último. O percentual de publicação dos EUA e RU vêm diminuindo, todavia, as nações que ganham mais representatividade são aquelas com maior facilidade para publicação nos periódicos do índice: Holanda, Alemanha, Austrália e outras.

Gráfico 5.13 – Percentual do EUA e RU por intervalo de tempo



Fonte: Próprio autor

Gráfico 5.14 – Nações com maior percentual de publicação por intervalo de tempo

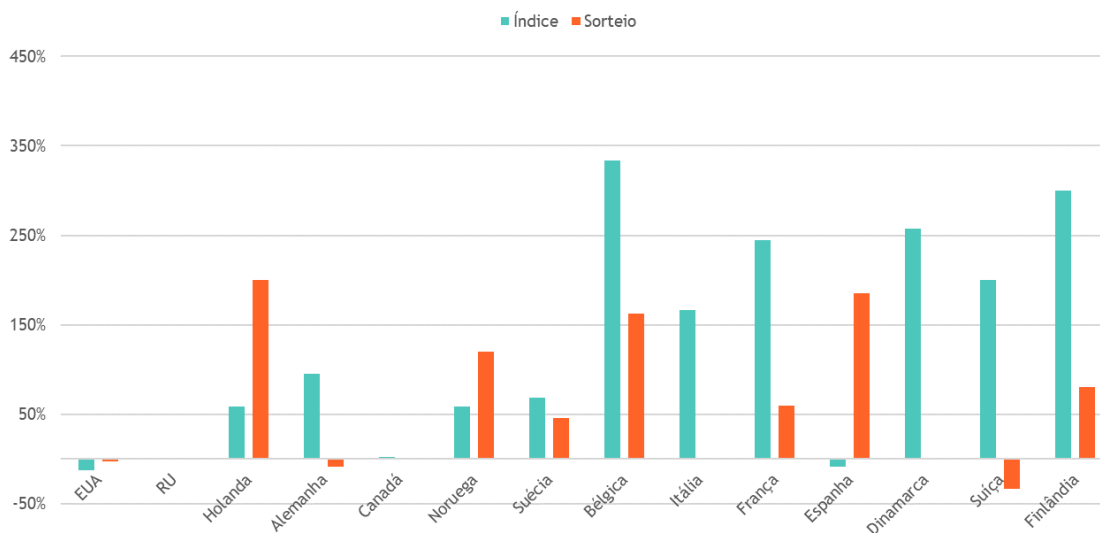


Fonte: Próprio autor

Os gráficos 4.15 e 4.16 comparam a variação do número de pessoas vinculadas no primeiro quadriênio (2004-2007) com o último (2013-2016) e apontam a predominância de determinadas localidades publicando nos periódicos de impacto. No Gráfico 5.15, vemos apenas países situados na América do Norte e na Europa que publicaram nos periódicos das duas metodologias. Ao compararmos as variações, nove dos 17 países apresentaram maior

variação nas revistas com melhores índices. Bélgica e Finlândia se sobressaem em relação aos demais.

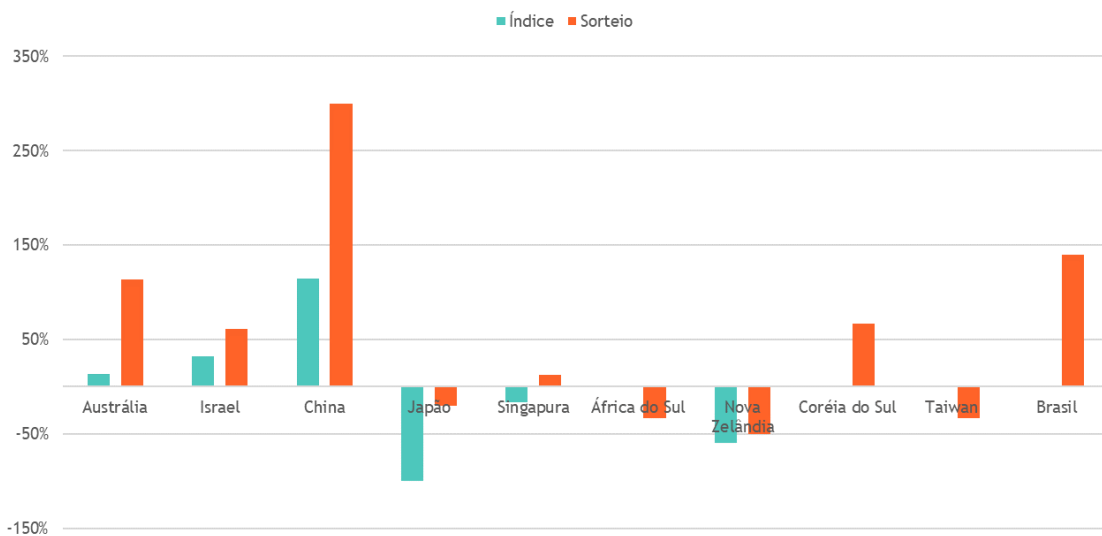
Gráfico 5.15 – Variação de publicação do primeiro quadriênio (2004-2007) em comparação com o último (2013-2016) nos países do norte/centro



Fonte: Próprio autor

Já o Gráfico 5.16, apresenta os resultados para os países localizados no sul/periferia. Vemos o oposto do que foi apontado anteriormente: há maior variação de publicação nos periódicos com menores índices. China, Israel e Austrália são as nações que destoam desse resultado.

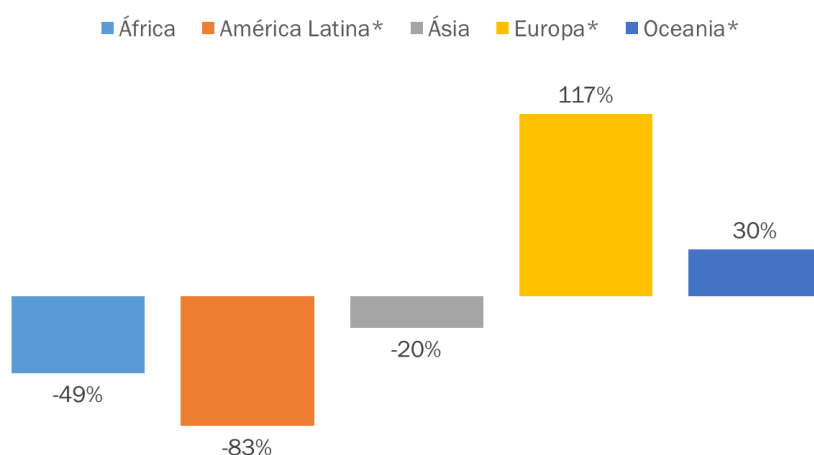
Gráfico 5.16 – Variação de publicação do primeiro quadriênio (2004-2007) em comparação com o último (2013-2016) nos países do sul/periferia



Fonte: Próprio autor

A investigação dos determinantes traz resultados expressivos quanto à região das autoras. O Gráfico 5.17 foi construído com base no modelo 9 e destaca a chance de pesquisadoras da região publicarem nas revistas do índice em comparação com autores da América do Norte. Destacamos com asterisco (\*) os resultados onde o p-valor é menor que 0,05. Percentuais negativos sinalizam que autores dessas regiões possuem menor chance de publicar nesses periódicos do que norte-americanos; positivos apontam que possuem maior. Enquanto autoras da Europa possuem 117% a mais de chance de publicar nessas revistas, os da América Latina e da África são as que possuem menor probabilidade. Autoras da América Latina possuem 83% a menos de chance de publicar em periódicos do topo. Lembrando que os valores correspondentes à Ásia e Oceania não são expressivos, o que não significa, necessariamente, que os autores desses países possuem tantas chances de publicar nas revistas selecionadas quanto os da América do Norte; pode ser que sejam em número insuficiente para detectar variação, sobretudo no caso da África, mas também no da América Latina.

Gráfico 5.17 – Chance de publicação, por região, nas revistas de impacto



Fonte: Próprio autor

Os valores mais próximos de 0% da Ásia e Oceania são explicados pela presença de publicadores de Israel, China e Austrália, que estão entre as nações que mais publicam nas revistas com maiores índices, conforme sinalizado anteriormente. A relação da Austrália com as revistas vinculadas ao Reino Unido e, conseqüentemente, com o comitê editorial faz com que essas autoras tenham mais chance de publicação do que as estadunidenses. Contudo, quando observamos os números brutos, as autoras dos Estados Unidos (1.908) estão bem mais presentes nos periódicos de destaque do que as australianas (155). No caso da África, a presença de publicadoras da África do Sul e de autoras da *The American University in Cairo* fazem com a região tenha mais chance de publicar do que autoras da América Latina.

Em suma, o perfil das autoras mudou pouco. Por mais que autoras dos Estados Unidos e Reino Unido tenham diminuído percentualmente, vemos o aumento de pessoas vinculadas à Europa aumentando, principalmente às instituições da Holanda e Alemanha. Quando observamos as revistas do índice, esse aumento fica ainda mais evidente. As nações do sul/periferia tiveram um aumento significativo, contudo esse crescimento foi observado principalmente nas revistas do sorteio, sendo a *Current Sociology* referência entre elas. Sobre a América Latina, Fernanda Beigel (2013a) sinaliza que:

Os conhecimentos sociais produzidos em nossa região, e publicados em espanhol, continuam circulando de forma marginal nesses núcleos do sistema acadêmico mundial e, além disso, praticamente não existem nas redes africanas e asiáticas que dispõem de sistemas de Acesso Aberto. Um dos determinantes estruturais desse fenômeno é a escala ainda artesanal de nossas revistas científicas, um problema que



advém das características histórico-estruturais do desenvolvimento acadêmico na região. O segundo determinante está associado à ausência de uma política de tradução para as publicações locais – há escassez de revistas bilíngues –, o que aprofunda a ausência de diálogo Sul-Sul. (BEIGEL, 2013a)

Nosso objetivo em analisar se houve uma mudança no perfil foi investigar se o aumento no número de artigos promoveu alguma majoração na participação de autoras do sul/periferia. Vimos isso acontecer, porém nas revistas que sorteamos para comparar. A principal mudança, como sinalizado, foi a maior presença de outras nações do norte/centro, tais como Alemanha e Holanda. Em relação aos determinantes, estar filiado às instituições da Europa possibilita uma chance significativa de publicação nos periódicos do índice frente a autoras estadunidenses. As informações são ainda mais expressivas ao compararmos com as autoras de universidades da América Latina e da África. Esses resultados apontam para a dificuldade que essas localidades possuem ao tentar publicar nessas revistas, seja pelo inglês, seja pela distância, pela falta de visibilidade, pelo contato reduzido com comitê editorial ou por outros fatores que observaremos na próxima seção.

### 5.1.3 Ranking

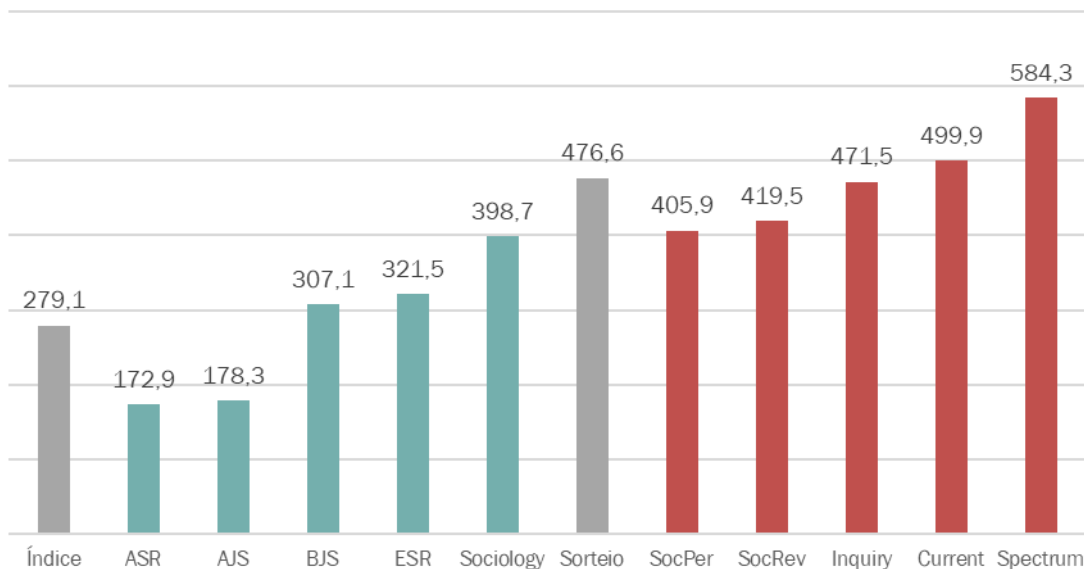
O *ranking* pode impactar ainda mais essa disparidade; como destacado ao longo do artigo, a tese é de que há uma relação entre o *ranking* de periódicos e o *ranking* de instituições.<sup>31</sup> A Gráfico 5.18 apresenta a média da posição das instituições que estão presentes no *ranking* ARWU. O cálculo foi realizado da seguinte forma: 1) considerou-se apenas as instituições de ensino; 2) para as entidades de ensino que não estão presentes no *ranking* da ARWU, foi colocado um valor acima da última instituição existente; 3) as demais entidades não foram consideradas para a análise. Os resultados encontrados salientam a presença de autoras ligadas às instituições bem ranqueadas publicando nas revistas selecionadas pelos índices. Os periódicos selecionados aleatoriamente e que possuem indicadores menores apontam uma média maior, ou seja, as pessoas que publicam neles estão vinculadas às entidades de posições

---

<sup>31</sup> Nem todas as autoras que publicaram nas revistas estavam vinculadas às universidades, 5% delas eram filiações à institutos de pesquisas e outras entidades. Enquanto a *The University of Manchester*, *University of Oxford* e a *Cardiff University* são as principais instituições de ensino, o *WZB Berlin Social Science Center*, o *Max Planck Institute* e o *Economic and Social Research Institute* são os institutos que apresentam maior número de autoras associados. A coincidência entre os dois *tops 3* e de que todos, tanto as instituições de ensino quanto os institutos, estão localizados na Europa.

distantes do topo ou que nem estão presentes no *ranking*. A média da posição das instituições foi calculada de 2003 a 2017, e os dados foram extraídos diretamente do *site* do ARWU. Colorimos o gráfico de acordo com a categoria de seleção: índice (verde); sorteio (vermelho).

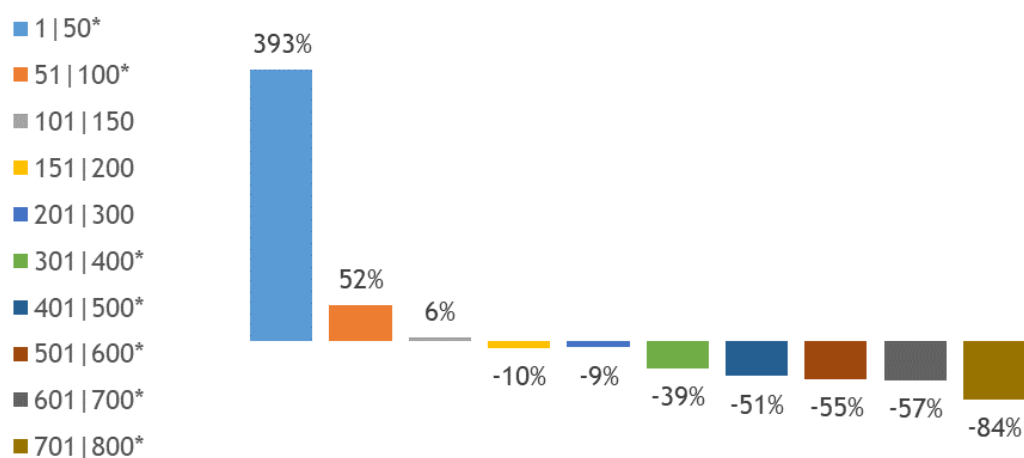
Gráfico 5.18 – Média do *ranking* das instituições



Fonte: *Academic Ranking of Universities*

A conexão entre os dois *rankings* possui maior conformidade quando verificamos o posicionamento dos periódicos em ambos. ASR, AJS e BJS ocupam as primeiras posições, enquanto *Inquiry*, *Current* e *Spectrum* são as últimas revistas nas duas métricas. O Gráfico 5.19 foi criado com base na chance de publicar das autoras vinculadas às universidades que estão no *ranking* ARWU. Ele apresenta os resultados onde o p-valor é menor que 0,05 sinalizados com um asterisco (\*). Se um autor está filiado a alguma das *top 50* universidades, sua chance de publicar é 393% maior do que a de um autor inserido em universidades fora dessa lista. Esse número reduz à medida que se distancia das primeiras posições, chegando a -84% de chance.

Gráfico 5.19 – Chance de publicação, por posição no *ranking* de instituições, nas revistas de impacto



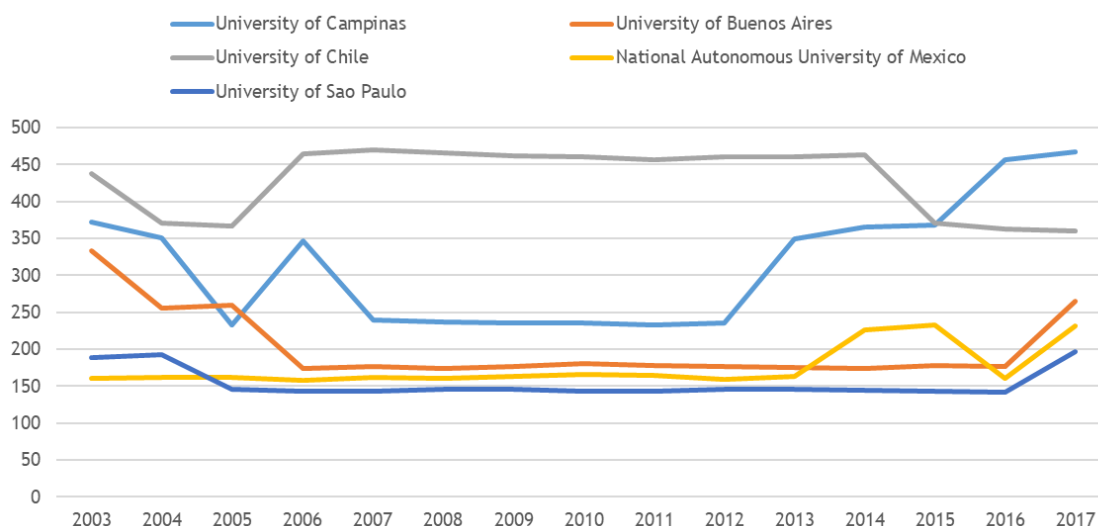
Fonte: Próprio autor

A hipótese de uma correlação entre os dois *ranqueamentos* pôde ser confirmada. A chance de publicação aumenta ainda mais se as autoras estiverem vinculadas às instituições de destaque. Esse cenário está associado principalmente à busca pela manutenção ou por melhores posições das instituições de ensino no *ranking* de universidades. Essa procura é voltada sobretudo para o aumento das publicações e para que elas sejam realizadas precupamente em periódicos de alto impacto, visto que são estes que atraem maior possibilidade de citações ao mesmo tempo que divulgam o trabalho de pesquisadoras das instituições. Essa visibilidade fomenta a migração, o que ocasiona não só a movimentação da economia, dadas as elevadas taxas de cobrança para estudantes estrangeiras, mas também maiores investimentos vindos do governo ou de iniciativas privadas. O interesse por parte da instituição em publicar nesses periódicos de destaque é mútuo, também há por parte do periódico. Os artigos que possibilitam maior volume de citações a curto prazo e, dessa forma, podem melhorar a posições das revistas são aqueles mais buscados pelos periódicos, pois isso aumenta seu destaque. Na próxima seção, analisaremos os fatores que atraem mais citações referente ao conteúdo dos artigos publicados.

O impacto dessa relação não é observado no cotidiano latino-americano, as instituições da localidade não sofreram alterações expressivas no *ranking* nos últimos anos. No caso do Brasil, a Universidade de Brasília, uma das principais do país, começou apenas em 2018 o plano

de internacionalização. O Gráfico 5.20 apresenta a posição no *ranking* das universidades no ARWU. Quanto menor a posição, mais bem ranqueada a instituição está.

Gráfico 5.20 – Posição das universidades latino-americanas no *ranking* ARWU – 2003-2017

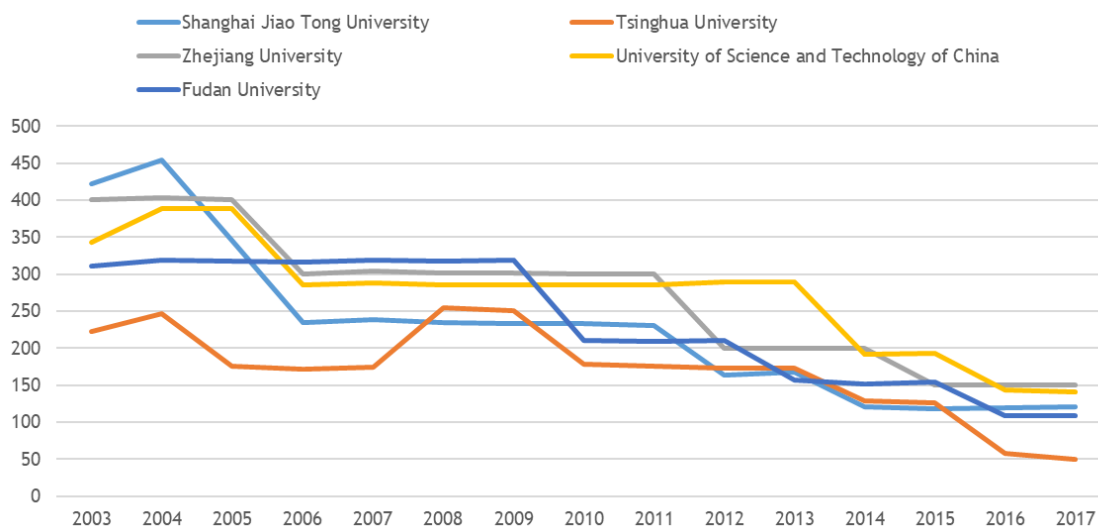


Fonte: *Academic Ranking of Universities*

Em contrapartida, como apontando em diversas partes desse estudo, a China é um dos principais países com políticas visando a posições melhores nos *rankings* de instituições. Por meio do Projeto 985, gerido pelo governo, o país tinha como objetivo estimular o posicionamento de nove universidades. Esse e outros projetos fizeram com que a China se tornasse uma das maiores produtoras de artigos. A *Shanghai Jiao Tong University*, por exemplo, passou a desenvolver diretrizes como forma de avaliar a situação das instituições, algumas delas são: identificação do nível da universidade, estrutura, áreas de estudo, fundos de investimentos, suas publicações, etc. A cada departamento foi solicitado que fossem elaborados uma política e indicadores com o objetivo de ficar bem posicionada no *ranking* de ensino superior até 2050. Como uma das formas utilizadas para elevar sua posição, a universidade estabeleceu como propósito a internacionalização de sua instituição por meio de algumas questões, entre elas a introdução de conceitos internacionais e a atração de especialistas de *world-class university*, encorajando a *Shanghai Jiao Tong University* na realização de encontros mundiais e expandindo os programas que promovem a mobilidade estudantil. Como abordado anteriormente, os gastos anuais da *University of Tsinghua*, maior instituição chinesa da atualidade, apresentou valores maiores que universidades como MIT e Yale. Esse fator impacta diretamente nas mudanças das posições no *ranking* das instituições chinesas,

aproximando-as do *top 10* com o passar dos anos. O Gráfico 5.21 apresenta algumas universidades chinesas que possuem projetos que visam ao aumento da produção acadêmica no *ranking* ARWU.

Gráfico 5.21 – Posição das universidades chinesas no *ranking* ARWU – 2003-2017

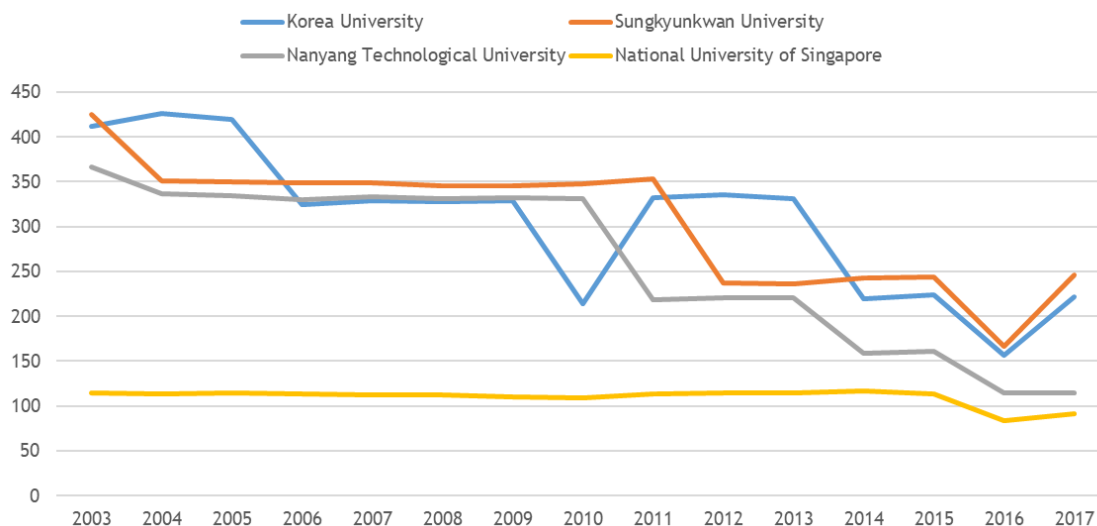


Fonte: *Academic Ranking of Universities*

Situações similares ocorrem na Coreia do Sul e em Singapura. Na primeira nação, a crescente popularidade dos *rankings* universitários acelerou os esforços do país para a construção de suas WCU. O governo coreano seguiu projeto semelhante ao chinês, visando à atualização das instituições de elite do país por meio de programas como *Brain Korea 21* e *Study Korea*. Criado em 1999, o primeiro projeto tinha como um dos objetivos estabelecer 10 pesquisas nas universidades para competitividade global até o ano de 2012, além de aumentar a produção de artigos. Lançado em 2004, o segundo programa tinha como objetivo aumentar as matrículas para mais de 100 mil alunos até o ano de 2012. Essas políticas tiveram sucesso considerável, contudo apresentam críticas quanto ao desenvolvimento desequilibrado, à baixa qualidade e à ocidentalização da educação, algo semelhante ao que ocorre no caso chinês. No caso de Singapura, o exemplo mais emblemático é o da *Nanyang Technological University*. Juntamente com a *National University of Singapore*, ela é uma das universidades mais antigas do país. Ambas se encontram bem ranqueadas, e a primeira apresentou mudanças bem expressivas nas posições. Isso ocorreu devido a políticas de atrair acadêmicas e estudantes estrangeiras, tornando, assim, Singapura uma cidade global no viés educacional. Alinhada a

esse cenário está a disponibilidade de recursos financeiros para oferecer melhores salários e bolsas de estudo.

Gráfico 5.22 – Posição das universidades da Singapura e Coreia do Sul no *ranking* ARWU – 2003-2017



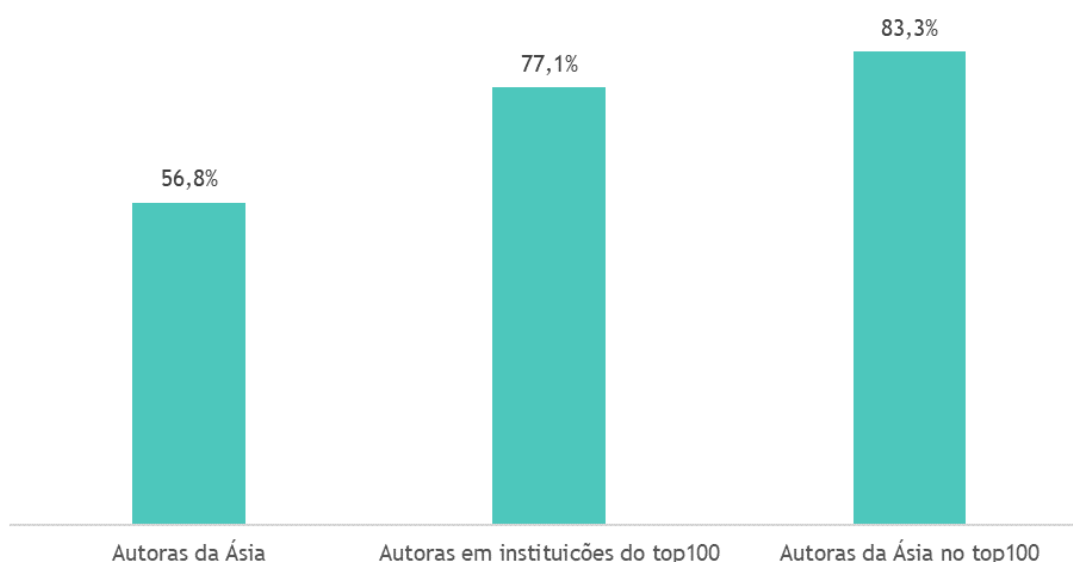
Fonte: *Academic Ranking of Universities*

Outros países realizam políticas semelhantes, o governo indiano, por exemplo, procura investir 1,5 bilhão de dólares nos próximos 10 anos em 10 instituições de ensino. Já o alemão, criou, em 2005, o Programa Excelência Iniciativa, que investiu 1,9 bilhão de dólares visando a medidas inovadoras para o ensino superior. Entre os objetivos do programa está a criação de universidades do país como *world-class university* para ocupar posições de relevância nos *ranqueamentos*. A França, dadas as posições baixas nos primeiros anos de *rankings*, também está em movimento para a busca de uma WCU. A Ásia foi pioneira nesse quesito, contudo, cada vez mais, há o uso dos *rankings* para embasamento de políticas públicas educacionais. Essas buscas por uma WCU sinalizam um movimento de internacionalização desses países, ao mesmo tempo que almejam maiores investimentos por parte do governo, o qual tem como principal objetivo movimentar a economia por meio das pesquisadoras, discentes e docentes de outras localidades. Esse cenário possivelmente aumenta a chance de publicação nos periódicos do topo de algumas universidades nos últimos anos.

Com o objetivo de compreender se o *ranking* aumenta a chance de autoras das regiões publicarem, interpretamos as interações com base na probabilidade marginal, em que podemos

observar a relação entre duas ou mais variáveis em modelos logísticos. Analisamos as regiões conforme as universidades que estão localizadas nas 100 primeiras posições, dessa forma, não foi possível investigar o aumento na África e na América Latina, tendo em vista que não apresentam instituições nesse *top 100*. O Gráfico 5.23 aponta a probabilidade marginal de autoras da Ásia publicarem nas revistas do índice em comparação com as autoras do *top 100*. Apresentamos, também, a interação entre essas duas variáveis. A probabilidade de autoras da Ásia aumenta se elas estiverem em universidades do *top 100*.

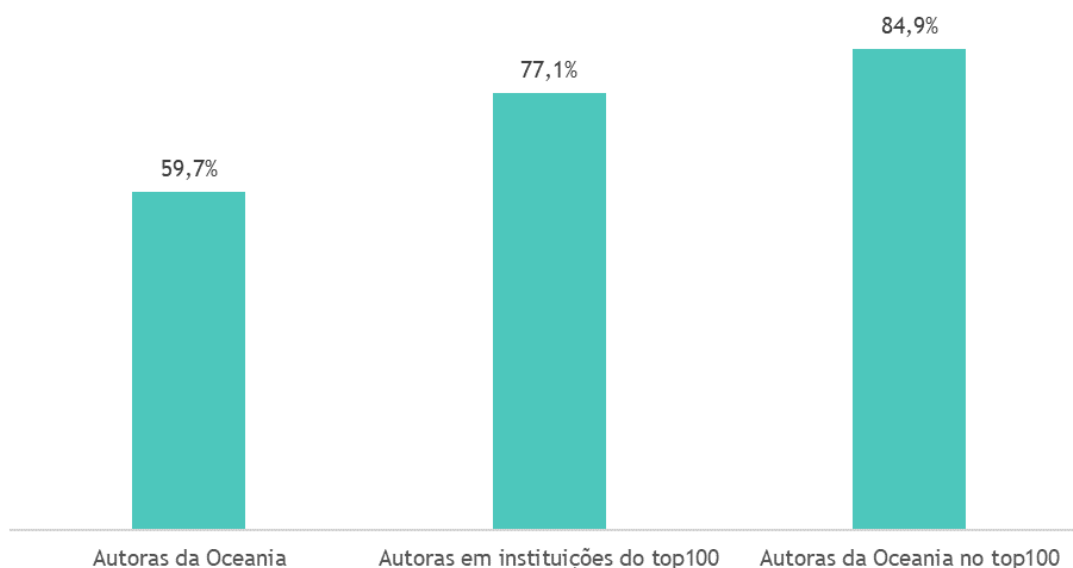
Gráfico 5.23 – Interação entre filiação à Ásia e estar em instituições do *top 100* representada por probabilidade marginal



Fonte: Próprio autor

Resultado semelhante é observado em relação a autoras filiadas a instituições da Oceania. A probabilidade aumenta se essas autoras estiverem em universidades bem ranqueadas.

Gráfico 5.24 – Interação entre filiação à Oceania e estar em instituições do *top 100* representada por probabilidade marginal



Fonte: Próprio autor

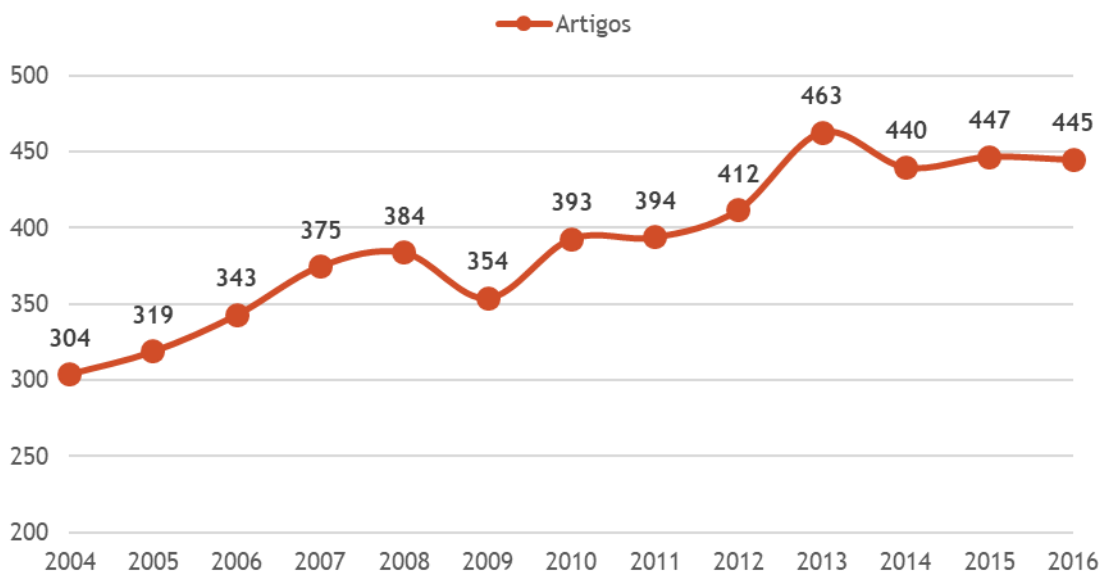
Torna-se fundamental pontuar que realizamos análises similares quanto a instituições da América Latina e África baseada na análise de posições mais distantes. Contudo, os resultados não apresentaram maior probabilidade. Esse cenário pode ser explicado pelas barreiras impostas à publicação nas revistas internacionais de impacto, seja o idioma ou falta de estímulo. Em relação aos resultados, se essa relação é observada de forma tão expressiva nos periódicos de Sociologia, acreditamos que resultados ainda mais díspares possam ser observadas em revistas como a *Science* ou a *Nature*, nas quais o volume de citações é ainda maior.

## 5.2 Artigos

O número de artigos nos periódicos selecionados sofreu alterações com o passar dos anos. O Gráfico 5.25 aborda esse quantitativo. Há um crescimento significativo de 46% no número de artigos, no período de 2004 a 2016, com destaque para 2013. Esse resultado salienta que as revistas de Sociologia seguem caminho semelhante ao apresentado por periódicos das demais áreas. Ao todo, 5.073 artigos foram selecionados, sendo 55% deles das revistas escolhidas a partir dos indicadores, com destaque para a *Sociology*, que representa aproximadamente 15% do total de artigos.



Gráfico 5.25 – Número de artigos por ano – 2004-2016



Fonte: Próprio autor

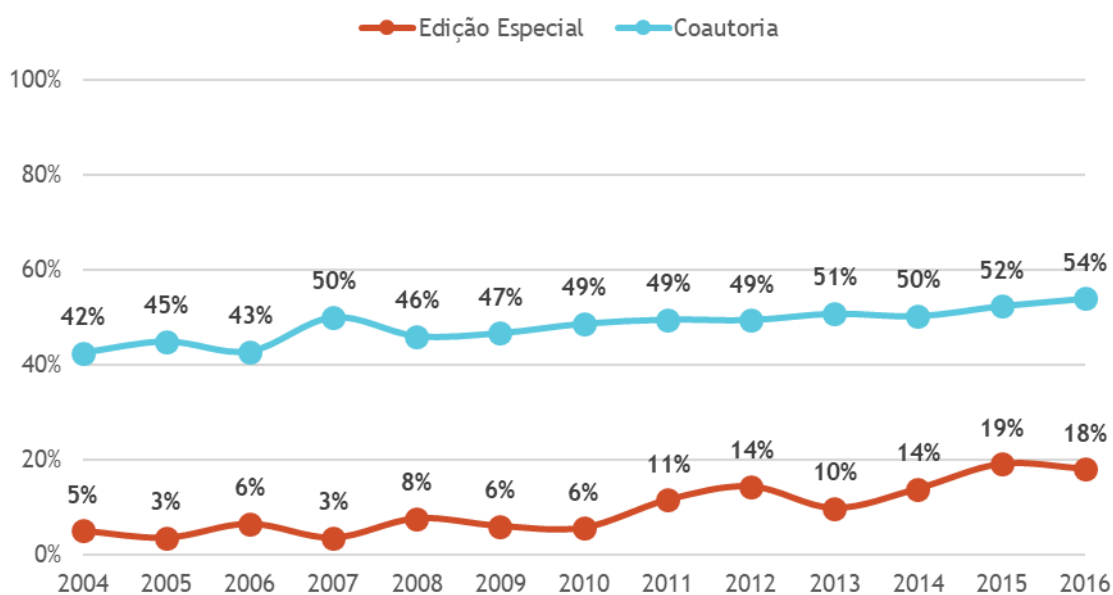
Conforme destacado na escolha dos periódicos, há discrepância no que concerne aos indicadores e isso nos permite verificar se a publicação dos países do sul/periferia está presente, com maior frequência, nos periódicos com menores índices. Vimos esse cenário se confirmar na subseção anterior; nessa, vamos verificar outros fatores que estão associados à produção do artigo: 1) coautoria e edição especial; 2) temática. Nesta última subseção, vamos apresentar uma investigação mais abrangente quanto ao tema; posteriormente, analisar se há distinção entre os artigos que abordam, de alguma forma, localidades do sul/periferia; e finalmente vamos trazer um comparativo com algumas revistas do sul/periferia visando à identificação de possíveis padrões.

### 5.2.1 Edição especial e coautoria

O aumento no número de artigos investigados no nosso estudo vem acompanhado do crescimento percentual de edições especiais e coautoria. Ambos favorecem a presença de autoras que, em condições normais, não teriam a possibilidade de publicar nesses periódicos, seja pela falta de domínio do idioma ou pelo tema não ser um dos mais aceitos por essas revistas.

Esse contexto proporciona aumento no valor médio de autoras por artigos: em 2004, a média de autoras por artigo era de 1,63; em 2016, esse valor foi de 1,85. As duas categorias, assim como o número de artigos, sinalizam um futuro que pode proporcionar oportunidades para publicadores de outras regiões, mesmo que, no momento, essas regiões ainda sejam minorias, como vamos apresentar ao longo da seção.

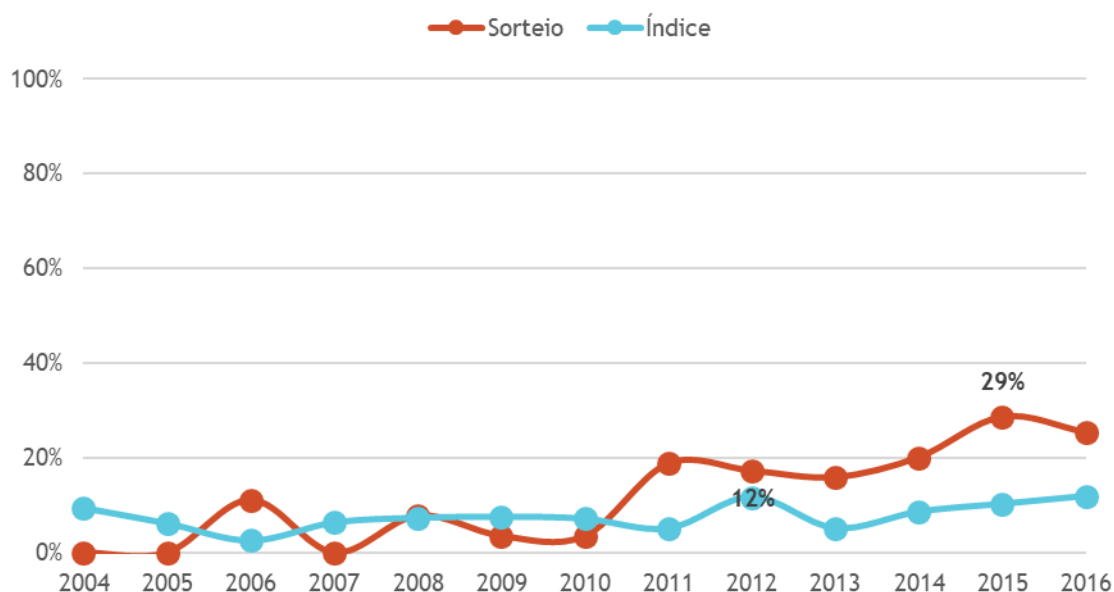
Gráfico 5.26 – Percentual de artigos em edições especiais e em coautoria – 2004-2016



Fonte: Próprio autor

Ao explorarmos com mais detalhamento onde esse aumento percentual é mais evidente, vimos que as edições especiais são mais presentes nos periódicos selecionados aleatoriamente, ou seja, que não possuem índices expressivos. Esse cenário pode ser afetado pela busca das revistas escolhidas pelos indicadores em manter um padrão de publicação com volume de citações elevado, o que faz com que não haja muitas oportunidades para edições especiais. Em média, os periódicos selecionados por sorteio possuem 13% de suas edições como especiais, enquanto nas revistas escolhidas pelo índice esse valor foi de 8%. Os picos também são díspares: 29% para o primeiro grupo e 12% para o segundo.

Gráfico 5.27 – Percentual de artigos em edições especiais por categoria de seleção – 2004-2016



Fonte: Próprio autor

A investigação sobre o efeito da edição especial na chance de publicação nas revistas do índice não apresentou resultado expressivo, tendo um efeito menor do que 1 (*Odds* = 0,54). Esse resultado aponta o que já era esperado, que publicar em edição especial diminui a chance de estar nessas revistas, visto que esses periódicos apresentam menores percentuais de edições especiais do que os do sorteio. Contudo, ao adicionar essa variável vimos que há um aumento no *Odds* das regiões do sul/periferia, isso mostra que, em comparação com a América do Norte, as chances dessas localidades aumentam se publicarem em edição especial. A Tabela 5.2 traz o comparativo entre os *Odds* do modelo sem a variável e do modelo com ela.

Tabela 5.2 – Chances de publicar nos periódicos do índice com acréscimo da edição especial  
(resultados em razão de chance)

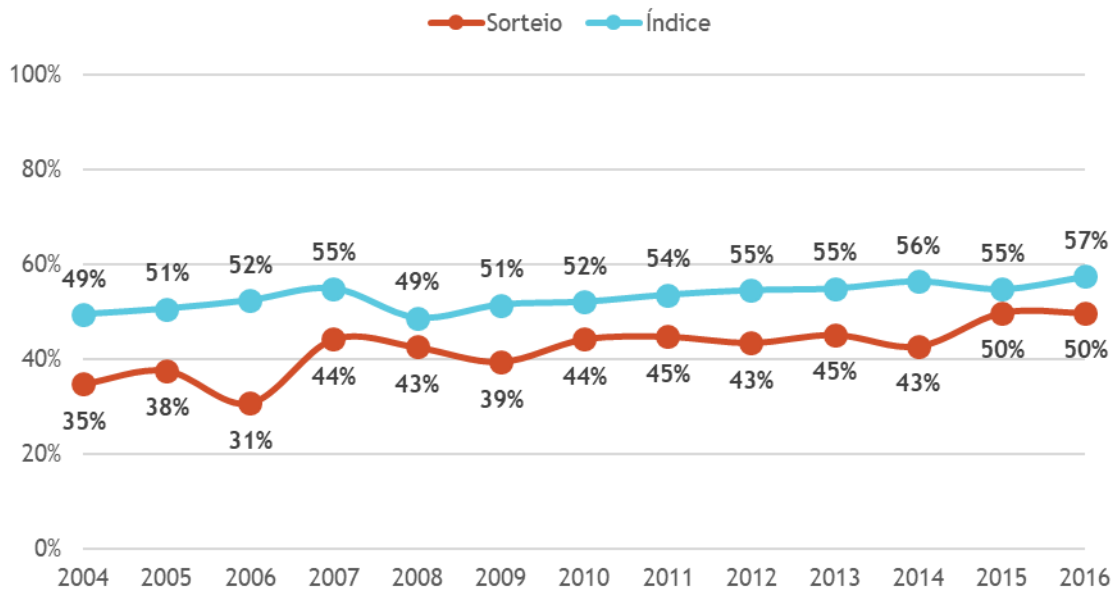
<b>Variáveis</b>	<b>M9</b>	<b>M9 + edição especial</b>
Ano	0,98	1
País Inglês (Sim=1)	0,61*	0,61*
Filiação África (Sim=1)	0,51	0,60
Filiação América Latina (Sim=1)	0,17*	0,19*
Filiação Ásia (Sim=1)	0,80	0,86
Filiação Europa (Sim=1)	2,17*	2,26*
Filiação Oceania (Sim=1)	1,30*	1,34*
Posição <i>Ranking</i>	1,19*	1,19*
Edição Especial (Sim=1)		0,54*

Fonte: Próprio autor

A análise da probabilidade marginal não apresentou resultados expressivos quando investigamos a interação entre a edição especial e a localidade com o intuito de mensurar o impacto dessa variável nas chances de publicação nos periódicos de impacto. Dessa forma, a edição especial não é uma variável que pode ser considerada um determinante para a publicação nesses periódicos.

Já a coautoria apresenta resultados distintos, sendo mais observada nos periódicos do índice. Esse contexto pode ser compreendido pela busca de instituições por maior quantitativo de citações, isso faz com que suas pesquisadoras publiquem em conjunto, impactando diretamente os números das instituições de ensino. Conquanto, o crescimento de coautoria nas revistas do sorteio é mais expressivo: entre o primeiro triênio e o último, o percentual de coautoria cresceu 14 pontos percentuais, oito a mais que as revistas do índice. Se esse movimento se mantiver nos próximos, há possibilidade de os periódicos do sorteio ultrapassarem os do índice em número de coautoria.

Gráfico 5.28 – Percentual de artigos em coautoria por categoria de seleção – 2004-2016



Fonte: Próprio autor

A Figura 5.1 foi construída com base na coautoria. Para sua elaboração, desconsideramos a coautoria interna, ou seja, autoras do mesmo país que publicaram juntas. Contudo, antes de apresentá-la, torna-se fundamental pontuar que as principais nações que publicam ostentam percentuais significativos de coautoria interna: EUA (93% de citação interna), RU (90%), Holanda (89,5%), Alemanha (83%) e Austrália (85%). Diante disso, a coautoria é bastante impactada por publicações de autoras do mesmo país, esse cenário afeta ainda mais a conjuntura de reprodução do conhecimento em determinadas localidades. Sobre a figura, foi elaborada em um *software* livre chamado *Gephi*. Esse programa permite a construção de redes de contato por meio da teoria dos grafos<sup>32</sup>. O grafo é uma representação construída a partir de uma matriz, em que os elementos são identificados como nós e suas conexões como arestas.

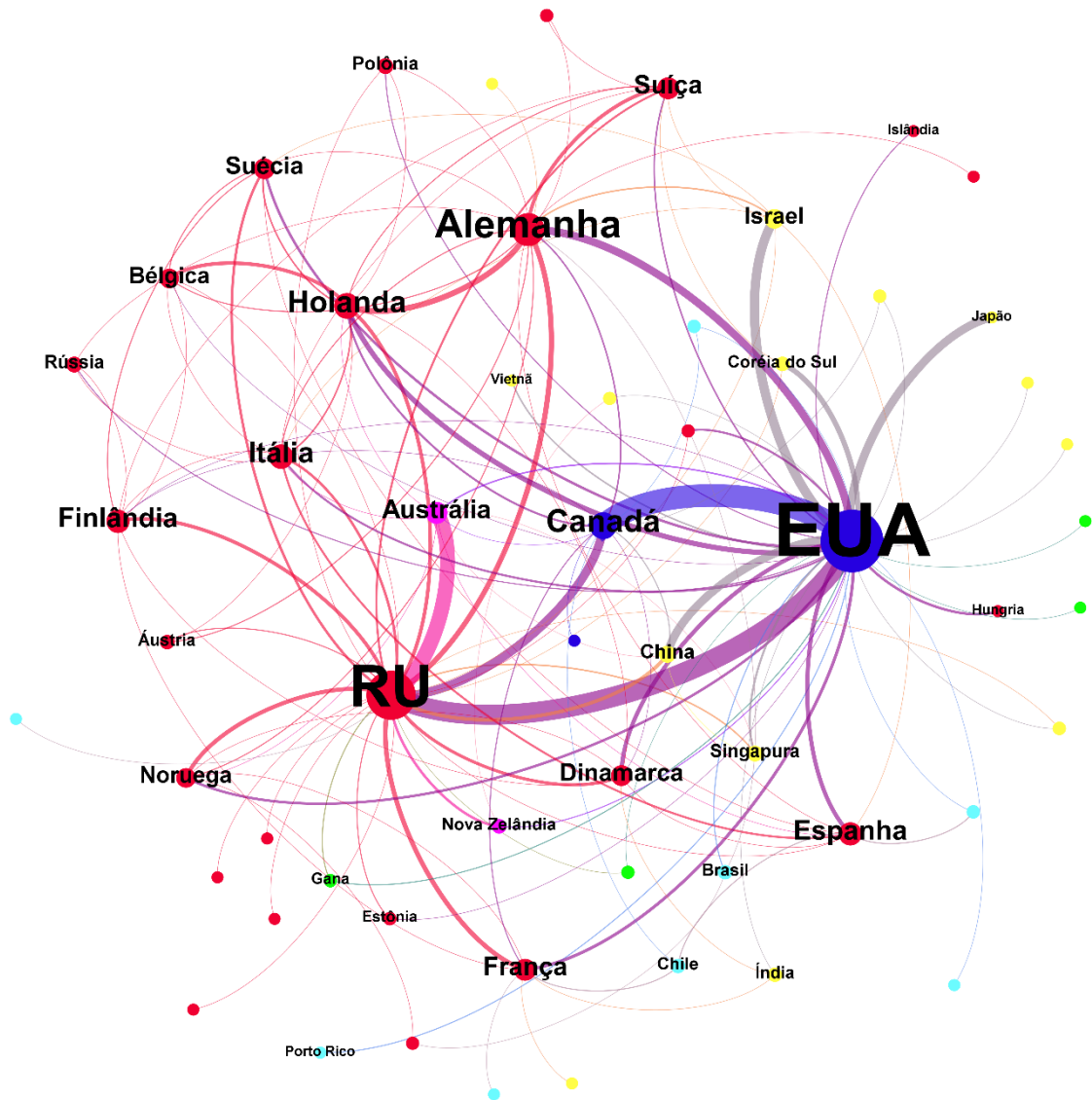
Na imagem que apresentaremos a seguir, os nós são os países e as conexões expressam se há coautoria entre eles. O tamanho dos nós aumenta com a frequência com que eles se basearam na coautoria com mais de uma nação, ou seja, os Estados Unidos apresentaram coautoria com mais países do que o RU, por exemplo. A espessura das conexões, isto é, das

<sup>32</sup> A Teoria dos Grafos é um dos instrumentos para interpretação das redes e possibilita, por meio de embasamento matemático, a verificação de conexões por aproximações e distanciamentos.

arestas, também possui significado: quanto mais espessa, maior o número de artigos de coautoria entre os países. Dessa forma, há mais artigos entre autoras do Canadá e Estados Unidos do que autoras da Alemanha e Holanda. As cores também possuem sentido: nações da Europa foram coloridas de vermelho, Ásia de amarelo, América Latina de azul-claro, África de verde, América do Norte de azul e Oceania de rosa. Com maior número de países, a Europa se sobressai, visto que muitas das nações da região apresentam coautoria entre si, principalmente com o Reino Unido. Além da coautoria dentro da região que pode ser observada na Europa, e entre Canadá e Estados Unidos, a língua em comum é fator determinante para a coautoria, como pode ser constatado por meio da conexão entre RU e Austrália, e RU e Canadá. Proximidades políticas também são verificadas: EUA e Israel; EUA e Japão.

As regiões do sul global/periferia não possuem tanta representatividade quanto às do norte/centro, contudo alguns países se destacam além dos já citados: China e Singapura. Os demais ocupam posições distantes do centro do grafo, isso significa que, além de apresentarem poucos artigos – o que pode ser observado pelo tamanho –, não há muito contato com outros países. O Japão, por exemplo, só apresenta conexões com os EUA, enquanto Israel se posiciona mais ao centro por ter coautoria com EUA, Suécia, Alemanha e Espanha.

Figura 5.1 – Grafo de coautoria



Fonte: Próprio autor

Esse resultado sobre coautoria sinaliza ainda mais a presença inexpressiva de autoras das regiões do sul global/periferia, além disso, quando a coautoria não é interna, ela é concentrada em determinados países diante da conexão entre nações da mesma região ou de países com a mesma língua. Para compreender esse cenário como um determinante, adicionamos no Modelo 9 da nossa regressão logística a variável de coautoria. Com *odds* de 1,54, a coautoria tem impacto positivo na publicação nesses periódicos, ou seja, uma determinada autora tem mais chance de publicar caso seja em coautoria.

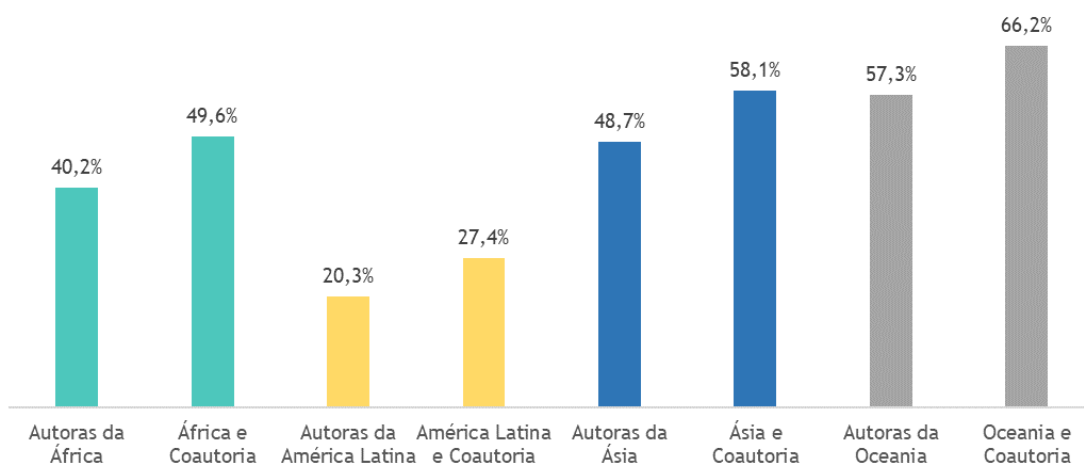
Tabela 5.3 – Chances de publicar nos periódicos do índice com acréscimo da coautoria  
(resultados em razão de chance)

Variáveis	M9	M9 + coautoria
Ano	0,98	0,98
País Inglês (Sim=1)	0,61*	0,64*
Filiação África (Sim=1)	0,51	0,60
Filiação América Latina (Sim=1)	0,17*	0,20*
Filiação Ásia (Sim=1)	0,80	0,89
Filiação Europa (Sim=1)	2,17*	2,31*
Filiação Oceania (Sim=1)	1,30*	1,35*
Posição <i>Ranking</i>	1,19*	1,19*
Coautoria (Sim=1)		1,54

Fonte: Próprio autor

Com o objetivo de compreender a interação entre a coautoria e a filiação da autora, realizamos a investigação com base na probabilidade marginal. O Gráfico 5.29 sinaliza a probabilidade de publicação individualmente e em coautoria. Cada cor representa uma localidade.

Gráfico 5.29 – Interação entre filiação da autora e a coautoria representada por probabilidade marginal



Fonte: Próprio autor



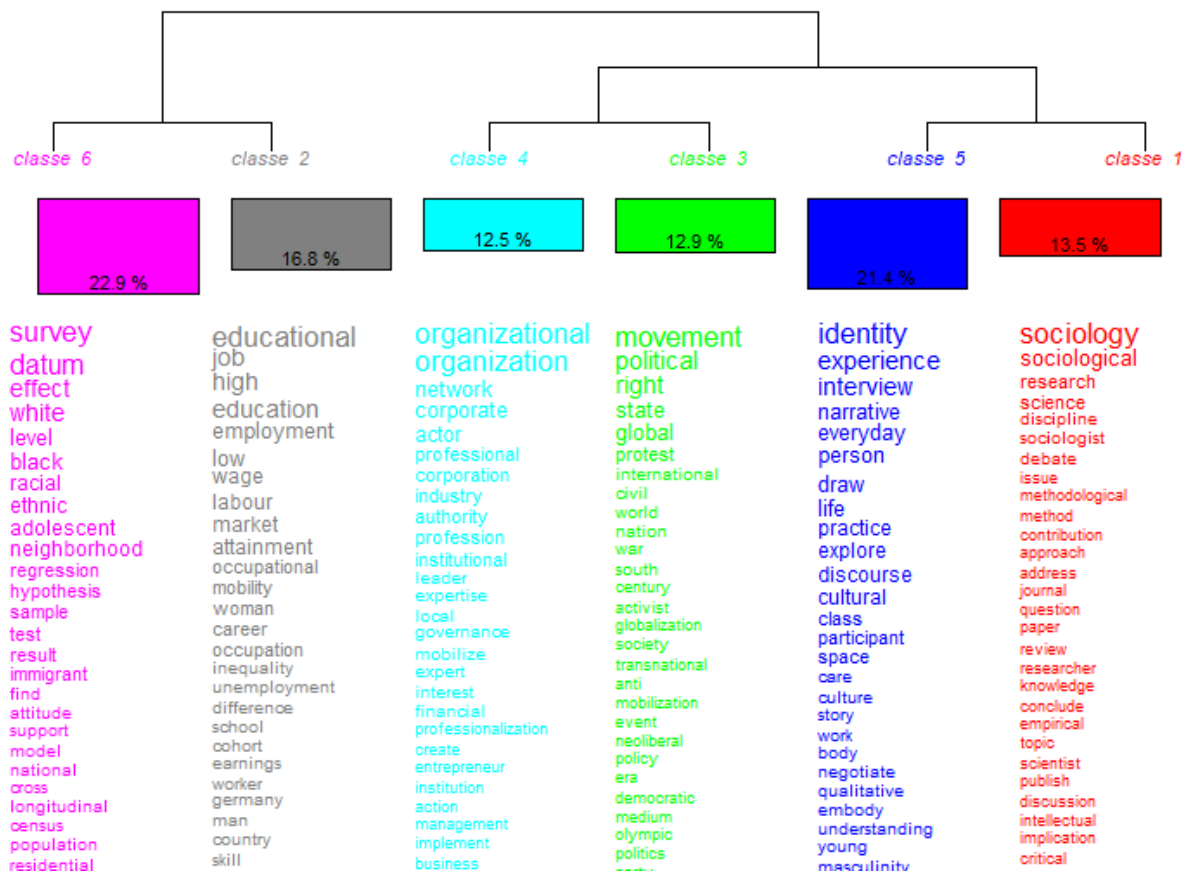
Assim, para que autoras dessas regiões tenham mais chance de publicação, a coautoria é uma alternativa. A chance possivelmente aumenta se essas nações publicarem em conjunto com pesquisadoras da Europa ou da América do Norte. Todavia, a coautoria com autoras dessas regiões apresenta diversos questionamentos. Em estudo sobre cooperação internacional segundo uma compilação de artigos de diversas autoras, Gaillard (1996) apontou que o principal problema da relação norte-sul/centro-periferia é a hierarquia entre os participantes. Essa hierarquia foi embasada em opiniões das autoras ao destacarem a assimetria na colaboração e a dominação exercidas pelos coautores do norte/centro. Em um dos artigos da coletânea, um dado chama atenção: a pesquisa empírica sobre as disparidades norte-sul/centro-periferia, sem distinguir campo de estudo, apontou que em 90% dos casos a matriz do projeto da cooperação foi em uma instituição do norte/centro. Em 2002, a Waast entrevistou pesquisadoras africanas que sinalizaram estar sujeitas a uma agenda e à divisão desigual do trabalho intelectual. Essas pesquisadoras apontam que o trabalho se limita a fornecimento de dados e compreensão de contextos.

### 5.2.2 Temática

No que concerne à temática desses artigos, investigamos por meio do *software Iramuteq*. Como mencionado, esse programa livre permite análises de discursos por meio de aproximações de palavras. Para essa investigação, consideramos os artigos sem as duplicatas, ou seja, se um artigo apareceu duas vezes na nossa base por possuir dois autores, na análise de discurso ele será considerado uma vez. Essa forma de análise possibilita melhor compreensão dos discursos.

A primeira investigação a partir dessa análise será a do método Reinert. Como apontado, ele permite a identificação de grupos de palavras com base na proximidade entre elas. O interessante do *Iramuteq* é que ele permite desmembrar os grupos formados em agrupamentos menores. Diante dessa possibilidade, realizamos duas análises fundadas nessa metodologia: a primeira com grupos maiores e a segunda desmembrando esses discursos. A Figura 5.2 é da nossa primeira investigação; além de apresentar os principais termos que aparecem em cada agrupamento formado, o programa sinaliza o percentual e as aproximações entre os grupos. Seis grupos foram elaborados, da esquerda para a direita temos: Minorias; Estratificação; Governança; Movimentos sociais; Identidade; Metodologia.

Figura 5.2 – Grupos 1 a partir do método Reinert – 2004-2016

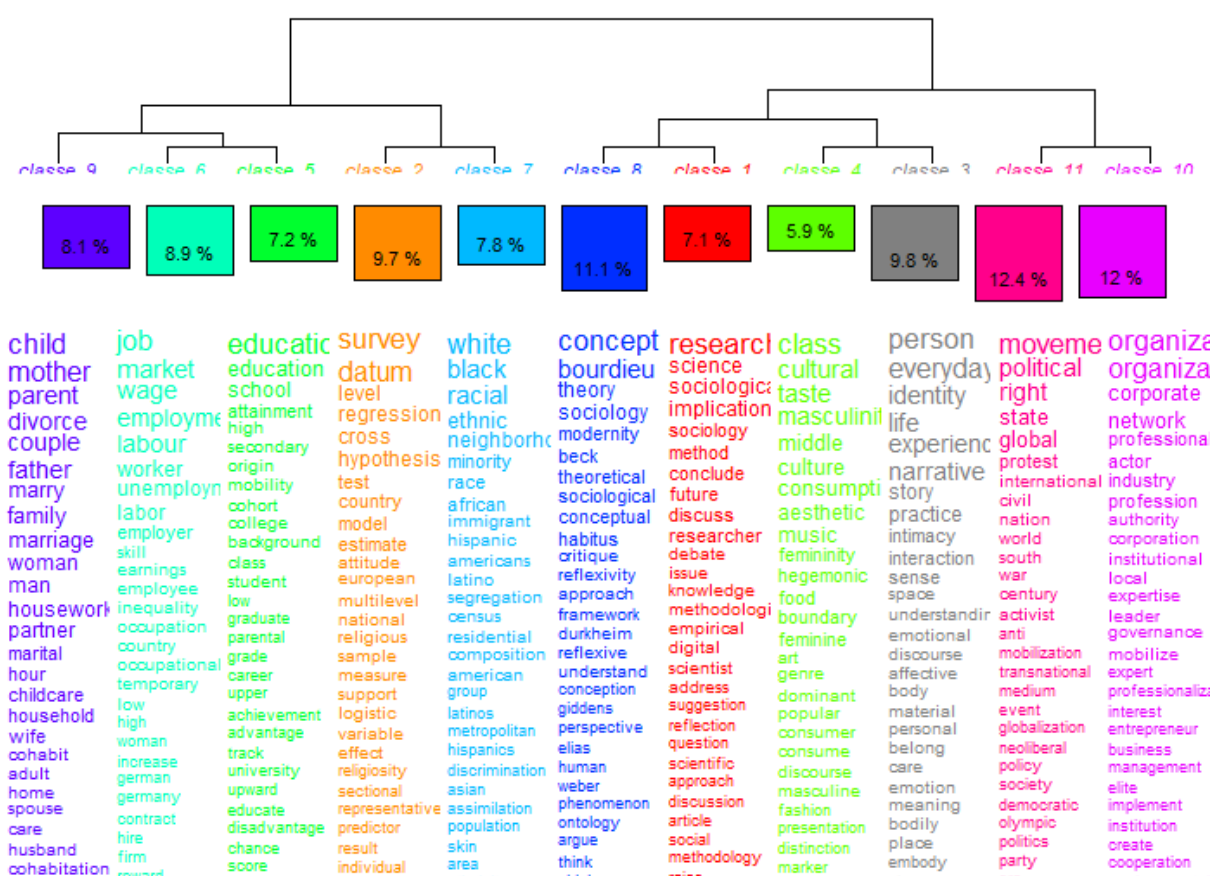


Fonte: Próprio autor

Essa análise se mostra interessante por trazer as proximidades entre os estudos de Estratificação e de Minorias por meio de investigações empíricas. Os termos *survey*, *datum*, *effect*, *test* e *result*, estão presentes no grupo de minorias, contudo apresentam proximidade com o grupo de estratificação. No que concerne aos distanciamentos, estudos de Identidade estão mais próximos de discursos teóricos, ao mesmo tempo que o grupo de Governança encontra-se adjacente a Movimentos Sociais. Essas aproximações não impedem que haja estudos de Identidade que apresentem dados quantitativos, contudo salientam os resultados de maior frequência. Dessa forma, há uma tendência desses periódicos publicarem sobre esses temas apresentados, não há com destaque estudos teóricos com autoras clássicas, por exemplo.

A nossa segunda análise utilizando-se dessa metodologia apresentou 11 grupos, da esquerda para a direita temos: Parental; Trabalho; Educação; Empíria; Minorias; Teoria; Técnico; Cultura e gênero; Identidade; Movimentos Sociais; Governança.

Figura 5.3 – Grupos 2 a partir do método Reinert – 2004-2016



Fonte: Próprio autor

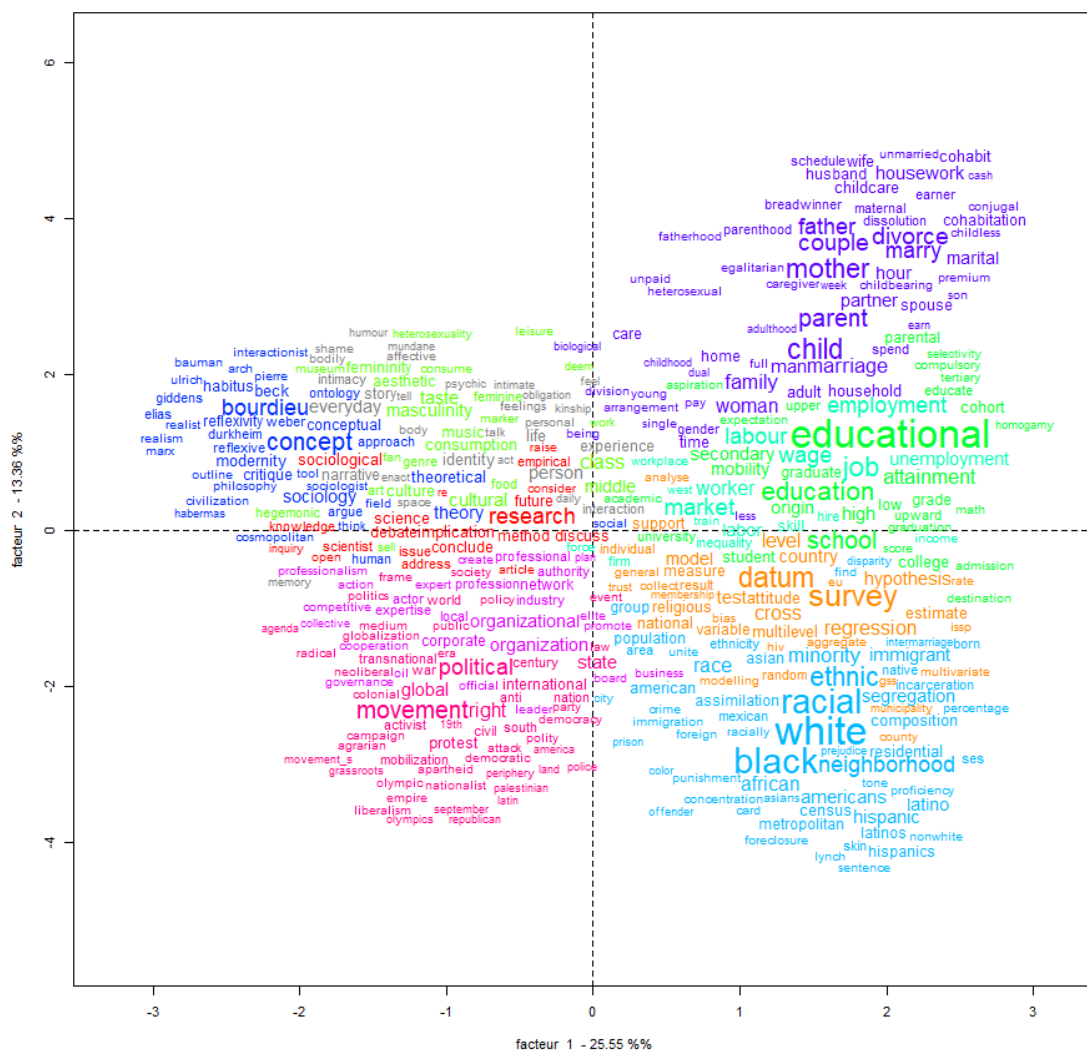
Os cinco grupos à esquerda surgiram dos agrupamentos Minorias e Estratificação da primeira análise. Os temas dessa segunda investigação – Parental, Trabalho, Educação e Minorias – possuem proximidades com técnicas de pesquisa empírica como é sinalizado no grupo laranja. As discussões de gênero estão próximas de debates sobre cultura e de parentalidade. Permanecem em destaque e próximos os grupos de Governança e Movimentos Sociais, sendo um dos temas mais proferidos nas revistas selecionadas. O detalhamento dessa segunda análise propiciou o surgimento de um grupo mais teórico em que há presença de autores como Bourdieu, Beck, Durkheim, Giddens e Weber. O primeiro é destaque pela presença de suas conceituações. Em 2014, foi publicada a primeira edição de autoras mais citadas a partir do banco de dados do *Google Scholar Citations*<sup>33</sup>. Foram selecionadas autoras

<sup>33</sup> O *Google Scholar* é mecanismo de pesquisa de acesso livre que indexa textos completos em uma variedade de formatos.

com índice H maior que 100; Pierre Bourdieu não possui o maior indicador H (208 contra 247 de Freud, que ocupa a primeira posição), contudo, observando apenas as citações, Bourdieu foi o mais citado.

O *Iramuteq* também possibilita o posicionamento do grupo de palavras em um plano cartesiano. Dessa forma, é possível notar as proximidades e distanciamentos entre os grupos. A Figura 5.4 foi extraída a partir da segunda análise. Vemos o distanciamento entre os debates teóricos e os quantitativos. Enquanto o primeiro se posiciona no canto esquerdo com citações a autores, o lado direito do plano é caracterizado principalmente por discussões de estratificação social com técnicas quantitativas. O tamanho dos termos é a frequência com que eles aparecem.

Figura 5.4 – Grupos 2 a partir do método Reinert (termos no plano cartesiano) – 2004-2016



Fonte: Próprio autor

Finalmente, o programa ainda permite verificar quais categorias encontram-se mais aproximadas com os grupos apresentados. A Figura 5.5 apresenta, além dos artigos, as revistas e a categoria de seleção: índice ou sorteio. Tanto a cor, quanto a posição no plano cartesiano são associados com a figura acima. Nota-se que a *European Sociological Review* apresenta proximidade com estudos quantitativos, principalmente relacionados à Trabalho. No centro do plano, *Inquiry*, *SocPer*, *Spectrum* e *ASR* abordam uma gama maior de assuntos, contudo há maior relação com debate sobre minorias. *AJR* também ao centro apresenta proximidade com Governança. Essas últimas citadas possuem relação com pesquisas mais empíricas, diferentemente da *Sociology*, *SocRev*, *Current* e *BJS* que estão mais próximas de um debate



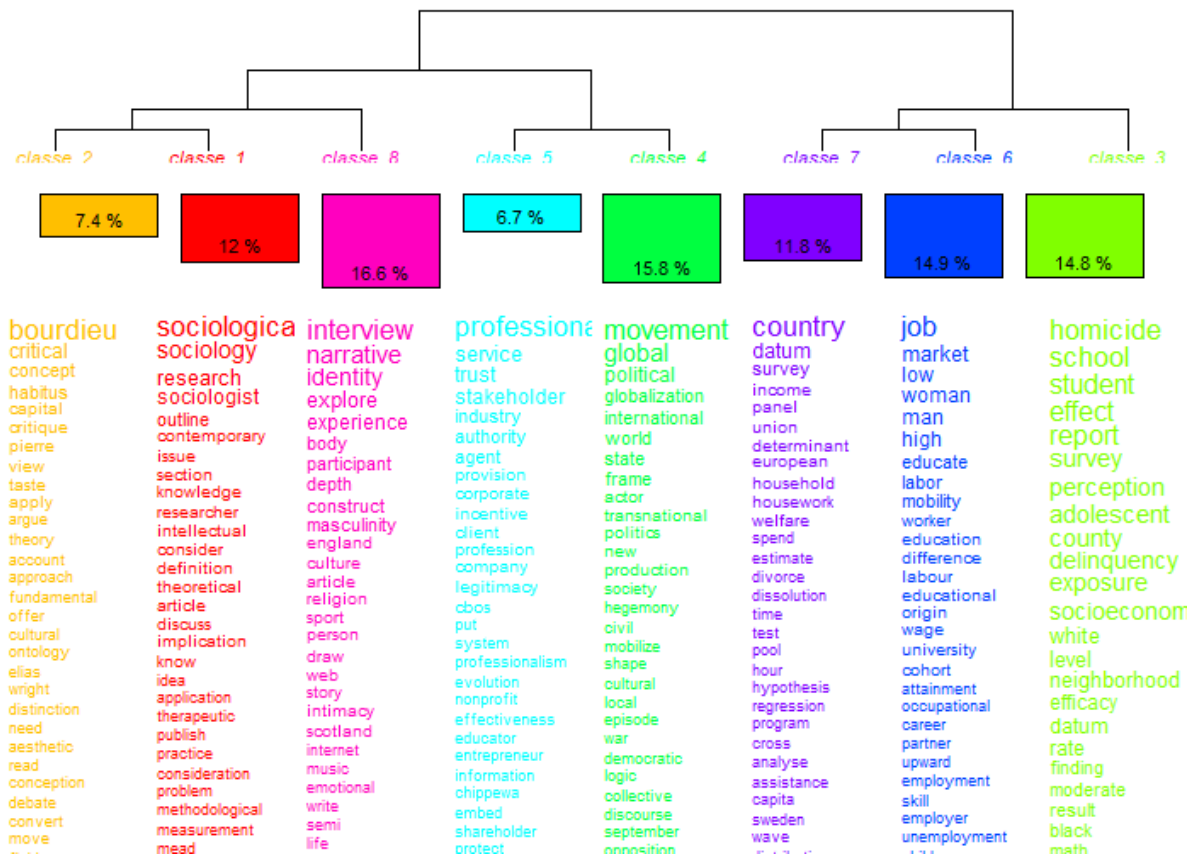
técnicas quantitativas que ocupam uma posição de destaque ao lado de estudos de estratificação social com enfoque em: Trabalho, Educação e Minorias. O enfoque da *ESR* nesses assuntos é expressivo, esse periódico foi o que apresentou maior proximidade com os grupos temáticos, enquanto outros ocupam posições de centralidade, pautando, assim, uma gama maior de assuntos.

A Figura 5.6 foi elaborada a partir da análise de similitude do *Iramuteq*. Essa técnica leva em consideração as aproximações entre os principais termos que apareceram nos resumos. O tamanho dos termos e conseqüentemente das bolinhas, chamadas de *nós*, é a frequência que palavra apareceu. As ligações, como já mencionado, são chamadas de *arestas*. A espessura da ligação entre os termos indica as conexões com maior expressividade. Essa investigação complementa os resultados encontrados a partir da metodologia utilizada anteriormente. Além da presença expressiva de termos de técnicas quantitativas – *datum, model, survey, etc.* –, nota-se os grupos de temas mais frequentes: Governança; Educação; Trabalho e Gênero. O primeiro encontra-se próximo de debates sobre política e economia. O segundo apresenta forte presença empírica a partir de estudos que salientam efeitos e resultados. O terceiro e o quarto situam-se próximos, ou seja, debates sobre a posição da mulher no mercado de trabalho e estudos de gêneros são frequentes nos periódicos selecionados.





Figura 5.7 – Grupos 2 a partir do método Reinert – 2004-2006

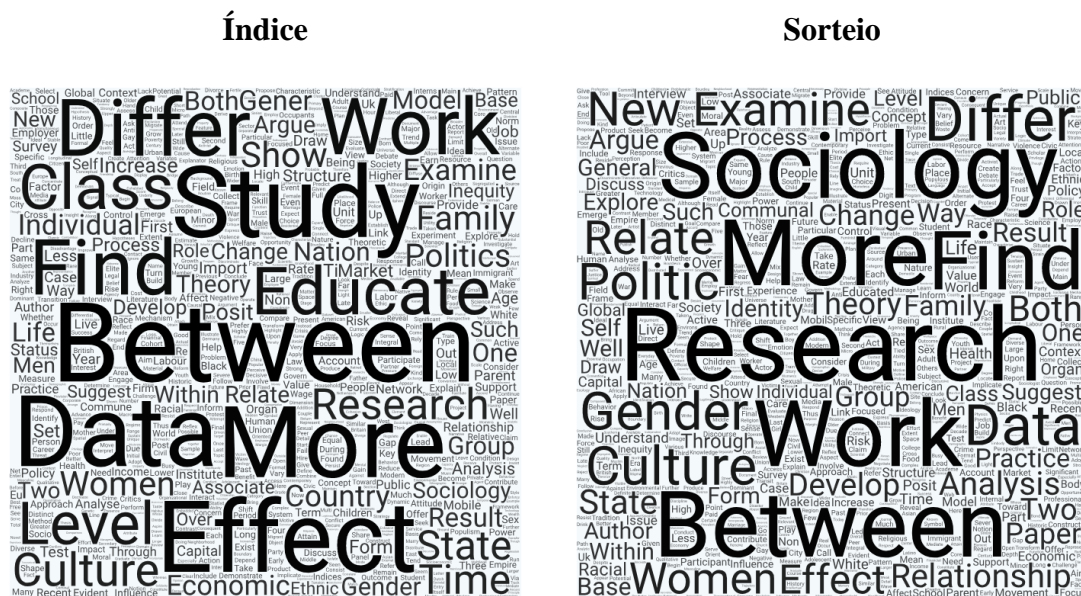


Fonte: Próprio autor



sorteio. O que imaginamos se confirma: os artigos das revistas do índice apresentam maior relação com termos de estudos quantitativos como *data*, *effect* e *level*, enquanto nas revistas do sorteio há maior presença de trabalhos sobre cultura.

Figura 5.9 – Nuvem de termos por categoria de seleção – 2004-2016



Fonte: Próprio autor

Acreditamos que essas mudanças, sejam no conteúdo ou na metodologia dos artigos das revistas com maiores índices, estão atreladas à busca por mais citações e, consequentemente, pelas primeiras posições do *ranking* de revistas e do *ranking* de instituições. No primeiro *ranqueamento*, os periódicos querem manter posições de destaque, para isso, selecionam artigos que sejam capazes de manter ou aumentar a média de citações. Já para o *ranking* de instituições, acreditamos que as autoras, além de publicarem mais<sup>34</sup>, são instigadas a focar em temas com maior retorno de citações. Fora isso, as instituições que visam a essas posições de relevância buscam discentes, docentes, pesquisadoras e reitoras de diversas localidades que sejam capazes de impulsionar a instituição nesses *rankings* e, por conseguinte, atrair maiores investimentos. Torna-se fundamental enfatizar, como destacado no capítulo metodológico, que essas instituições do topo são conhecidas como WCU, que têm como

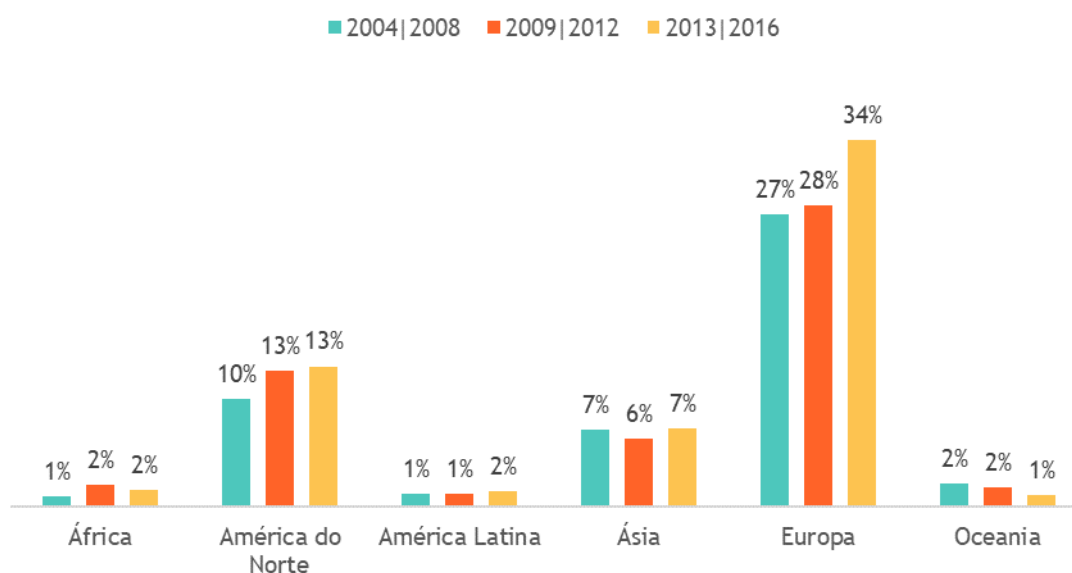
<sup>34</sup> Como já citado, a China tornou-se um dos maiores produtores de artigos, tendo atingido 6% do volume mundial.

objetivo, a partir de um ambiente cosmopolita, a produção acadêmica de influência global para proveito da população – mesmo que na prática não seja isso que ocorra.

### 5.2.2.1 Artigos que abordam o sul/periferia

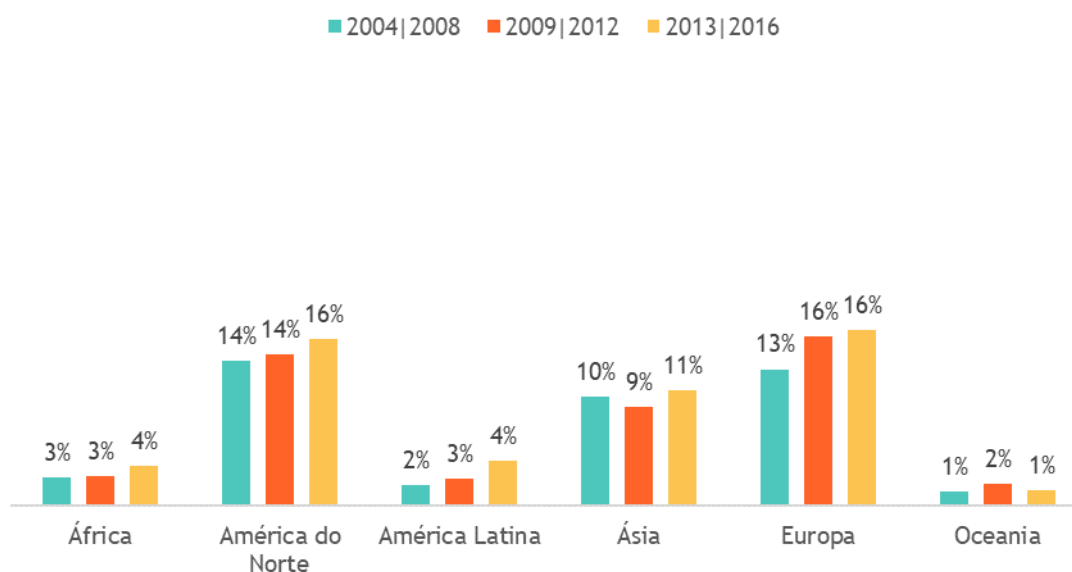
Ainda sobre os temas dos artigos, a análise seguinte apresenta os artigos que abordaram, de alguma forma, as regiões do nosso estudo: África, América do Norte, América Latina, Ásia, Europa e Oceania. A investigação foi dividida em revistas do índice e periódicos sorteados. No Gráfico 5.30, das revistas do índice, nota-se a expressividade da Europa e o aumento ao longo dos anos dos artigos que fazem menções a países da região. Também é observado crescimento em referências à América do Norte, África e América Latina, contudo em menor escala. No que concerne aos periódicos sorteados, nota-se que a Europa não possui tanta expressividade, apresentando afinidade percentual com a América do Norte. A Ásia, América Latina e África são mais expressivas nessas revistas do que nas escolhidas com base nos índices. O resultado da América Latina se dá principalmente pela *Current*, em que as menções passaram de 3% no primeiro quadriênio para 9% no último. Esse periódico aceita submissões em português e se mostra mais aberto para autoras da América Latina.

Gráfico 5.30 – Temas por região nos periódicos do índice – 2004-2016



Fonte: Próprio autor

Gráfico 5.31 – Temas por região nos periódicos do sorteio – 2004-2016



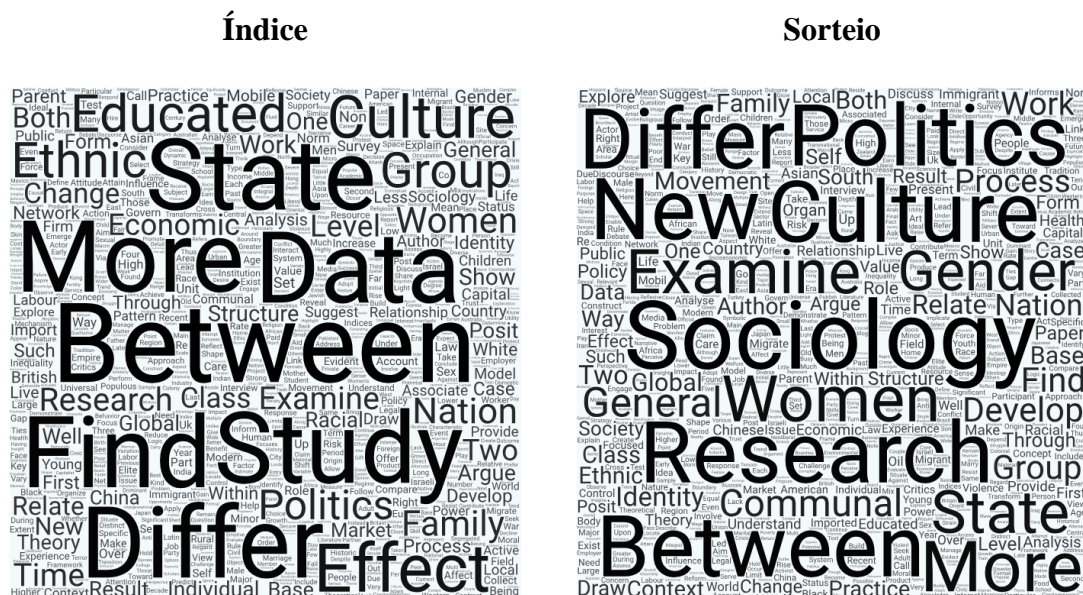
Fonte: Próprio autor

Os resultados expostos nos gráficos acima apontam para uma situação particular: há maior frequência de artigos que abordam as regiões do sul global/periféricas nas revistas com índices menores. Resta saber se essa singularidade é determinante para que autoras publiquem nas revistas com índices de expressão. Contudo, antes de apresentar os determinantes, torna-se interessante detalhar, ainda mais, o conteúdo dos artigos que abordam de alguma forma essas localidades.

A Figura 5.10 foi elaborada a partir dos termos que apareceram nos resumos dos artigos que mencionaram as regiões. Para melhor visualização, excluímos os termos *social*, *article*, *study* e *use*. Tendo como base as principais palavras, nota-se que os estudos apresentam, com maior frequência, comparativos entre as localidades por meio de investigações sobre cultura, estado e política. Entre os temas, assim como apresentado na análise de similitude a partir do *Iramuteq*, discussões de gênero e uso de técnicas quantitativas são recorrentes. Debates sobre etnia, migração, estudos globais e trabalhos sobre o sul/periferia aparecem como um dos enfoques dos estudos sobre essas localidades. Contudo, de modo geral, não há muita distinção do que foi apresentado nas investigações do *Iramuteq*.



Figura 5.11 – Nuvem de palavras dos artigos que citam localidades do sul global/periféricas por categoria de seleção – 2004-2016



Fonte: Próprio autor

Enquanto os artigos das revistas do índice apresentam maior presença de dados e diferença entre estados, nos estudos dos periódicos sorteados há debate em torno da cultura, maior presença de discussões de gênero e de movimentos políticos. Dessa forma, além do menor número de publicações sobre países do sul global/periférico nesses periódicos, para publicar naqueles que são considerados do topo, isto é, que apresentam índices expressivos, é preciso abordar essas nações por uma perspectiva quantitativa e passível de comparação com outras localidades.

Nossa próxima investigação tem como objetivo verificar se esses estudos sobre as localidades do sul/periferia citam periódicos dessas regiões ou se reproduzem o discurso focado na citação de revistas de expressão. A Figura 5.12 foi construída com base na teoria dos grafos. Para sua elaboração, selecionamos, nos triênios 2004-2006 e 2014-2016, os artigos que abordaram, de alguma forma, as nações dessas regiões do sul/periferia. Após a seleção, verificamos quais periódicos esses artigos citaram; nosso objetivo foi verificar se esses estudos citam com alguma frequência revistas dessas localidades.

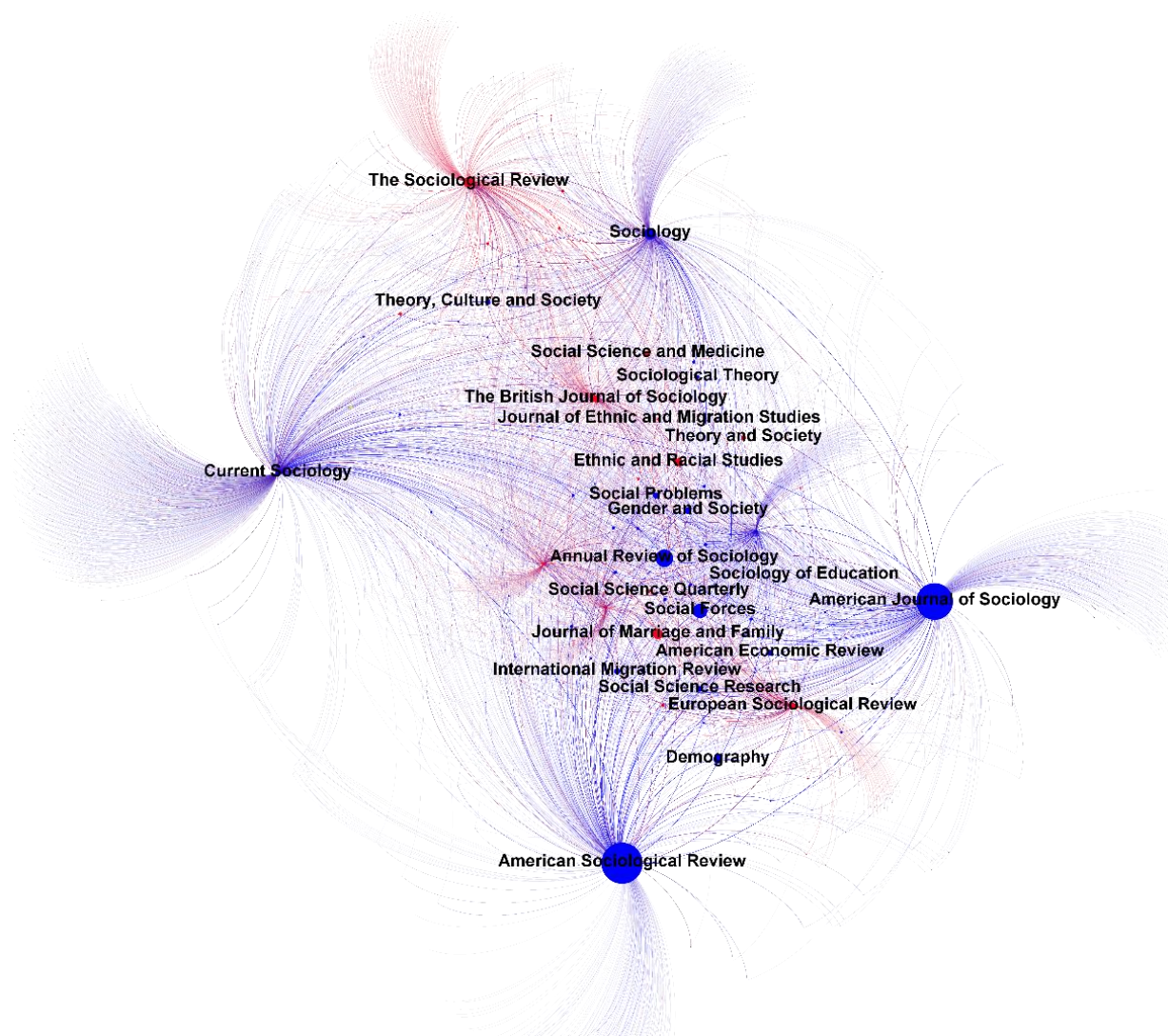
Da mesma forma que no grafo de coautoria, a Figura 5.12 foi colorida de acordo com a região: nações da Europa foram coloridas de vermelho, Ásia de amarelo, América Latina de

azul-claro, África de verde, América do Norte de Azul e Oceania de rosa. O tamanho dos nós representa as citações, dessa forma, *American Sociological Review* e *American Journal of Sociology* foram os periódicos mais citados. As revistas localizadas ao centro são aquelas que foram citadas por mais de um dos periódicos selecionados para o nosso estudo, o *Annual Review of Sociology* ocupa posição de destaque sendo referenciado por quase todas as revistas.

A predominância do vermelho e do azul aponta que um número expressivo de periódicos da Europa e da América do Norte foram citados por esses artigos. Ao todo 2.746 revistas diferentes foram citadas, sendo 44% da Europa e 41% da América do Norte. Estados Unidos (40% do total), Reino Unido (31%), Holanda (6%) e Alemanha (2%) foram os países de maior destaque. Das regiões do sul global/periferia, as nações mais citadas foram: Austrália (2%), Brasil (1,3%), China (0,9%), Índia (0,7%), Japão (0,7%) e África do Sul (0,6%). Enquanto as duas revistas com maior número de citações – *American Sociological Review* e *American Journal of Sociology* – possuem, respectivamente, 784 e 700 referências, os dois periódicos das regiões do sul global/periferia com maior número de menções são o *Economic and Political Weekly* (42 citações) e o *Contributions to Indian Sociology* (12) – ambos indianos. Esse cenário sinaliza uma disparidade na produção e divulgação do conhecimento que evidencia, ainda mais, a reprodução do padrão hegemônico, uma vez que nem os artigos que abordam essas localidades citam periódicos dessas regiões com alguma expressividade.



Figura 5.12 – Grafo de citações dos artigos que citam alguma localidade do sul/periferia ou são de autoras do sul/periferia – 2004-2006 e 2014-2016



Fonte: Próprio autor

As citações ainda apresentam um comportamento regional bem característico: 72% das referências aos periódicos da América do Norte são de revistas da região, enquanto, no caso da Europa, esse dado é 43%. Outra análise de destaque é que 44% das citações dessas revistas são internas, isso significa que quase 1/2 das menções a estudos desses periódicos encontram-se em artigos da própria revista. A *Current* é a aquela com maior percentual de citações internas: 86%. Esses resultados sinalizam uma reprodução ainda mais evidente.

Finalmente, a Tabela 5.4 apresenta o cruzamento entre o continente dos periódicos referenciados e a classificação da revista que o citou, se é do índice ou do sorteio. O resultado

aponta que os periódicos selecionados por sorteio apresentam maior percentual de citações às revistas das regiões do sul global/periferia. Dessa forma, podemos inferir que, para publicar sobre um tema nas revistas que apresentam maiores índices, é necessário referenciar o periódico no qual se está publicando ou revistas próximas a ele, seja do mesmo continente ou com índices de destaque.

Tabela 5.4 – Percentual de citação as revistas das regiões pela metodologia de seleção

Região	Metodologia de seleção	
	Índice	Sorteio
África	8%	92%
Ásia	23%	77%
Europa	51%	49%
América Latina	22%	78%
América do Norte	55%	45%
Oceania	50%	50%

Fonte: Próprio autor

As investigações sobre os artigos que abordam, de alguma forma, as localidades do sul global/periferia apontaram que a principal distinção está nos índices. As revistas de impacto, ou seja, com indicadores de destaque, apresentam estudos dessas regiões com maior uso de dados e, conseqüentemente, técnicas quantitativas. Além disso, as citações, em sua maioria a periódicos da América do Norte ou Europa, possuem diferenciações. As revistas selecionadas por meio do sorteio referenciam de forma mais expressiva periódicos dessas localidades. Dessa forma, podemos compreender que, para publicar nas revistas de alto impacto, além de mencionar periódicos similares, isto é, com maiores índices, é necessário que o estudo apresente resultados empíricos fundamentado em técnicas quantitativas.

#### 5.2.2.2 Determinantes temáticos

Para compreender os diversos resultados que foram observados nessa seção, analisamos a temática a partir de dois determinantes: 1) uso de técnicas quantitativas; 2) referência a alguma nação ou região no artigo. Para observar se um estudo é quantitativo, selecionamos algumas palavras atreladas a esses estudos – *survey, level, regression, model,*

*hypothesis, effect, empirical, cross, variable, test e estimate* –, que aparecem na análise de discursos a partir do *Iramuteq*; os artigos que apresentassem ao menos três delas foram considerados quantitativos. Para o segundo, consideramos o nome dos países, das regiões e termos correlatos para observar se o artigo aborda, de alguma forma, essas localidades.

Da mesma forma que fizemos em análises anteriores, adicionamos a variável ao modelo 9. O uso de técnicas quantitativas no artigo aumenta em quase duas vezes a chance de publicação nas revistas dos índices. Se observarmos a filiação das autoras, vemos que há uma mudança nos valores quando comparamos o modelo M9 com o modelo em que acrescentamos a variável *análise quantitativa*. O aumento no valor da filiação a partir da adição dessa variável significa que a chance de as autoras da periferia/sul publicarem nas revistas selecionadas pelo índice aumenta, ficando mais próxima da chance das autoras da América do Norte.

Tabela 5.5 – Chances de publicar nos periódicos do índice com acréscimo da análise quantitativa (resultados em razão de chance)

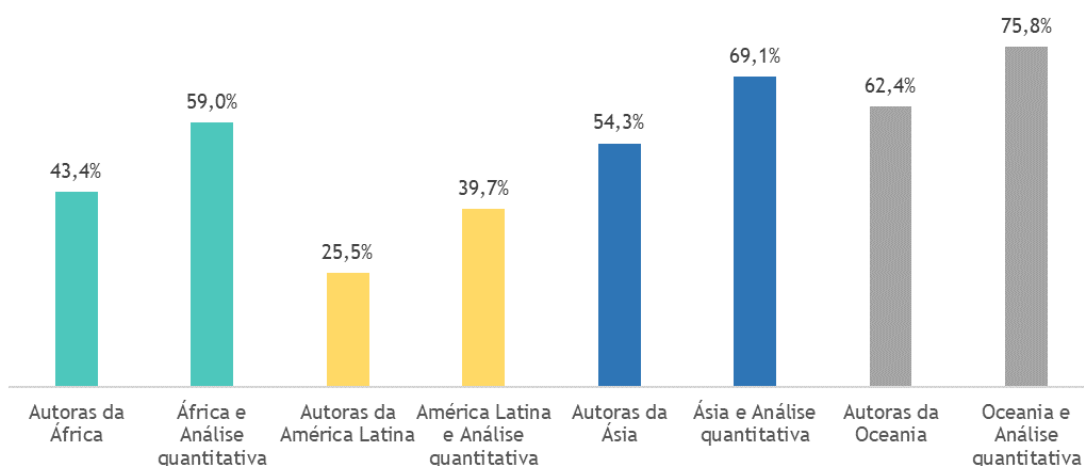
<b>Variáveis</b>	<b>M9</b>	<b>M9 + Análise quantitativa</b>
Ano	0,98	0,98
País Inglês (Sim=1)	0,61*	0,73*
Filiação África (Sim=1)	0,51	0,59
Filiação América Latina (Sim=1)	0,17*	0,24*
Filiação Ásia (Sim=1)	0,80	1
Filiação Europa (Sim=1)	2,17*	2,46*
Filiação Oceania (Sim=1)	1,30*	1,48*
Posição <i>Ranking</i>	1,19*	1,19*
Análise quantitativa (Sim=1)		2,07*

Fonte: Próprio autor

Os resultados da interação entre a análise quantitativa e outras variáveis indicam mais expressivamente o impacto dessa variável nas chances de publicação no grupo melhor *ranqueado*. Os valores são dados em termos de probabilidade marginal, que é ainda maior que a coautoria, apontando que a análise quantitativa é um determinante mais expressivo que a coautoria. Em 2008, Keim publicou um artigo visando a uma discussão mais empírica a partir da literatura que discute a noção de centro-periferia. Uma das contribuições da autora é que esse cenário que vemos nas revistas do índice, um discurso mais quantitativo que as demais,

(principalmente na *American Sociology Review* e na *American Journal of Sociology*) pode ser explicado pelo fato de que a ciência social estado-unidense está entre as mais desenvolvidas do mundo, tendo possivelmente a maior comunidade acadêmica. Esse cenário significa que há um público crítico dentro da região que é capaz de garantir o debate acadêmico. Dessa forma, a comunicação com outras regiões do globo não se torna tão relevante como em outras localidades. Essa situação pode evidenciar o porquê de essas revistas não estarem abertas a outros conteúdos, diferentemente de outros periódicos, como os do sorteio ou do sul/periferia, que apresentam maior distinção de assuntos.

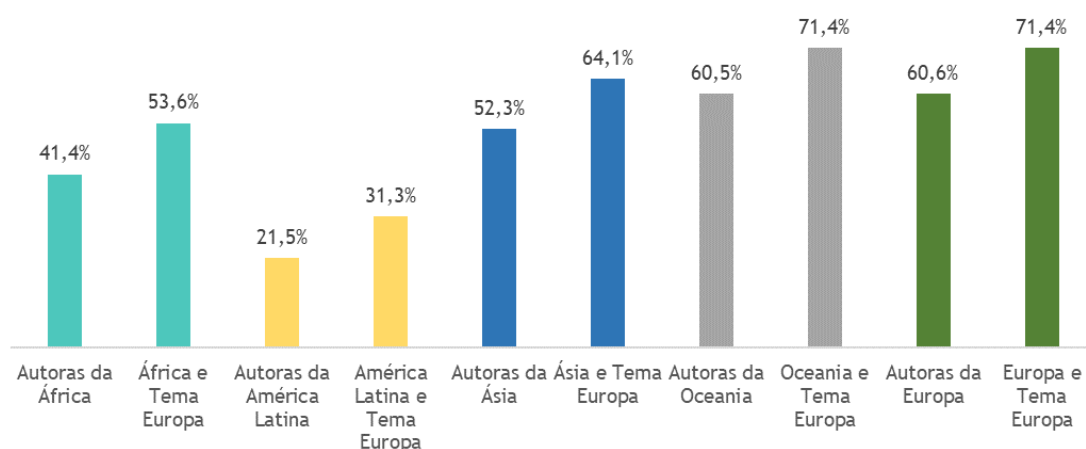
Gráfico 5.32 – Interação entre filiação da autora e análise quantitativa representada por probabilidade marginal



Fonte: Próprio autor

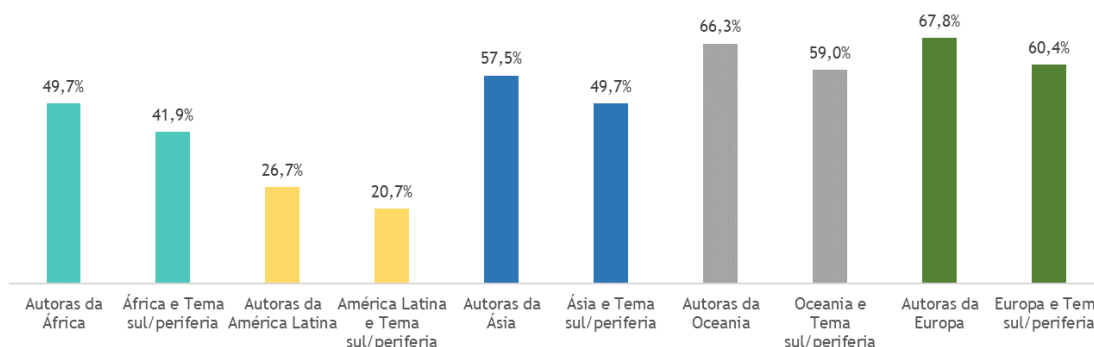
Em relação à presença de discussões sobre alguma nação ou localidade, investigamos esse cenário sob duas perspectivas: 1) publicações sobre a Europa ou acerca dos países do continente; 2) publicações sobre as nações do sul/periferia. O objetivo foi verificar se há um aumento na chance de publicação em relação à primeira e se há uma diminuição quanto à segunda. Em relação à primeira, Gráfico 5.33, vemos, a partir da probabilidade marginal, que a esta aumenta se as autoras dessas regiões abordarem a Europa ou algum país da região em seu artigo. Em contrapartida, confirma-se que debater sobre temas do sul/periferia diminui a probabilidade de publicar nos periódicos selecionados pelo índice; esse decréscimo é observado inclusive em autoras filiadas a instituições da Europa.

Gráfico 5.33 – Interação entre filiação da autora e conteúdo sobre a Europa representada por probabilidade marginal



Fonte: Próprio autor

Gráfico 5.34 – Interação entre filiação da autora e conteúdo sobre o sul/periferia representada por probabilidade marginal



Fonte: Próprio autor

Esses resultados salientam o que Hountondji (1990) chama de *extroversão*. Esse conceito é utilizado para se referir ao fato de que a produção acadêmica não é orientada para os pares locais ou para a própria sociedade, mas para um público ultramarino. A extroversão se manifesta na escolha de temas de pesquisa, no grau de generalização, que, de acordo com autor, são embasados no interesse do norte/periferia. É justamente isso que vemos na análise da temática e dos determinantes que a compõem, a mudança no conteúdo e o aumento da probabilidade ao abordar técnicas quantitativas ou a tratar de temas "globais" (europeus) faz

com que as autoras tenham mais chance de publicar nessas revistas de destaque. Esse cenário pode ser ainda mais bem observado ao se investigar as autoras da América Latina.

As análises desta seção nos mostraram diversas desigualdades quanto à produção científica. Primeiro, vimos a distinção entre os artigos no início da nossa investigação – 2004 até 2006 –, e, ao fim dela, os artigos passaram a ter menos associações teóricas e maior número de relação com estudos quantitativos e comparativos. Segundo, observamos que há uma diferenciação entre os conteúdos publicados nos períodos selecionados pelo índice e aqueles escolhidos por sorteio. Indo mais além, vimos que a distinção é maior quando observamos os artigos que citam, de alguma forma, as regiões da periferia/sul. A última análise, comparando as revistas do sul/periferia com as do norte/centro, mostrou-nos outras discrepâncias. Em suma, vimos duas situações: 1) os artigos quantitativos tornam-se mais frequentes à medida que os índices das revistas aumentam; 2) a publicação sobre o sul/periferia está inserida em um contexto de divisão desigual do conhecimento e de marginalidade, tornando-se ainda mais complicado de serem publicadas nos periódicos com maiores índices.

#### 5.2.2.3 Comparativo com revistas do sul/periferia

Com o objetivo de investigar se os assuntos variam nos artigos publicados nas revistas selecionadas em nosso estudo com revistas do sul/periferia, vamos analisar o conteúdo dos artigos publicados em seis revistas destas regiões. Os periódicos, com exceção do *African Sociological Review*, foram selecionados pela sua presença no *SCImago Journal & Country Rank*. Analisamos mais de 400 artigos entre 2014 e 2016.

Quadro 5.1 – Revistas do sul/periferia selecionadas para comparativo

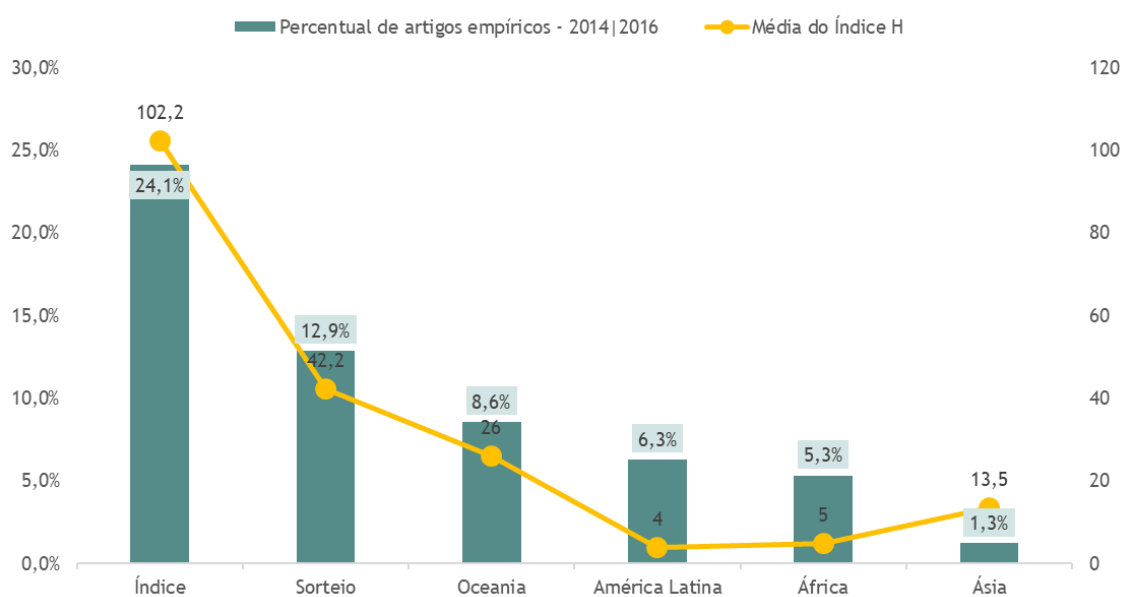
<b>Continentes</b>	<b>Índice H</b>
Periódico	
<b>África</b>	
<i>African Sociological Review</i>	Sem informação
<i>South African Review of Sociology</i>	5
<b>América Latina</b>	
<i>Revista Mexicana de Sociologia</i>	3
<i>Sociedade e Estado</i>	5
<b>Ásia</b>	
<i>Contributions to Indian Sociology</i>	17
<i>Asian Journal of Social Science</i>	10
<b>Oceania</b>	
<i>Australian Journal of Social Issues</i>	20
<i>Journal of Sociology</i>	32

Fonte: Próprio autor

Além da distinção temática, queremos observar o quão presente são as técnicas quantitativas nessas revistas. A tabela seguinte foi construída a partir dos artigos publicados entre 2014 e 2016. A construção foi realizada consoante a análise já citada anteriormente: seleção de alguns termos – *survey, level, regression, model, hypothesis, effect, empirical, cross, variable, test* e *estimate* – que aparecem ao menos três vezes.

O Gráfico 5.35 foi criado do percentual de artigos quantitativos. Nota-se que, com exceção da Ásia, há uma relação entre o índice H – e consequentemente a posição da revista no *ranking* de periódicos – e o percentual de estudos quantitativos. As revistas selecionadas pelo índice apresentam o dobro do percentual das sorteadas. Os percentuais de ambas são maiores que os dos periódicos das demais regiões do sul/periferia.

Gráfico 5.35 – Percentual de artigos quantitativos e índice H por categoria e localidade das revistas do sul/periferia



Fonte: Próprio autor e SCImago Journal & Country Rank

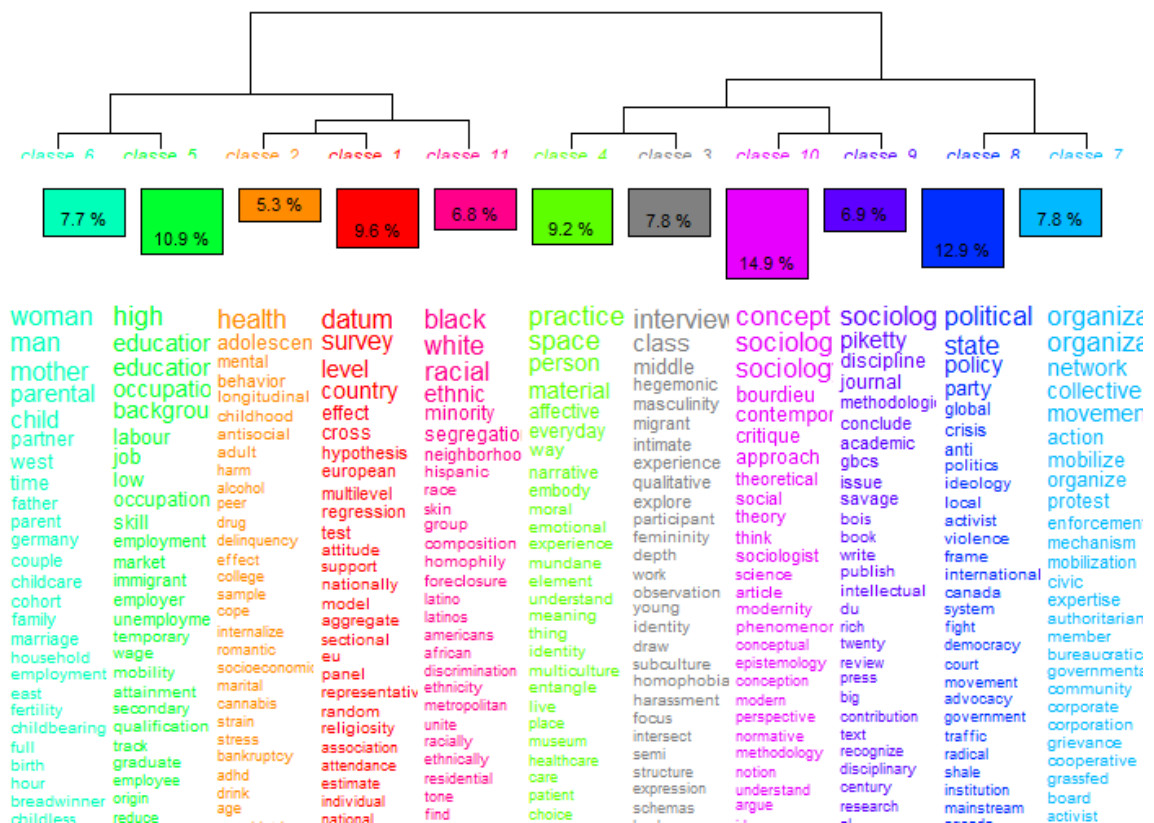
A investigação foi realizada por meio da análise de discurso do *Iramuteq*. Achemos pertinente manter a divisão entre os grupos investigados. A Figura 5.13 é a análise das revistas do índice e do sorteio entre 2014 e 2016. Na Figura 5.14, observamos as revistas do sul/periferia no mesmo período. Nota-se que a principal distinção está no que pontuamos acima: técnicas quantitativas. Além disso, o *software* dividiu o conteúdo abordado nos periódicos do índice e do sorteio em maior número de categorias; essa maior divisão pode estar atrelada ao maior número de periódicos, já que estamos analisando 10 em comparação com as seis revistas do sul/periferia. Sobre os estudos quantitativos, entre as 11 divisões realizadas pelo algoritmo do *Iramuteq*, vemos que cinco possuem relação com essas técnicas. A vermelha (classe 1) é aquela com os termos mais técnicos, ela está próxima de estudos raciais (classe 11), estudos de comportamento (classe 2), de artigos sobre educação e trabalho (classe 5) e de parentalidade (classe 6). A Figura 5.13 traz uma distinção clara entre conteúdos mais quantitativos e outros com maior uso de conceituações e teorias.

A Figura 5.14 foi construída a partir da investigação do conteúdo dos periódicos do sul/periferia e apresenta a mesma distinção observada na primeira análise: estudos quantitativos e artigos mais teóricos. A diferença é que os estudos empíricos estão atrelados a uma discussão de gênero e técnicas qualitativas, como entrevistas. O interessante dessa diferenciação é que as



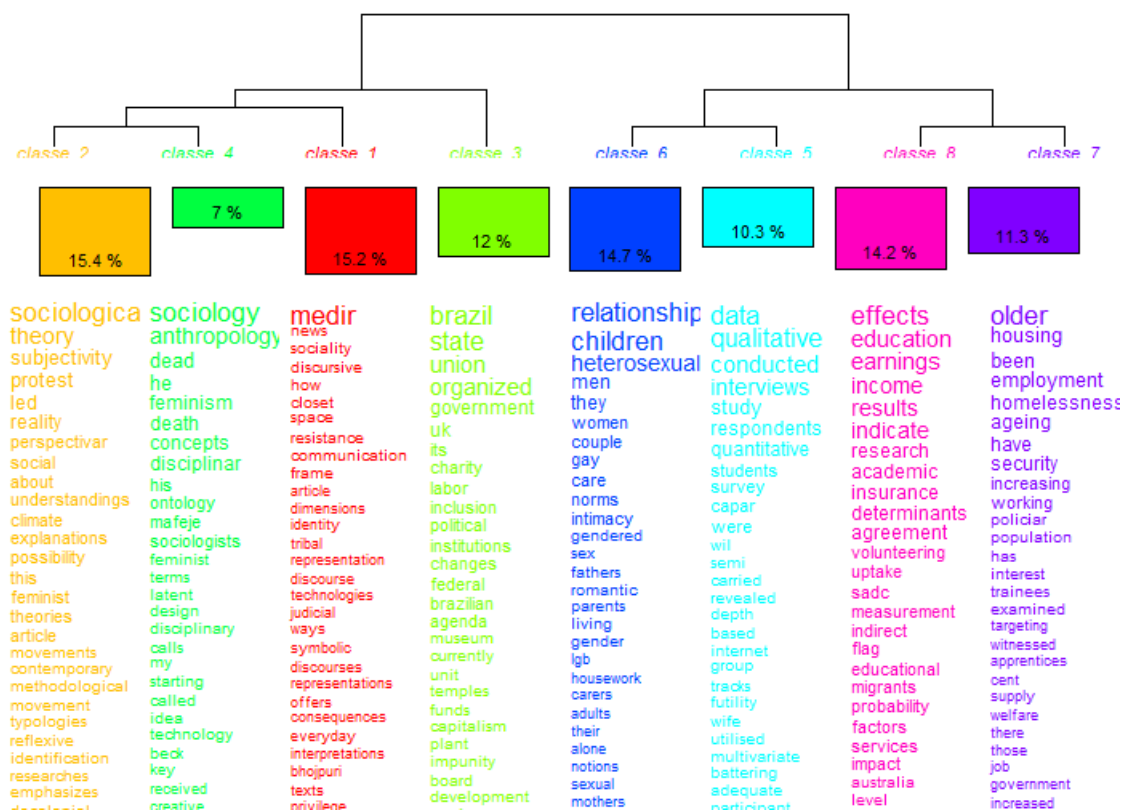
entrevistas também são observadas na Figura 5.13, contudo encontram-se mais próximas de uma discussão conceitual. Outra distinção entre as duas figuras é a presença de análises nacionais, nota-se que *Brazil* é o que aparece com maior frequência. Além disso, essas revistas apresentaram menções à antropologia, diferentemente dos artigos dos periódicos selecionados pelo índice ou sorteados.

Figura 5.13 – Grupos a partir do método Reinert das revistas selecionadas pelo índice e sorteio – 2014-2016



Fonte: Próprio autor

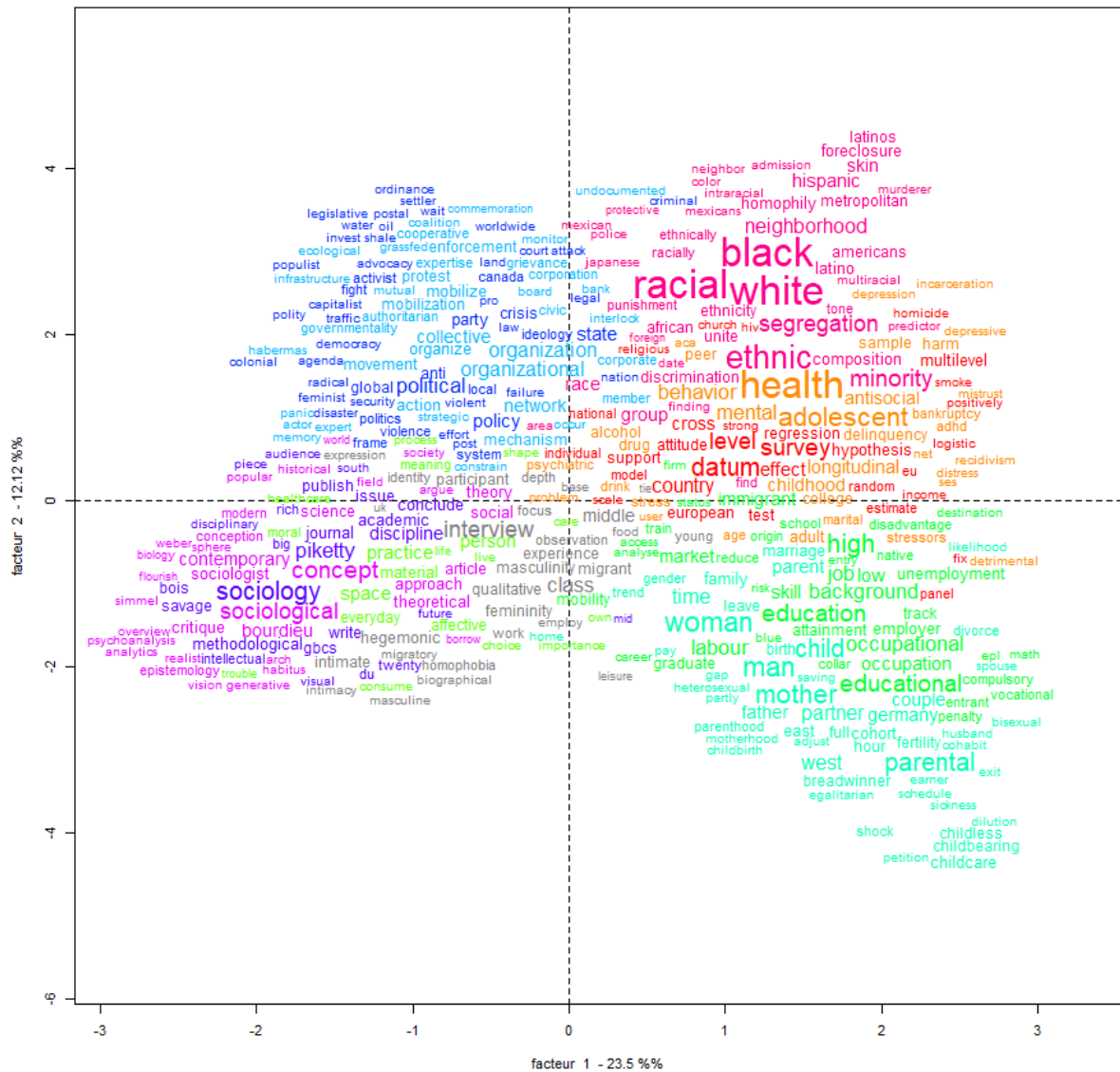
Figura 5.14 – Grupos a partir do método Reinert das revistas do sul/periferia – 2014-2016



Fonte: Próprio autor

De forma a compreender melhor a aproximação entre os termos, realizamos, também no *Iramuteq*, a análise no plano cartesiano. Entre 2014 e 2016, vemos, nas revistas do índice e do sorteio, comportamento semelhante ao que destacamos no início dessa análise. Estudos quantitativos são bastante utilizados, principalmente pela *European Sociological Review*, *American Sociological Review* e a *American Journal of Sociology*. Termos quantitativos podem ser vistos no lado direito em ambos os quadrantes; mais abaixo, associados com temas de gênero, parentilidade e educação; acima, com discussões raciais. Palavras como *interview* e *qualitative* estão no lado esquerdo, próximas de termos como *theoretical* e *theory*.

Figura 5.15 – Grupos a partir do método Reinert das revistas selecionadas pelo índice e sorteio (termos no plano cartesiano) – 2014-2016

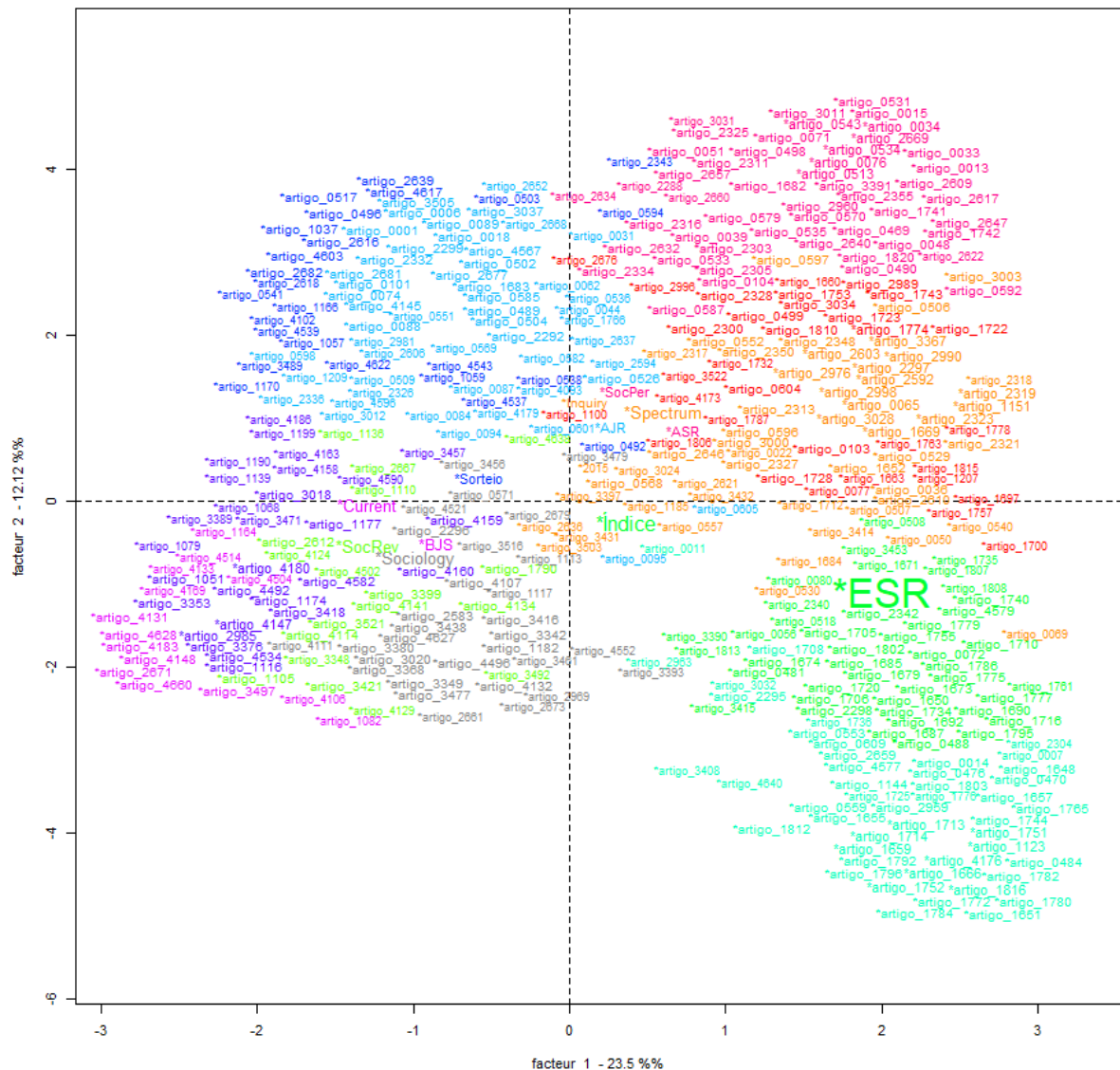


Fonte: Próprio autor

Ainda sobre as revistas selecionadas pelo índice ou sorteadas, a Figura 5.16 apresenta a posição dos periódicos. Como apontado, próximas dos termos mais quantitativos, estão as revistas *European Sociological Review*, *American Sociological Review* e a *American Journal of Sociology*. Além delas, vemos a *Spectrum*, *Inquiry* e *Sociological Perspectives*. Do outro lado da figura, a *Current* é a revista que mais se aproxima desse debate mais teórico, enquanto a *Sociology* é aquela mais próxima de termos qualitativos: *qualitative* e *biographical*, por

exemplo. Torna-se necessário lembrar que essas palavras estão presentes no resumo, dessa forma, as próprias autoras indicam que o estudo foi qualitativo.

Figura 5.16 – Grupos a partir do método Reinert das revistas selecionadas pelo índice e sorteio (categorias no plano cartesiano) – 2014-2016



Fonte: Próprio autor

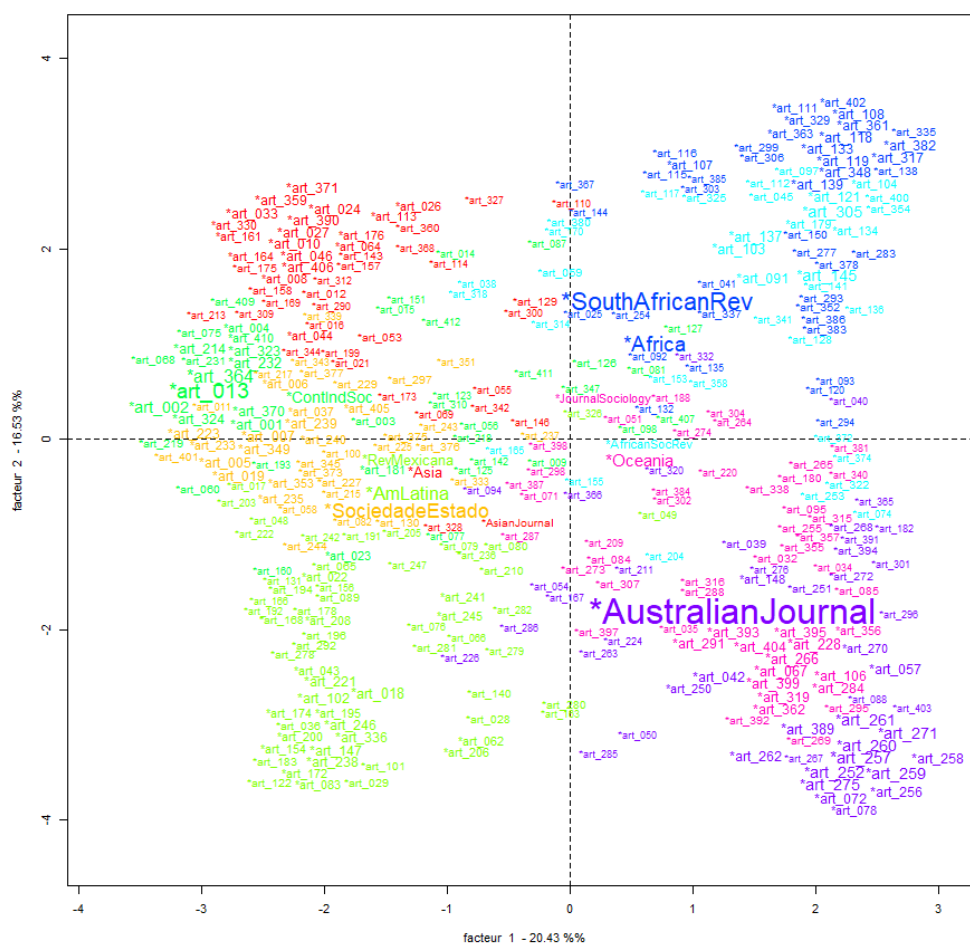
Nas revistas do sul/periferia, nota-se a aproximação entre as técnicas quantitativas e qualitativas. Há uma relação expressiva com estudos de gênero. No quadrante inferior esquerdo, vemos que estudos sobre o Brasil se distanciam dos demais. A presença do país elucida o debate



Fonte: Próprio autor

Para observar a posição dos periódicos, destacamos na Figura 5.18 as regiões nas quais eles se encontram. Vemos que o debate em torno da discussão de gênero associada com as técnicas qualitativas e quantitativas é movimentado pela *South African Review*. Discussões empíricas sobre educação e trabalho são promovidas pela *Australian Journal of Social Issues*. As outras revistas dessas regiões também estão próximas, assim, o debate quantitativo é visto principalmente nessas duas regiões, como destacamos no gráfico do início dessa discussão. A América Latina e a Ásia estão mais próximas do debate teórico, é na *Contributions to Indian Sociology* que vemos a relação entre Sociologia e Antropologia.

Figura 5.18 – Grupos a partir do método Reinert das revistas do sul/periferia (categorias no plano cartesiano) – 2014-2016



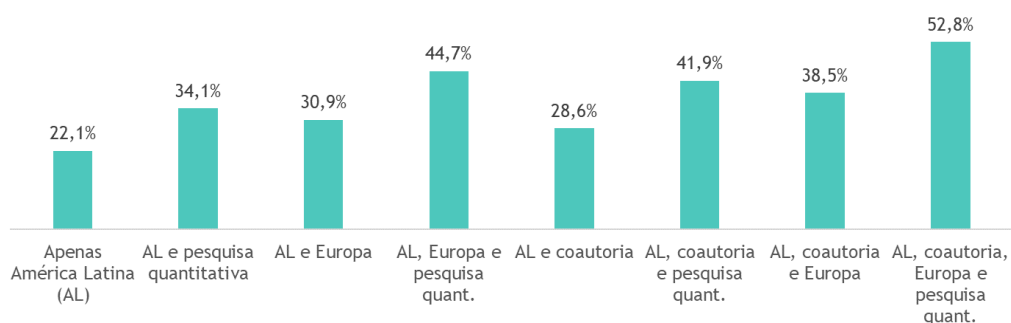
Fonte: Próprio autor

Os resultados encontrados nesse breve estudo comparativo apontam para uma disparidade quanto ao assunto e principalmente quanto ao uso de técnicas. Enquanto as revistas do índice fazem uso de técnicas quantitativas sem relação com qualitativas, há, nos periódicos do sul/periferia, essa relação, principalmente nas revistas da África. Periódicos australianos são aqueles com maior conformidade com as revistas do índice, e esse resultado pode ser compreendido pela relação do país com as revistas do Reino Unido, principalmente com a *European Sociological Review*, dada a proximidade temática. Além disso, a presença de estudos sobre países das localidades foi mais expressiva nos periódicos do sul/periferia, sinalizando que estudos "regionais" são mais aceitos nessas revistas. Dessa forma, há um abismo similar ao observado por Hanafi (2011). Pesquisadoras com formação predominantemente "internacional" tendem a estar mais inseridas nesse mercado, desse modo, publicam em revistas estudos exclusiva ou comparativamente sobre o norte/centro, enquanto que em revistas do próprio país realizam as publicações em caráter local. Hanafi (2011), em artigo sobre sistemas universitários do Leste Árabe, identificou uma diferenciação quanto ao tipo de instituição. Nas privadas, havia maior inserção em um debate internacional, já pesquisadoras de instituições públicas publicaram em periódicos locais sobre temas locais. A grande questão é a dificuldade de autoras árabes serem inseridas no debate internacional e o quão específica é a produção acadêmica local. Os artigos publicados nas revistas da região eram mais próximos da agenda local, porém eram imperceptíveis para o público internacional.

### 5.3 Determinantes

Na análise, vimos que a filiação, o *ranking*, a coautoria e a temática do artigo são os principais determinantes para a publicação nos periódicos selecionados pelo índice. Para investigar como esses elementos unidos aumentam a probabilidade de publicação nas revistas de impacto, vamos realizar uma série de cruzamentos. O Gráfico 5.36 foi produzido a partir das interações entre a filiação da autora, a coautoria e de abordar alguma localidade da Europa, representadas pela probabilidade marginal de publicar ou não em periódicos de expressão. Vemos que a probabilidade aumenta à medida que as variáveis são inseridas. A probabilidade marginal de um autor da América Latina publicar é de 22%. Ela aumenta para 34% se a pesquisa for empírica. Para 44%, se for empírica e sobre a Europa. Para 52%, se for em coautoria, empírica e sobre a Europa.

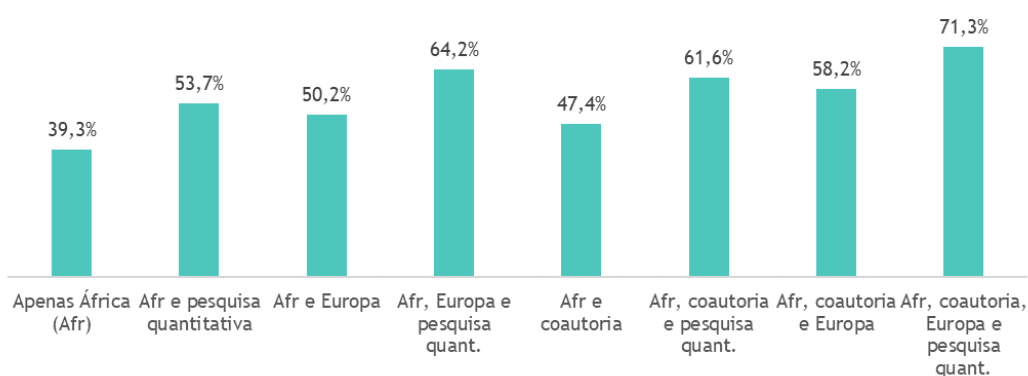
Gráfico 5.36 – Interação entre filiação à América Latina, coautoria, pesquisa quantitativa e conteúdo sobre a Europa representada por probabilidade marginal



Fonte: Próprio autor

Resultados semelhantes ocorrem na África. A probabilidade marginal de uma autora da região publicar é de 39,3%. Esse número aumenta para 71,3% em caso de trabalhos sobre a Europa embasados em técnicas quantitativas e em coautoria. Em comparação com a América Latina, o cenário da África é mais favorável. Isso acontece pela presença da África do Sul e de publicadoras da *The American University in Cairo*. Em ambos os casos, o idioma surge como um facilitador para a publicação nas revistas de impacto, destacando ainda mais a disparidade envolvendo as autoras latino-americanas.

Gráfico 5.37 – Interação entre filiação à África, coautoria, pesquisa quantitativa e conteúdo sobre a Europa representada por probabilidade marginal



Fonte: Próprio autor

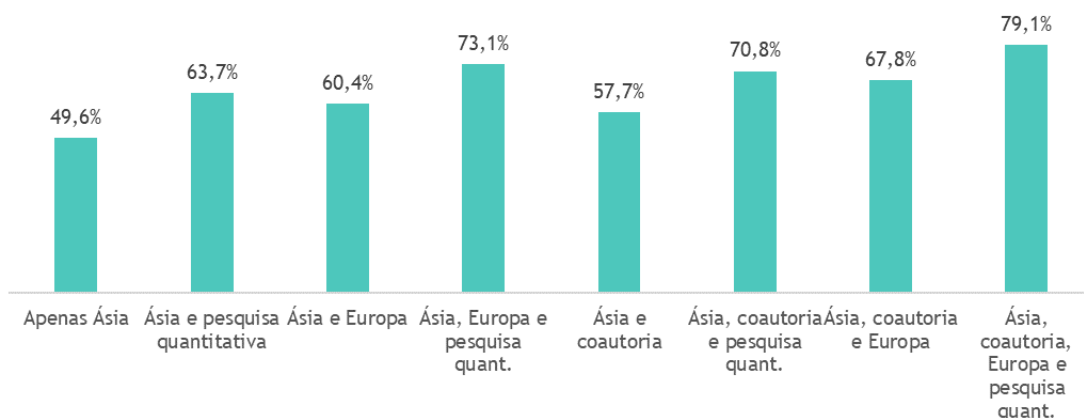


Para compreender esse cenário, Keim (2008) apresenta a noção de marginalidade. A autora aponta que mesmo com as questões negativas que envolvem a bibliometria ou o estudo a partir dos índices, a investigação da produção acadêmica por meio desses bancos de dados é pertinente como um indicador de centralidade-marginalidade para compreender a visibilidade de uma determinada área. É justamente essa marginalidade que observamos ao verificar a posição das autoras da África e da América Latina, onde a probabilidade de publicação diminui se abordar apenas a sua localidade e aumenta se trouxer discussões sobre a Europa. Lembrando que as revistas escolhidas são aquelas que abordam qualquer temática e qualquer país. Assim, esse conceito, conforme citado por Keim (2008, p.30):

Também se refere à função que as comunidades acadêmicas desempenham dentro produção global de conhecimento. Hountondji aponta para uma divisão global desigual de trabalho, que remonta ao período colonial e paralela econômica e geopolítica estruturas centro-periferia (HOUNTONDI, 2001/02). SF Alatas diferencia três níveis: '1. A divisão entre trabalho intelectual teórico e empírico. 2.) A divisão entre estudos de outros países e estudos de próprio país. 3.) A divisão entre estudos de caso comparativos e únicos '(2003, p. 607). De acordo com hierarquias do conhecimento geralmente aceitas (GAILLARD & SCHLEMMER, 1996, p.128), a ciências sociais do sul global produzem principalmente conhecimentos nos níveis inferior a sensação de que eles lidam com problemas locais em um nível baixo de abstração e generalização, enquanto o norte detém quase o monopólio de prestígio investigação comparativa e construção de teoria geral, isto é, a integração social mais conhecimento de ciências (SITAS, 2006). (Tradução nossa).

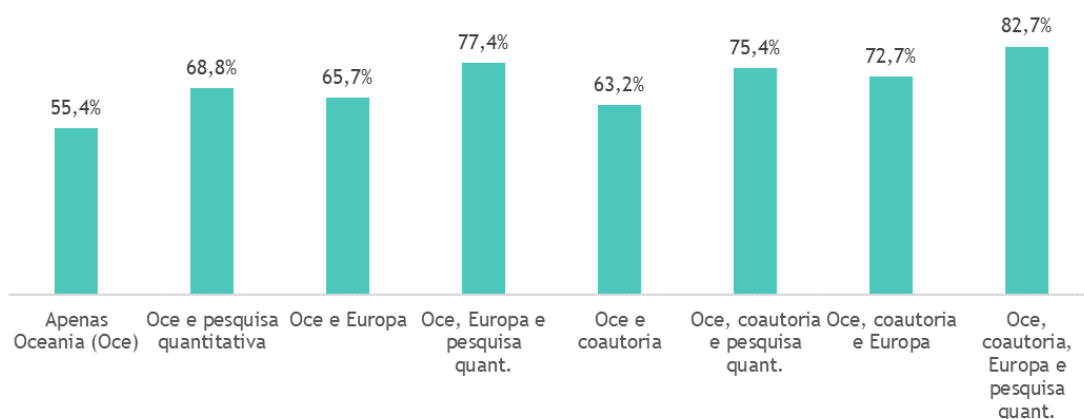
No caso da Ásia, a presença da China, Coreia do Sul e Israel impactam esse cenário de forma significativa. Para os dois primeiros países, esse fator está associado aos *rankings* de instituições. Vimos que essa variável impacta de forma considerável a chance de publicação. Em relação à Oceania, tanto o idioma quanto a aproximação devido à colonização são fatores determinantes para que autoras desse continente publiquem nas revistas do Reino Unido. A similaridade também foi observada na análise dos temas dos periódicos da Austrália, quando observamos que artigos na *Australian Journal of Social Issues* e na *Journal of Sociology* possuem conteúdos próximos dos publicados na *European Sociological Review*. Dentre as regiões do sul/periferia, as autoras da Oceania são aquelas com maior probabilidade de publicação nas revistas de impacto.

Gráfico 5.38 – Interação entre filiação à Ásia, coautoria, pesquisa quantitativa e conteúdo sobre a Europa representada por probabilidade marginal



Fonte: Próprio autor

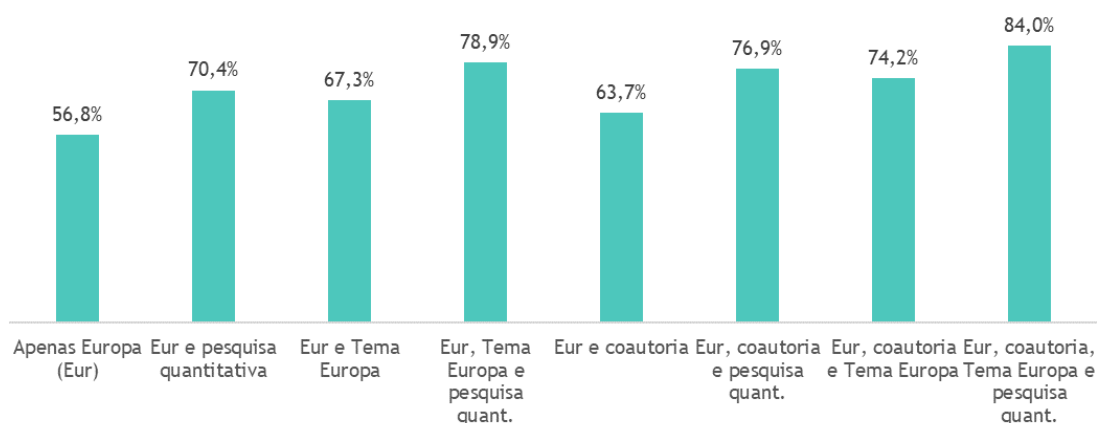
Gráfico 5.39 – Interação entre filiação à Oceania, coautoria, pesquisa quantitativa e conteúdo sobre a Europa representada por probabilidade marginal



Fonte: Próprio autor

Em relação as autoras da Europa, vemos, a partir das interações das variáveis sendo representadas pela probabilidade marginal, que só de ser da localidade já detêm uma probabilidade alta: 57%. Esse valor sobe para 84% se o artigo for em coautoria, sobre o continente de alguma forma e embasado em pesquisa quantitativa. Esses resultados evidenciam ainda mais as discussões em torno da posição de centralidade ocupada por essa região e de marginalidade por as autoras do sul/periferia.

Gráfico 5.40 – Interação entre filiação à Europa, coautoria, pesquisa quantitativa e conteúdo sobre a Europa representada por probabilidade marginal

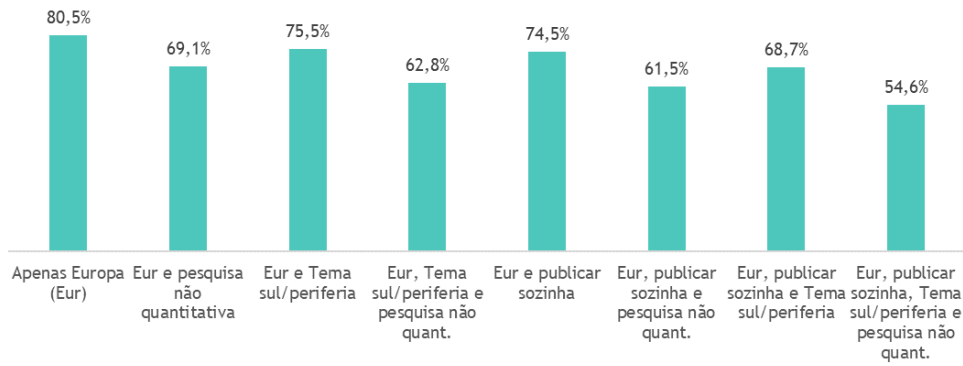


Fonte: Próprio autor

Esse cenário de concentração da publicação nas autoras europeias juntamente com autoras estadunidenses é ainda mais evidente quando observamos a probabilidade marginal ao adicionar o *ranking* de instituições na análise. A probabilidade marginal de autoras filiadas a instituições europeias publicarem é 52%. Esse valor sobe para 92% se a instituição for *top 100*, o artigo for em coautoria, sobre a Europa e embasado em técnicas quantitativas. Da mesma forma que na Europa, a probabilidade marginal de autoras filiadas a instituições da Ásia também aumenta, passando de 48% (apenas autoras filiadas a instituições asiáticas) para 90% (autoras filiadas a instituições asiáticas do *top 100* publicando em coautoria sobre a Europa e embasando seu artigo em técnicas quantitativas). No caso da Oceania, a probabilidade marginal passou de 53% para 91%. Importante frisar que no caso da América Latina e da África não há instituições nas primeiras 100 posições. A primeira da América Latina encontra-se na categoria 151-200 e a primeira da África na categoria 201-300. Realizamos análises a partir dessas categorias, conquanto os resultados não apresentam uma diferenciação na probabilidade marginal. Essa situação pode ser compreendida pelos obstáculos encontrados por essas instituições e pelas autoras para a publicação nessas revistas.

Em relação aos determinantes que influenciam negativamente a publicação, analisamos a probabilidade marginal de publicar sozinho, de abordar localidades do sul/periferia e de não ter técnicas quantitativas nos artigos. Os resultados seguintes mostram o impacto desses determinantes em autoras da Europa. A probabilidade marginal de uma autora filiada a instituições europeias é de 80,5%, mas diminui para 54% se a publicação for realizada individualmente, sem o uso de pesquisas quantitativas e o tema abordar países do sul/periferia.

Gráfico 5.41 – Interação entre filiação à Europa, publicar sozinho, pesquisa não quantitativa e conteúdo sobre o sul/periferia representada por probabilidade marginal



Fonte: Próprio autor

## 6 Discussões

Os resultados encontrados ao longo do estudo apontam para as desigualdades globais no processo de circulação do conhecimento. Essas diferenças surgem nos próprios critérios de coleta e avaliação utilizados pelos *rankings*. A presença massiva de revistas da Europa e América do Norte no *ranking* de periódicos indica a concentração nessa circulação. Contudo, sinaliza também a posição marginal ocupada pelas revistas localizadas no sul/periferia. A sub-representação dessas regiões não significa que elas apresentam um subdesenvolvimento real no setor de publicações acadêmicas, mas que elas não são consideradas “internacionais” ocupando, assim, posição marginal na produção.

Além da inexpressividade das revistas dessas localidades nos repositórios que criam o *ranqueamento* dos periódicos (*SCImago*, *JCR* e outros), os critérios utilizados para a classificação reforçam ainda mais as desigualdades regionais na produção científica. O uso das citações e artigos para criação de índices que mensuram o impacto de uma revista e, conseqüentemente, seu posicionamento, privilegiam, ainda mais, as revistas de língua inglesa situadas na América do Norte e Europa. Não apenas o idioma, mas o campo científico também impacta a concentração da circulação de conhecimento, em que periódicos mensais de língua inglesa da área de biológicas possuem vantagem em relação às revistas de Sociologia em português que publicam anualmente. O estudo a partir da análise bibliométrica apresenta problemas para a compreensão da produção de países do sul/periferia em relação aos do norte/centro; no entanto, seu uso é fundamental para assimilar a noção de marginalidade na qual as autoras do sul/periferia estão inseridas.

As desigualdades quanto ao processo de circulação de conhecimento ficam mais evidentes quando vamos além da análise bibliométrica. Por mais que os bancos de revistas e os *rankings* de instituições apresentem problemas quanto aos seus critérios, eles são utilizados para embasar políticas públicas. Os periódicos, visando à manutenção do seu prestígio científico, este construído a partir de posições elevadas no *ranking* de revistas, buscam por artigos que tenham conteúdos capazes de atrair maior número de citações com o objetivo de aumentar o índice e sua posição. Essa busca faz com que haja uma mudança quanto ao conteúdo das publicações. Grande parte das universidades, principalmente aquelas que ocupam posições de referência nos *rankings* de instituições, visam, assim como os periódicos, a melhores classificações. Essa busca faz com que haja um aumento de artigos e de citações, já que ambas

são métricas utilizadas pelos *rankings* tanto de periódicos quanto de instituições. Essas universidades que almejam maiores posições buscam por artigos em revistas de alto impacto, visto que são elas que atraem maior possibilidade de citações ao mesmo tempo que divulgam o trabalho de pesquisadoras das instituições. Essa visibilidade fomenta a migração, o que ocasiona a movimentação da economia, dadas as elevadas taxas de cobrança para estudantes estrangeiras, ou gera maiores investimentos vindos do governo ou de iniciativas privadas.

Nossa principal hipótese para o estudo era de que a posição da instituição de ensino no *ranking* de universidades é o que mais afeta a publicação nos periódicos de impacto. Os dados confirmam essa hipótese e apontam que a influência mútua entre *rankings* de periódicos e *rankings* de instituições molda a lógica da produção científica nas ciências sociais hoje. A chance de publicar estando filiado a uma instituição que ocupa as 50 primeiras posições é quatro vezes maior do que estando em posições mais distante do topo. Essa chance pode ser ainda maior em revistas com alto volume de citações, tal como a *Science* ou a *Nature*, visto que, se isso ocorre em um campo onde ainda há menores quantitativos de citações, nessas revistas ou na área de saúde ou biológicas, esse cenário pode ser ainda mais expressivo.

A filiação também traz apontamentos relevantes. Quando comparamos as autoras filiadas às instituições da América Latina com autoras estadunidenses, vimos que a chance de as latino-americanas publicarem nas revistas de impacto é de 83% a menos do que as primeiras. Autoras africanas possuem 49% e asiáticas 20% a menos de chances de publicação. O valor da Ásia só não é mais negativo devido às posições de destaque ocupadas por autoras de Israel, China e Japão, que apresentam publicações nas revistas dos índices. O interessante da análise quanto à filiação é que vimos uma relação com o comitê editorial. A presença de um editor no comitê de uma revista faz com que ela tenha mais visibilidade no país/região do editor, além de auxiliar no convite para submissões ou para pareceres. A *Current*, uma das revistas sorteadas, é a que apresenta maior abertura regional, sendo a principal revista para autoras do sul/periferia.

A segunda hipótese, de que as técnicas quantitativas aumentam a chance de publicação, também pôde ser confirmada. Artigos baseados nessas técnicas passaram a ser mais frequentes com o passar dos anos, além disso, há uma diferenciação significativa entre as revistas do índice daquelas que selecionamos por sorteio. Para compreender esse fenômeno, tratamos um artigo como quantitativo se ele apresentasse ao menos três palavras que são frequentemente associadas com esses estudos - *survey*, *level*, *regression*, *model*, *hypothesis*, *effect*, *empirical*, *cross*, *variable*, *test* e *estimate*. Enquanto as revistas escolhidas pelo índice

apresentam 24% dos artigos com técnicas quantitativas, as do sorteio apresentam metade. Esse percentual foi ainda menor quando analisadas as revistas do sul/periferia. Isso mostra como esses periódicos estão moldados para uma publicação mais empírica, possivelmente associados a temas que provavelmente possibilitam maior número de citações em curto prazo.

A terceira hipótese também pôde ser confirmada. Estudos locais do sul/periferia tem menor chance de publicação nessas revistas. A probabilidade marginal de uma autora da América Latina publicar nos periódicos do índice é de 26,7%. Esse valor diminui para 20,7% se publicar sobre alguma localidade do sul/periferia. Resultados semelhantes são observados nas demais regiões, inclusive na Europa, onde a chance de autoras dessa localidade é de 67,8% e diminui para 60,4% se tratam apenas do sul/periferia. Essa hipótese fez com que pesquisássemos a probabilidade marginal de publicação caso o artigo apresentasse menção a alguma localidade da Europa. O que vimos é que a chance de autoras da América Latina publicarem passou de 21,5% para 31,3% se abordarem a Europa. Dessa forma, estudos comparativos são uma alternativa para que a publicação seja realizada. Esses resultados podem ser compreendidos a partir da noção de *extroversão* utilizada por Hountondji (1990). O autor destaca que a publicação acadêmica é orientada não para os pares locais ou para a própria sociedade, mas para um público ultramarino. Essa noção se manifesta no grau de generalização dos trabalhos e no próprio tema de pesquisa. Ambos são embasados no interesse do norte/periferia em um tema "global". É justamente esse fenômeno que vemos ao observar o aumento da probabilidade marginal a tratar de temas "globais" (Europa) ou no uso de técnicas quantitativas.

A coautoria tem papel interessante para a publicação nos periódicos dos índices. Vimos que a probabilidade marginal aumenta se a publicação for realizada em coautoria, dessa forma, para que autoras do sul/periferia tenham mais chance de publicação, a coautoria também é uma alternativa. A probabilidade marginal de autoras da África publicarem é de 40,2% e essa probabilidade aumenta para 49,6% se for realizada em coautoria.

Os determinantes servem como insumo pertinente para o debate em torno da circulação de ideias, principalmente quando os atrelamos à marginalidade ocupada por autoras do sul/periferia. A probabilidade marginal de uma autora latino-americana publicar é de 22% e essa probabilidade aumenta para quase 53% se ela publicar em coautoria, sobre a Europa e usando técnicas quantitativas. Esse cenário expõe ainda mais as desigualdades da produção do conhecimento. Também aponta para o eurocentrismo, para o imperialismo acadêmico e para a

dependência acadêmica, tendo em vista a influência do norte/centro nas autoras e localidades do sul/periferia a partir de uma lógica de conhecimento.

Para próximos estudos, uma análise que se torna interessante é observar a probabilidade marginal das regiões dentro da Europa visando identificar o quão expressiva é a diferença na publicação de autoras da Europa Oriental em comparação com a Oriental.

Nossa discussão se insere no debate em torno da circulação de ideias e de pessoas. Heilbron, Guilhot e Jeanpierre (2008) destacaram a formação de instituições disciplinares internacionais e a migração de intelectuais e cientistas como um dos três elementos essenciais para a construção de uma história da Sociologia transnacional. A partir dessas variáveis, o terceiro elemento seria as instituições não disciplinares – fundações, agências ou organizações não governamentais –; a Sociologia passa a ter caráter de ciência global pós Segunda Guerra Mundial. Essa guinada, de acordo com os autores, é referenciada a partir de instituições como UNESCO e ISA, além da disseminação de modelos teóricos do norte/centro para as demais localidades. É nesse sentido que vemos a produção hoje em dia: a concentração de ideias eurocêntricas ainda é observada, principalmente quando investigamos a diferença no conteúdo das publicações de autoras da periferia/sul com os do centro/norte, e não apenas isso, como as revistas consideradas de destaque possuem os estudos quantitativos como uma necessidade para sua publicação. Raewyn Connel (2007) atrela os estudos empíricos a resultados dos trabalhos científicos realizados no norte/centro, ao mesmo tempo que adiciona que grande parte dos conceitos e teorias utilizados na Sociologia global são dessas regiões.

Por mais que esses resultados destaquem a circulação de ideias e pessoas concentrando ainda mais na produção do norte/centro, há fluxos entre regiões do sul/periferia, tal como o estudo de Vélez-Cuartas *et all* (2016) sobre o *SciELO* ressalta. Além disso, a teoria da dependência, segundo Maia (2017), é um exemplo de como teorias e conceitos do sul/periferia afetam a produção hegemônica. A própria Connel (2007) apresenta tradições sociológicas construídas no sul/periferia como alternativa para essa concentração. Fernanda Beigel (2013a) organizou um livro em que analisa a construção de espaços regionais de produção entre as décadas de 1950 e 1970 nas regiões ao sul da América do Sul. O interessante da produção de Beigel é o reconhecimento do eurocentrismo e do impacto da produção das regiões hegemônicas nos países do sul/periferia, contudo salienta que isso não impossibilitou a construção de espaços independentes na América do Sul e nem impediu a formação de centros para circulação de conhecimento. Ademais, Beigel vai além do debate promovido por Heilbron,



Guilhot e Jeanpierre (2008) reconhecendo a produção do sul/periferia, não vendo apenas o impacto do norte/centro sobre essas regiões.

Esse fluxo sul-sul surge como alternativa para maior conhecimento das publicações dessas regiões, além disso, esse cenário tem potencial de sofrer transformações diante das proposições que estão sendo discutidas pela Associação Internacional de Sociologia. A associação conta com o projeto *Facing an Unequal World*, que traz reflexões quanto à internacionalização das ciências sociais e como sua expansão, a partir da relação de dominação, está sendo realizada. Revistas como a *Current* também são alternativas para o enfrentamento dessas desigualdades, diante da sua capacidade de ser cosmopolita. Contudo, mesmo diante das possibilidades é preciso problematizar ainda mais para o uso desses critérios como embasamento de políticas públicas, pois eles reforçam ainda mais as desigualdades da produção e circulação de conhecimento.

Há a necessidade de discutir a formação metodológica dos cursos de Sociologia dos países do sul/periferia. Acreditamos que essa educação é um dos fatores que aumentam a chance de publicação nas revistas do topo, vide a presença massiva de autoras do Estados Unidos, país em que há uma formação bem expressiva no quesito metodológico, com ênfase tanto em metodologias quantitativas quanto qualitativas (variando por departamento). Em relação ao Brasil, Ignacio Cano (2016) apresenta uma provocação interessante sobre o ensino de metodologia no Brasil em que aponta que há um destaque excessivo no estudo dos clássicos, enquanto a pesquisa empírica fica em segundo plano. A formação brasileira ainda apresenta um enfoque muito grande nos discursos teóricos sem que haja um debate expressivo sobre métodos e técnicas que melhor se adequem a cada estudo.

As contribuições apresentadas nesse estudo, tanto a análise bibliométrica quanto os determinantes, buscaram destacar que as desigualdades no processo de circulação de conhecimento surgem desde os critérios. Além disso, visaram fornecer insumos para outras produções em torno da circulação de conhecimento dentro da Sociologia e de outras áreas. As informações apontam a centralidade de publicadores da Europa e América Norte. Essa hegemonia foi observada a partir da forte presença de autoras dessas localidades publicando nos periódicos de impacto, do uso de técnicas quantitativas e do aumento da chance de publicação de artigos que abordam localidades hegemônicas. Essa reprodução, que teve como principal mudança a frequência de técnicas quantitativas, destaca a marginalidade das autoras do sul/periferia e as estruturas que dificultam a publicação das pesquisadoras dessa localidade.

Os obstáculos que antes estavam atrelados à linguagem e ao campo de estudo, agora estão associados ao *ranking* de instituições, ao uso de técnicas quantitativas e à menção às localidades do centro/periferia.

## Referências Bibliográficas

- ADUnB. **Dobra índice que mede relevância científica das pesquisas da UnB**. Disponível em: < <http://www.adunb.org.br/novo/dobra-indice-que-mede-relevancia-cientifica-das-pesquisas-da-unb/>> Acesso em: 11 de junho. 2018.
- Alatas S.H. (2006). **The autonomous, the universal and the future of sociology**. *Current Sociology*, v. 54, p. 7-23.
- ALATAS, S. F. **Academic Dependency and the Global Division of Labour in the Social Sciences**. *Current Sociology*, v. 51, n. November, p. 599–613, 2003.
- ALATAS, S. H. **Intellectual imperialism. Definitions, threats and problems**. *Southeast Asian Journal of Social Sciences*, v. 28 (1), p. 23--45, 2000
- ALATAS, S.F. **Reconstructing sociology from the global periphery**. ISA World Congress of Sociology, Gothenburg, 2010.
- ALATAS, S.H. **The captive mind and creative development**. *International Social Science Journal*, vol. XXVI, p. 691-700, 1974.
- AMMON, U. **The hegemony of English**. In: *World Social Science Report 2010*. Paris: UNESCO Publishing, p. 154–155, 2010.
- ANTUNES, A. A. et al. **Como avaliar produção científica**. *Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões*, v. 42, n. suppl 1, p. 17-19, 2015.
- ARAÚJO, R. M., AZEVEDO, A. K., VIEIRA, L. L. & NASCIMENTO, T. C. **Periódicos em ação: um estudo exploratório-bibliométrico na área de Administração, Ciências Contábeis e Turismo**. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 19, n. 1, p. 90-114, 2014.
- BADAT, S. **The word-class university and the global South**. In: \_\_\_\_\_. *World Social Science Report 2010*, Cap 7, p. 245-247, 2010
- BEIGEL, F. **Centros e periferias na circulação internacional do conhecimento**. Disponível em: < <http://nuso.org/articulo/centros-e-periferias-na-circulacao-internacional-do-conhecimento/#footnote-18>> Acesso em: 27 de julho. 2018, 2013a.
- BEIGEL, Fernanda. **Introduction: the politics of academic autonomy in Latin America**. In: Beigel, Fernanda. *The politics of academic autonomy in Latin America*. Farnham: Ashgate. 2013b.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BYUN, K., JON, .J. & KIM, D. **Quest for building world-class universities in South Korea: outcomes and consequences**. *Higher Education*, v. 65, p. 645-659, 2013.

CANO, I. **Nas trincheiras do método: o ensino da metodologia das ciências sociais no Brasil**. Sociologias, ano 14, nº31, p. 94-119, 2012.

CONNELL R. W. Southern theory. **The global dynamics of knowledge in social science**, Cambridge, Polity Press. 2007.

CONNELL, R.W. **Northern theory: the political geography of general social theory**. Theory and Society, v.35, n.2, p. 237-264, 2006.

COSTAS, R., VAN LEEUWEN, T. N. & VAN RAAN, A. F. J. **Measuring use and creation of open educational resources in higher education**. Journal of the American Society for Information Science and Technology, v. 61, n. 2, p. 329–339, 2010.

DEEM, R., MOK, K. H. & LUCAS, L. **Transforming Higher Education in Whose Image? Exploring the Concept of the "World-Class" University in Europe and Asia**. Higher Education Policy, v.21, n.1, p. 83-97, 2008.

DUDZIAK, E.A. **Como ser uma universidade de classe mundial (*world class university*)**. Disponível em: <<http://www.sibi.usp.br/noticias/universidade-classe-mundial-world-class-university/>> Acesso em: 30 de julho, 2018.

ENAGO ACADEMY. **O que é o Eigenfactor e qual sua relevância na avaliação de periódicos?**. Disponível em: < <http://www.enago.com.br/blog/eigenfactor/>> Acesso em: 22 de julho. 2018.

ERKKILÄ, T. & PIIRONEN, O. **Politics and numbers: the iron cage of governance indices**. Ethics and Integrity in Public Administration: Concepts and Cases. Armonk, NY, M. E. Sharpe, p. 125–45, 2009.

GINBRAS, Y. & MOSBAH-NATANSON, S. **Where are social sciences produced?** Disponível em:<http://www.worldsocialscience.org/documents/where-are-the-social-sciencesproduced.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2017, 2010

GLÄNZEL, W.; MOED, H. F. **Journal impact measures in bibliometric research**. Scientometrics, v. 53, n. 2, p. 171-193, 2002. Disponível em: <<http://www.springerlink.com/content/0prnbd5xaxcwf7gt/fulltext.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

GOOGLE SCHOLAR CITATIONS. **382 Highly Cited Researchers (h>100) according to Google Scholar Citations**. Disponível em: < [http://www.ee.cityu.edu.hk/~gchen/pdf/Highly%20Cited%20Researchers%20\(h=100\).pdf](http://www.ee.cityu.edu.hk/~gchen/pdf/Highly%20Cited%20Researchers%20(h=100).pdf)> Acesso em: 27 de junho. 2018.

GUIMARÃES, S. **Produção do conhecimento científico e inovação: desafios do novo padrão de desenvolvimento**. Caderno CRH, v. 24, n.63, p. 461-466. 2011.

HEILBRON, J. **The social sciences as an emerging global field**. Current Sociology, v.62, n.5, p.685-703, 2014.

HEILBRON, J., GUILHOT, N. & JEANPIERRE, L. **Toward a transnational history of the social sciences.** *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, v.44, n.2, p.144-160. 2008.

HOUNTONDJI P.J. **Le savoir mondialisé: déséquilibres et enjeux actuels.** La mondialisation vue d'Afrique, Université de Nantes/Maison des Sciences de l'Homme Guépin, 2001/2002.

HOUNTONDJI P.J. **Scientific dependence in Africa today.** *Research in African Literatures*, vol. 21, 3, pp. 5-15, 1990.

HOUNTONDJI, P. J. **Knowledge of Africa, knowledge by Africans: Two perspectives on African studies.** *RCCS Annual Review.* A selection from the Portuguese journal *Revista Crítica de Ciências sociais* 1, 2009.

KEIM, Wiebke. **Conceptualizing circulation of knowledge in the social sciences.** In: Keim, Wiebke et al. (Org.). *Global knowledge production in the social sciences: made in circulation.* Farnham: Ashgate, 2014.

KEIM, Wiebke. **Pour une modèle centre-périphérie dans les sciences sociales: aspects problématiques des relations internationales en sciences sociales.** *Revue des Anthropologies des Connaissances*, v.4, n.3, p.570-598, 2010.

KEIM, Wiebke. **Social sciences internationally: the problems of marginalization and its consequences for the discipline of sociology.** *African Sociological Review*, v.12, n.2, p.22-48, 2008.

LARIVIÈRE, V., GINGRAS, Y., & ARCHAMBAULT, É. **The decline in the concentration of citations, 1900–2007.** *Journal of the Association for Information Science and Technology*, v. 60(4), p. 858-862. 2009.

LEYDESDORFF, L. **Can networks of journal-journal citations be used as indicators of change in the social sciences?.** *Journal of Documentation*, v. 59, n.1, p. 84-104. 2003.

LEYDESDORFF, L., WAGNER, C. S. & BORMANN, L. **The European Union , China , and the United States in the Top-1 % and Top- 10 % Layers of Most-Frequently-Cited Publications : Competition and Collaborations.** *Journal of Informetrics*, p. 1-29. 2014.

LEYDESDORFF, Loet et al. **Citations: indicators of quality? The impact fallacy.** *Frontiers in Research Metrics and Analysis*, p. 1-26, 2016.

MA, J. C & B.M. **The Global Research and the “World-Class” Universities.** In:\_\_\_\_\_. *Institutionalization of world-class university in global competition*, Cap 2, p. 17-32, 2012.

MAIA, João Marcelo Ehlert. **História da sociologia como campo de pesquisa e algumas tendências recentes do pensamento social brasileiro.** *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.24, n.1, p.111-128, 2017.

MARTÍN, E. **Making sociology current through international publication: a collective task.** *Current Sociology*, v.60, n.6, p.832-837, 2012.

- MARTINS, C. B. **Notas sobre a formação de um sistema transnacional de ensino superior.** Caderno CRH, p. 291-308, 2015.
- MARTINS, P.H. **A ALAS e a sociologia transnacional na América Latina.** Boletín Onteaiken, n.20, p. 1-9, 2015.
- NEDERHOF, A. J., VAN LEEUWEN, T. N. & VAN RAAN, A. F. J. **Highly cited non-journal publications in political science, economics and psychology: a first exploration.** Scientometrics, v. 83, p. 363-374, 2010.
- ORTIZ, R. **As Ciências Sociais e o inglês.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 19, n. 54, p. 5–22, 2004.
- PATEL, S. **Afterword: doing global sociology, issues problems and challenges.** Current Sociology, v. 62, n. 4, p. 603-613, 2014.
- PIOVANI, J. I., RAUSKY, M. E. & SANTOS, J. A. **Qualitative Research in Issues of the American Journal of Sociology during the Hegemony of The Chicago School.** Method(e)s: African Review of Social Sciences Methodology, v.1, n. 1-2, p. 111-123, 2015.
- RIBEIRO, M. **As expressões da divisão internacional do trabalho intelectual em revistas internacionais de teoria social.** Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.
- SANTIN, D. M., VANZ, S. A. S. & STUMPF, I. R. C. **Internacionalização da produção científica em Ciências Biológicas da UFRGS: 2000-2011.** Transinformação, v. 27, n. 3, p. 209-218, 2015.
- SHIN, J. C & B.M. **The World-Class University: Concept and Policy Initiatives.** In: \_\_\_\_\_. Institutionalization of world-class university in global competition, 2012. Cap 2, p. 33-62.
- SOH, K. **Nearing world-class: Singapore's two universities in QSWUR 2015/16.** Journal of Higher Education Policy and Management, p. 1-10, 2016.
- UNESCO. **World Social Science Report 2010.** Paris: UNESCO Publishing. 2010.
- VAN RAAN, A. F. J, VAN LEEUWEN, T. N. & VISSER, M. S. **Severe language effect in university rankings: particularly Germany and France are wronged in citation-based rankings.** Scientometrics, v. 88, n.2, 495-498, 2011.
- VAN RAAN, A. F. J. **Fatal attraction: Conceptual and methodological problems in the ranking of universities by bibliometric methods.** Scientometrics, v. 62, n.1, 133-143, 2005.
- VAN RAAN, A. F. J. **Properties of journal impact in relation to bibliometric research group performance indicators.** Scientometrics, v. 92, 457-469, 2012.
- VAN RAAN, A. F. J. **Sleeping beauties in science.** Scientometrics, v. 59, n.3, 467-472, 2004.

VELEZ-CUARTAS, G., LUCIO-ARIAS, D. & LEYDESDORFF, L. **Regional and Global Science: Publications from Latin America and the Caribbean in the SciELO Citation Index and the Web of Science**. *El Profesional de la Información*, v. 25, n.1, 35-46, 2016.

WALSH, C. **¿Son posibles unas ciencias sociales/culturales otras? Reflexiones en torno a las epistemologías decoloniales**. *Nómadas*, n. 26, p. 102–113, 2007.

WANG & WANG & LIU, A. & S. **Building World-Class Universities in China: Shanghai Jiao Tong University**. In:\_\_\_\_\_. *The Road to Academic Excellence*, Cap 2, p. 17-32, 2011.

YU, L. & YU, H. **Does the average JIF percentile make a difference?**. *Scientometrics*, v. 109, n.3, 1979-1987, 2016.